



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**NANDHARA BEZERRA DA SILVA**

**“CONHEÇO MEU LUGAR”:  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO  
ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA**

**SUMÉ - PB  
2023**

**NANDHARA BEZERRA DA SILVA**

**“CONHEÇO MEU LUGAR”:  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO  
ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.**

**Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.**

**SUMÉ - PB  
2023**



S586c Silva, Nandhara Bezerra da.  
"Conheço meu lugar": uma intervenção pedagógica a partir do diálogo entre Literatura e Sociologia. / Nandhara Bezerra da Silva. - 2023.

98 f.

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Educação contextualizada. 2. Geração de 1930. 3. Formação continuada. 4. Clube de leitura. 5. Interdisciplinarização do ensino. 6. Intervenção Pedagógica. 7. Escola Cidadã Integral Técnica. 8. ECIT - José Gonçalves de Queiroz - Sumé - PB. 9. Literatura e Sociologia - diálogo. I. Lima, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. II Título.

CDU: 316:8(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**NANDHARA BEZERRA DA SILVA**

**“CONHEÇO MEU LUGAR”:  
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO  
ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semi-árido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima  
Orientadora - UACiS/CDSA/UFCG**

---

**Professor M.e. Cauby Dantas.  
Examinador Externo - UFPB/CCA**

---

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.  
Examinador Interno - UACiS/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 30 de junho de 2023.**

**SUMÉ - PB**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família em nome dos meus amados pais, Marcelo Bezerra e Rosana Bezerra, minha irmã Nádha Bezerra e minha cachorrinha Kiara. Vocês são minha base, meu sustento e meu lar.

Agradeço também ao meu companheiro de vida, Jansen Moreira, que, além de muita cumplicidade e companheirismo, proporciona-me riqueza cultural e intelectual cotidianamente, tendo sido o responsável por me apresentar os romances de literatura nordestina através da obra “Menino de engenho”, do José Lins do Rego.

Em nome de Edneide Elisbão, a melhor amiga que a graduação me presenteou, aquela que esteve comigo em todos os momentos, literalmente, dessa minha jornada, compartilhando risos e choros, agradeço a todos os meus demais amigos e amigas que também sempre estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Agradeço, em especial, a minha professora, orientadora e amiga, Lena Costa Carvalho, que foi responsável por grande parte da minha formação, sendo minha orientadora desde o início da graduação, além de ser uma ótima companhia para compartilhar a vida e as boas conversas sobre literatura, arte, cultura, à luz de muita Sociologia.

Agradeço também a minha professora de Projeto de Pesquisa, Júnia Marússia, que me orientou durante a construção do projeto de pesquisa, com muita dedicação, paciência e cuidado, e ao professor Valdonilson Barbosa, que me acompanhou durante toda a graduação, especialmente nos programas de PIBID e Residência Pedagógica.

Em nome de Edilza Oliveira, gestora da ECIT José Gonçalves de Queiroz, agradeço a todos os profissionais que contribuíram para a realização deste trabalho e por todo o acolhimento no ambiente escolar. Agradeço também ao meu amigo professor Gustavo Costa, que foi o meu braço direito durante todo o período em campo, ajudando-me na idealização e concretização do clube de leitura na escola.

Agradeço, especialmente, a todos os estudantes que participaram do clube de leitura. Vocês foram fundamentais nesse trabalho, ele só foi concretizado por causa do interesse, disponibilidade e compromisso de vocês.

Por último, e não menos importante, agradeço a minha banca, composta pelo Prof<sup>o</sup>. Dr. Luan Oliveira e o Prof<sup>o</sup>. Mr. Cauby Dantas, por todas as contribuições no meu trabalho.

“Nordeste é uma ficção/ Nordeste nunca houve/  
Não eu não sou do lugar/ Dos esquecidos/ Não sou  
da nação/ Dos condenados/ Não sou do sertão/ Dos  
ofendidos/ Você sabe bem/ Conheço o meu lugar”  
**(Conheço o meu lugar - Belchior)**

## RESUMO

O presente trabalho trata de uma intervenção pedagógica, realizada a partir de um clube de leitura, com o propósito de trabalhar o Nordeste brasileiro a partir do diálogo entre a Literatura e as Ciências Humanas, especificamente a Sociologia, com estudantes leitores do ensino médio, de uma Escola Cidadã Integral Técnica – ECIT José Gonçalves de Queiroz, localizada no município de Sumé, no Cariri Paraibano. Realizou-se uma análise documental sobre os documentos curriculares e a coleção didática do Programa Nacional do Livro e Material Didático - PNLD 2021, com intuito de identificar as temáticas, conteúdos, competências e habilidades para a fundamentação da proposta de interdisciplinaridade na intervenção, uma análise de conteúdo dos livros de literatura, para identificar temáticas abordadas no ensino da Sociologia, e a realização da intervenção pedagógica em formato de clube de leitura. O clube foi realizado entre 22 de Março e 17 de Maio de 2023, com um total de seis encontros, realizados no horário das 12h30 às 13h20, na biblioteca da escola. Realizamos leituras, discussões e análises sobre algumas obras clássicas da Literatura brasileira/nordestina da década de 1930, quais sejam, “Menino de engenho” do José Lins do Rego, “O Quinze” da Rachel de Queiroz e “Vidas Secas” do Graciliano Ramos, trazendo abordagens históricas, geográficas e sociais. O trabalho resultou na concretização da proposta de interdisciplinarização e contextualização para conhecer e compreender o Nordeste, através dos fenômenos sociais, históricos e geográficos presentes nas narrativas das obras. Concluiu-se, então, que foi possível concretizar o objetivo deste trabalho, ao ensinar e aprender sobre a região Nordeste com disciplinas em diálogo, como a Sociologia, a História e a Geografia com as obras literárias e as vivências individuais e sociais dos estudantes, cumprindo a proposta de contextualização e interdisciplinarização no ensino. Os estudantes também revelaram as suas insatisfações com o excesso de carga horária no ensino integral, tornando-os mais cansados e menos produtivos no ambiente escolar. O trabalho conteve algumas falhas e limitações na sua realização, como o público alvo ser de alunos, majoritariamente, considerados os melhores no desempenho escolar, o excesso de falas minha e do professor durante alguns debates, e pouca delimitação de regras para as discussões, a autonomia não foi um aspecto positivo na dinâmica do clube, sendo importante novas propostas e reformulações de pesquisas.

**Palavras-chave:** Nordeste; Educação contextualizada; Geração de 1930; Ciências Humanas; Clube de leitura.

## ABSTRACT

The present work is about a pedagogical intervention, carried out from a reading club, with the purpose of working the Brazilian Northeast from the dialogue between Literature and Humanities, specifically Sociology, with high school students of a Technical Integral Citizen School - ECIT José Gonçalves de Queiroz, located in the municipality of Sumé, in Cariri Paraibano. A documental analysis of the curriculum documents and the didactic collection of the National Program of Books and Didactic Materials - PNLD 2021 was done, in order to identify the themes, contents, competencies and abilities for the foundation of the interdisciplinarity proposal in the intervention, a content analysis of the literature books, to identify themes addressed in the teaching of Sociology, and the realization of the pedagogical intervention in the format of a reading club. The club was carried out between March 22 and May 17, 2023, with a total of six meetings, held during the hours of 12:30 to 1:20 pm, in the school library. We carried out readings, discussions and analyses of some classic works of Brazilian/Northeastern literature from the 1930's, namely "Menino de engenho" by José Lins do Rego, "O Quinze" by Rachel de Queiroz and "Vidas Secas" by Graciliano Ramos, bringing historical, geographical and social approaches. The work resulted in the concretization of the proposal of interdisciplinarity and contextualization to know and understand the Northeast, through social, historical and geographical phenomena present in the narratives of the works. It was concluded, then, that it was possible to accomplish the objective of this work, by teaching and learning about the Northeast region with disciplines in dialogue, such as Sociology, History and Geography with the literary works and the individual and social experiences of the students, fulfilling the proposal of contextualization and interdisciplinarity in teaching. The students also revealed their dissatisfaction with the excessive workload in full time education, making them more tired and less productive in the school environment. The work contained some flaws and limitations in its realization, such as the target audience being mostly students considered the best in school performance, the excess of my and the teacher's speeches during some debates, and little delimitation of rules for discussions, the autonomy was not a positive aspect in the dynamics of the club, being important new proposals and research reformulations.

**Keywords:** Northeast; Contextualized Education; 1930s Generation; Humanities; Reading Club.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ECIT JGQ – Escola Cidadã Integral Técnica José Gonçalves de Queiroz

PNLD – Programa Nacional do Livro e Material Didático

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

PCPB – Proposta Curricular da Paraíba

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

IOCS – Inspeção de Obras Contra as Secas

IFOCS – Inspeção Federal de Obras Contra as Secas

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

PIN – Programa de Integração Nacional

PROTERRA – Programa de Redistribuição de Terras

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1: “NORDESTE, FICÇÃO CIENTÍFICA”: O NORDESTE À LUZ DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
2.1	O FENÔMENO DA SECA E OS FLUXOS MIGRATÓRIOS.....	13
2.2	A FORMAÇÃO DO NORDESTE E AS ELITES NORDESTINAS.....	17
2.3	LITERATURA BRASILEIRA DE 1930.....	19
2.3.1	<b>José Lins do Rego.....</b>	<b>22</b>
2.3.2	<b>Rachel de Queiroz.....</b>	<b>25</b>
2.3.3	<b>Graciliano Ramos.....</b>	<b>27</b>
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2: (RE)ENSINANDO E (RE)APRENDENDO NORDESTE NA ESCOLA: A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO.....</b>	<b>31</b>
3.1	ANÁLISE DOCUMENTAL.....	32
3.2	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	36
3.2.1	<b>Metodologias Ativas.....</b>	<b>36</b>
3.2.2	<b>Campo e Público de Intervenção.....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3: AS EXPERIÊNCIAS DO CLUBE DE LEITURA.....</b>	<b>42</b>
4.1	“ELE É UM MENINO MELANCÓLICO”: DISCUSSÕES SOBRE “MENINO DE ENGENHO” - JOSÉ LINS DO REGO.....	43
4.1.1	<b>Identidade e Identificação.....</b>	<b>44</b>
4.1.2	<b>Fatos históricos, socialização e naturalização das desigualdades.....</b>	<b>46</b>
4.1.3	<b>Regionalismo.....</b>	<b>50</b>
4.1.4	<b>Desigualdades de gênero e racial.....</b>	<b>52</b>
4.2	“INDEPENDENTE DO QUE ESTAVA ACONTECENDO ELE SÓ QUERIA ESTAR LÁ, NAQUELE LUGAR”: DISCUSSÕES SOBRE “O QUINZE” - RACHEL DE QUEIROZ.....	54
4.2.1	<b>Religiosidade, interdisciplinaridade e contextualização.....</b>	<b>57</b>
4.2.2	<b>Desigualdade de gênero e patriarcalismo.....</b>	<b>60</b>
4.2.3	<b>Escolarização e desigualdades entre o rural e o urbano.....</b>	<b>60</b>
4.2.4	<b>Relação entre ser humano e natureza.....</b>	<b>64</b>
4.2.5	<b>Migrações.....</b>	<b>65</b>
4.3	“ELES NÃO TINHAM NEM PRA ELES, IMAGINA PRA BALEIA, NÉ!?”: DISCUSSÕES SOBRE “VIDAS SECAS” - GRACILIANO RAMOS.....	67
4.3.1	<b>Desigualdade social e violência policial.....</b>	<b>68</b>
4.3.2	<b>Desigualdade de gênero e a instabilidade social.....</b>	<b>70</b>
4.4	CLUBE DE LEITURA COMO ESPAÇO PARA REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA.....	71
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>81</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta de intervenção pedagógica deste trabalho está relacionada a minha história com os romances de literatura nordestina da década de 1930 e com o meu interesse de utilizar obras literárias como ferramenta didática para o ensino das ciências humanas, especificamente da Sociologia no ensino médio.

O meu primeiro contato com esse tipo de romance ocorreu em 2018, antes de ingressar na graduação em Ciências Sociais, a partir da leitura do livro “Menino de engenho” do José Lins do Rego. Ressalto que desde 2016 eu não lia um livro sequer de literatura, então, esta obra também me fez retornar ao mundo da leitura. Foi uma forma arrebatadora de retornar, por causa do tipo de narrativa da história, pois José Lins narra a vida cotidiana de uma criança pertencente à aristocracia rural nordestina, neto de senhor de engenho e paraibano, com uma linguagem acessível e compreensível, principalmente por descrever paisagens, cenas e utilizar dizeres do cotidiano de um nordestino.

Com isso, eu, enquanto paraibana, natural do Brejo Paraibano, morando próximo ao engenho da cachaça Rainha e de casas senhoriais, na cidade de Bananeiras-PB e tendo interesse desde criança pelas histórias sobre casas-grandes e engenhos nordestinos, fiquei completamente encantada com cada pedacinho dessa história. Era como se eu estivesse lendo um mundo real, aquele que eu aprendia nas aulas de história na escola, ou melhor, a minha própria realidade. Conheci meu lugar de outra maneira, a princípio, lendo “Menino de engenho”.

Em 2020 e 2021, quando já estava na metade da graduação em Ciências Sociais, com as aulas remotas por causa da pandemia de covid-19, passei a me dedicar mais às leituras de obras literárias. Então, comecei a adquirir mais livros de literatura nordestina, como “Morte e Vida Severina” do João Cabral de Melo Neto, “A pena e a lei” do Ariano Suassuna, “Torto Arado” do Itamar Vieira Júnior, “Vidas Secas” do Graciliano Ramos, etc. Assim, ao tempo que me dedicava às aulas e atividades acadêmicas do curso e lia tais obras, iniciei um processo espontâneo de analisar o que estava lendo a partir dos conteúdos/teorias/conceitos que estudava na graduação.

No entanto, foi na disciplina de Sociologia da Vida Cotidiana que percebi a real possibilidade de diálogo entre literatura e Sociologia, durante o processo de escrita do meu diário sociológico, que foi a principal atividade avaliativa da disciplina, proposta pela professora Lena como exercício de artesanato intelectual, inspirado em Wright Mills.. O diário foi a minha primeira inspiração para a realização deste trabalho, nele me coloquei como pesquisadora, leitora e professora que já enxergava a importância da literatura como ferramenta

didática para o ensino da Sociologia no ensino médio.

A princípio, quando pensei em trabalhar o Nordeste a partir do diálogo entre literatura e Sociologia, meu principal propósito era possibilitar o conhecimento sobre o lugar/ambiente que os estudantes estavam inseridos nas perspectivas científica e literária, colocando em prática o ensino contextualizado e interdisciplinar<sup>1</sup> no ensino médio. Acreditei, portanto, que se um dia pude conhecer o meu lugar através da literatura nordestina, a sua junção com as ciências humanas poderia oferecer uma maior bagagem de conhecimentos, baseados em conteúdos que os estudantes já tinham acesso na escola através das disciplinas curriculares.

Sendo assim, a escolha dos livros a serem trabalhados com este público, deu-se a partir do contexto social, geográfico e histórico vivenciados em seu cotidiano, pela faixa etária de idade, pelo breve conhecimento sobre suas características como alunos na escola, pela linguagem acessível e por, geralmente, serem trabalhados em literatura no ensino médio, além do meu apreço individual pelas obras, quais sejam, “Menino de engenho” do José Lins do Rego, “O Quinze” da Rachel de Queiroz, “Vidas Secas” e “São Bernardo” do Graciliano Ramos. Porém, destes três, “São Bernardo” não foi trabalhado, devido ao tempo curto e também pela escolha dos estudantes. O fato é que os livros selecionados contam mais do que um período histórico ou um contexto social e geográfico, eles fazem parte de uma espécie de literatura regionalista, contribuindo para a formação da nacionalidade brasileira.

Nesse sentido, o presente trabalho foi desenvolvido por uma perspectiva interdisciplinar, utilizando a sociologia, a história e a geografia, no campo das ciências humanas, e a literatura, no campo das linguagens. Então, realizei uma intervenção pedagógica que promoveu um diálogo, principalmente, entre a sociologia e a literatura, e teve como principal intuito o desenvolvimento de uma proposta que abordasse o Nordeste a partir do contato com obras literárias da geração de 1930.

O objetivo deste trabalho foi possibilitar aos estudantes leitores da Escola Cidadã Integral Técnica Estadual - ECIT José Gonçalves de Queiroz, localizada no município de Sumé, no Cariri Paraibano, o conhecimento e a compreensão sobre o lugar/região em que vivem, ou seja, o Nordeste/Cariri, através do diálogo entre Literatura e Ciências Humanas, com ênfase na Sociologia. Nesse sentido, o trabalho teve objetivos específicos divididos em duas etapas: a primeira foi uma análise documental, com intuito de analisar os romances de literatura

---

<sup>1</sup> Um trabalho interdisciplinar, (...) deve buscar unidade em termos de prática docente, (...) centrada no trabalho permanentemente voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, apoiado na associação ensino–pesquisa e no trabalho com diferentes fontes expressas em diferentes linguagens, que comportem diferentes interpretações sobre os temas/assuntos trabalhados em sala de aula (BRASIL, 2006, p.21).

nordestina da geração de 1930, os documentos curriculares e alguns livros da coleção didática do PNLD 2021. A segunda foi a intervenção pedagógica em formato de clube de leitura, que objetivou perceber a presença da interdisciplinaridade e contextualização durante as leituras e debates dos livros, e refletir sobre a formação sociohistórica da região Nordeste.

Em primeiro momento, realizei uma pesquisa documental para analisar os romances, os documentos curriculares e algumas coleções didáticas do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2021, e apliquei categorias analíticas durante as análises dos livros de literatura, com base nestes materiais. Em seguida, criei e desenvolvi um clube de leitura para trabalhar alguns romances de literatura nordestina da geração de 1930, aproximando as narrativas literárias às vivências pessoais dos estudantes e aos conteúdos curriculares das Ciências Humanas, contextualizando e interdisciplinarizando o ensino.

Com isso, é válido destacar que a importância da interdisciplinaridade e da contextualização como fundamentos para o processo de ensino-aprendizado nas áreas das ciências humanas e sociais, tendo sido formalizadas no ensino médio desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). No que diz respeito à interdisciplinaridade, os PCN enfatizam que a prática docente deve se voltar para o desenvolvimento de habilidades e competências, um exemplo são as da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apoiando-se no ensino-pesquisa, na diversidade linguística e nas interpretações divergentes sobre um mesmo tema, valendo para a explicação e entendimento dos estudantes sobre os conteúdos. Já com relação à contextualização, o documento diz que no ensino dos temas/assuntos deve ser levado em conta as vivências sociais e pessoais do cotidiano dos estudantes.

Portanto, assim como Falchetti (2021), acredito que a abordagem das temáticas sociológicas sobre materiais culturais, como livros de literatura nordestina/brasileira, possibilita uma formação de jovens leitores que leem não só livros, mas também o mundo e a vida social. A autora ainda ressalta que é necessário que haja temas pré-estabelecidos para que ocorra a dinâmica de ensino dialogando literatura com sociologia, e que estes estejam de acordo com a realidade escolar. Além disso, é válido destacar que a literatura pode servir como instrumento para o ensino da sociologia, então, é fundamental que sejam desenvolvidas mediações que tornem o conhecimento sociológico próximo às narrativas literárias (FALCHETTI, 2021).

A partir da análise documental sobre os documentos curriculares (Proposta Curricular da Paraíba - PCPB, BNCC e alguns Livros didáticos do PNLD 2021) foram pré-estabelecidas as temáticas sociológicas para a realização da análise documental dos romances, as quais tornaram categorias de análises, quais sejam: cultura, identidade, diversidade, política, trabalho,

desigualdades sociais, socialização e migrações, todas presentes como temas trabalhados nas três séries (1º, 2º e 3º anos) do ensino médio no ensino de sociologia. Assim, também identifiquei a presença dos conteúdos da história, geografia e literatura a partir da PCPB, a interdisciplinaridade na abordagem destes temas em umas das coleções didáticas do PNLD 2021, e algumas habilidades e competências a serem desenvolvidas.

No que diz respeito ao Clube de leitura, ele foi desenvolvido para os estudantes leitores da ECIT José Gonçalves de Queiroz, da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano, escola que atuei como estagiária e residente pedagógica desde Outubro de 2022. Os encontros foram realizados de Março a Maio de 2023, contabilizando seis encontros, os quais foram realizados no intervalo do almoço, com duração de 1 hora e 20 minutos, aproveitando-se 40 minutos para as discussões dos livros. Para tanto, este trabalho é dividido em três capítulos, em que serão expostos a base teórica que o fundamentou, os métodos adotados para a sua realização e os seus resultados na prática.

O primeiro capítulo, intitulado “‘Nordeste, ficção científica’: o Nordeste à luz das ciências humanas e da literatura”, vai tratar desse percurso teórico, abordando o fenômeno da seca, os fluxos migratórios, a formação do Nordeste, as elites desta região e, por fim, a literatura brasileira de 1930, com destaque nos três romancistas: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

O segundo capítulo, intitulado “(Re)Aprendendo e (Re)Ensinando Nordeste na escola: a literatura como recurso didático”, retrata como foi realizada a pesquisa metodologicamente, descrevendo a realização de uma análise documental dos livros literários e dos materiais curriculares, e a intervenção pedagógica, explicada a partir das metodologias ativas e da descrição do campo e público em que seria executada.

No terceiro e último capítulo, tratarei dos resultados da intervenção, como ocorreram as reuniões do clube de leitura, as falas e trechos dos livros citados pelos estudantes durante as discussões, suas percepções de mundo, o diálogo entre as ciências humanas e a literatura na prática, etc. É neste capítulo que saberemos como, de fato, ocorreu o conhecer e compreender o seu próprio lugar através de um olhar ficcional e científico. Já nas considerações finais, após a retomada do problema que levou à intervenção e seus principais resultados, serão apresentados os limites deste trabalho e as novas possibilidades de pesquisas, que podem ser baseadas neste estudo.

## 2 CAPÍTULO 1: “NORDESTE, FICÇÃO CIENTÍFICA”: O NORDESTE À LUZ DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA LITERATURA

Lugar hostil de gente tão pacífica  
Nordeste, ficção científica  
É pobre, é seca, é criança raquítica  
Nordeste, invenção política  
Nordeste, emoção artística

- Juliana Linhares (Nordeste Ficção)

O título deste capítulo foi criado por inspiração da música “Nordeste Ficção” da artista nordestina, da cidade de Natal-RN, Juliana Linhares. O seu álbum, de mesmo nome da música, foi inspirado no livro do historiador paraibano, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, intitulado “A invenção do Nordeste e outras artes”, que será explorado ao decorrer deste capítulo. A escolha da frase “Nordeste, ficção científica” foi feita por representar duas facetas na narrativa sobre o Nordeste: uma é a ficção, que será abordada aqui a partir da literatura de 1930, e a outra é a ciência, que será desenvolvida com base nas ciências humanas, evidenciando alguns dos fenômenos sociais, geográficos e históricos responsáveis pela construção da região. O capítulo é construído por um enredo, de fato, científico e ficcional, e é nele que explicarei essa formação/invenção/construção do Nordeste e a sua “emoção artística” a partir da literatura.

### 2.1 O FENÔMENO DA SECA E OS FLUXOS MIGRATÓRIOS

O nordeste brasileiro é conhecido por várias facetas, como território açucareiro, mas também de intensas secas, além de conter os maiores e mais importantes portos de embarcações e comercializações, sendo a base das relações econômicas externas e internas do país (ANDRADE, 1978). Considerando-se, assim, uma região de contrastes, desde o espaço geográfico aos elos sociais, econômicos e culturais (Idem, ibidem).

Desde o século XVIII a região Nordeste passou a sofrer problemas de superpovoamento e repulsão, tonando-se fornecedor do processo emigratório inter-regionais por todo o Brasil (ANDRADE, 1978). Iniciou-se, ainda neste século, a migração de nordestinos aburguesados (comerciantes, criadores de gado, senhores de engenho endividados, etc.) para Minas Gerais, por via marítima e através do rio São Francisco, os quais foram em busca de melhores formas de conseguir riquezas por meio da mineração que estava em curso na época (Idem, ibidem). Em

sequência, entre 1877-80, houve um grande fluxo migratório de sertanejos para o território amazônico, pois no sertão nordestino estava ocorrendo a intensa seca, e na Amazônia ocorria o surto da borracha, que tinha como intuito restaurar as riquezas provindas da exploração de seringais (ANDRADE, 1978).

No Brasil, o fenômeno da seca é conhecido como um problema climático que causou miséria, sofrimento, fome, etc., para muitos nordestinos. Porém, ainda é pouco falado sobre o que realmente é este fenômeno, e a diferenciação entre os problemas climáticos e os sociais/políticos/econômicos vivenciados por estes sujeitos. Para compreender o que é a seca, é preciso entendermos o que é estiagem, que, de acordo com Ferreira et al. (2020, p.14), ocorre anualmente e faz parte do clima semiárido, o qual pertence ao Sertão nordestino, não há uma data exata de duração e, por diversas vezes na história, causou problemas econômicos e sociais, além de mudanças de vida. Os cidadãos que habitam esse território sempre precisaram e foram ensinados a conviver e se relacionar com esse tipo de bioma e clima, sabendo como enfrentar períodos de crises advindas da natureza (BURITI & AGUIAR, 2008, p.9). Mas o real problema que os sertanejos enfrentavam era a exploração e subordinação das oligarquias nordestinas que comandavam “os recursos naturais como as terras para cultivo e pecuária, os reservatórios de águas, etc” (BURITI & AGUIAR, 2008, p.9).

A partir da seca de 1877 que o Nordeste passa a ser visto nacionalmente como uma região-problema (BURITI & AGUIAR, 2008, p.11). O deslocamento da população sertaneja para a região Norte (Amazonas e Pará), para outros lugares no próprio Nordeste, com climas consideravelmente úmidos, como os Estados do Maranhão e Piauí, e o Brejo e Litoral nordestino, passou a ser defendido pelos grupos políticos e econômicos, sendo considerado uma estratégia de ‘solucionar os efeitos da seca’ (idem, ibidem).

Em 1909 foi criada a Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), que dez anos depois (1919) passou a ser chamada de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), e a mesma passou a ser o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) desde 1945 até hoje, servindo de assistência aos sertanejos migrantes, mas também como mais uma estratégia de incentivo para servirem de mão de obra, especificamente na Amazônia (FERREIRA et. al., 2020, p.17). Porém, devido a desvalorização da borracha e ao desenvolvimento urbano no Sudeste, os nordestinos passaram a migrar para São Paulo e Rio de Janeiro, cidades que estavam em processo de formação urbanística. Os responsáveis pelas construções industriais/urbanas optavam por mão-de-obra barata, colocando homens para trabalharem na construção civil e mulheres para os serviços domésticos em casas da elite e

classe média (ANDRADE, 1978).

A industrialização deu início na região sudeste, mas as cidades metropolitanas e capitais, como Recife-PE, Salvador-BA, João Pessoa-PB, também foram atingidas pelo fenômeno industrial (ANDRADE, 1978). Iniciando-se um novo tipo de migração, agora os trabalhadores dos interiores do Nordeste, maioria sertanejos, vaqueiros, moradores de engenho, etc., passam a migrar para essas metrópoles e capitais da própria região, pois as oportunidades de emprego cresciam no espaço urbano, e diminuía no meio rural (idem, ibidem).

O processo migratório do campo para a cidade passa a superlotar o espaço urbano e esvaziar o rural, de maneira desproporcional e sem planejamento (BURITI & AGUIAR, 2008, p.14). A cidade de São Paulo, por exemplo, só passa a ser considerada uma megalópole com o movimento migratório dos nordestinos, e estes, juntamente com os negros abolidos da escravidão, pobres, etc. foram levados a formar bairros periféricos/favelas nas cidades do Sul/Sudeste (idem, ibidem).

Na seca de 1970, “o Governo criou mais de meio milhão de postos de trabalho” (FERREIRA et. al., 2020, p.17), veiculando maiores “oportunidades” para a região Nordeste em consonância com os “projetos de irrigação e abertura de estradas aprovadas em 1971 pelo Programa de Integração Nacional (PIN) e pelo Programa de Redistribuição de Terras (PROTERRA)” (idem, ibidem). Já durante a seca de 1979 a 1983, o Governo proporcionou “mais de três milhões de empregos temporários” alegando se preocupar com o processo de deslocamento/migração dos cidadãos e vítimas da seca (idem, ibidem). No entanto, houve o famoso desvio de dinheiro para os proprietários de terras/latifundiários/senhores de engenho, aumentando ainda mais o poder coronelista e paternalista no Nordeste brasileiro (FERREIRA et. al., 2020, p.17).

Com isso, é válido destacar que, mesmo havendo os desvios de verbas do governo para os bolsos dos proprietários privados, esses programas de “assistencialismo” vindo do Estado não significa que existia uma preocupação com as vítimas da seca. A criação de novos empregos temporários para que estes sujeitos não se deslocassem de uma região para outra ou do interior do Sertão para as metrópoles, por exemplo, poderia ser justificada pelo fato da elite política/econômica possuir o ideal de “higienizar esses ambientes urbanos, principalmente, quando se tratava das capitais dos Estados, em que era necessário disciplinar os fluxos e segregar populações pobres em espaços modestos e afastados” (BURITI & AGUIAR, 2008, p.13).

A criação de muitas políticas públicas em combate a seca proporcionou sim um tipo de

assistencialismo e reduziu algumas desigualdades sociais, possibilitando uma diminuição do estado vulnerável que viviam muitos agricultores, vaqueiros, trabalhadores rurais em si, durante o período prolongado das estiagens (FERREIRA et. al., 2020, p.18). Porém, o Governo Federal não tinha tanta intenção de resolver os problemas da seca na região do semiárido nordestino, pelo contrário, preocupava-se mais com o desenvolvimento industrial das cidades, seja no Sul/Sudeste ou nas próprias metrópoles do Nordeste, modernizando-as (BURITI & AGUIAR, 2008, p.22).

Em um estudo intitulado “Nos caminhos para o Nordeste: reflexões sobre os impactos diretos e indiretos da migração de retorno no período recente”, Ricardo Ojima e Tiago Nascimento se propõem a caracterizar a configuração dos novos espaços de migração no Brasil, tendo um olhar exclusivo sobre o Nordeste, principalmente no que diz respeito ao retorno dos nordestinos aos seus Estados de origem. Os autores caracterizam a migração de retorno como a volta dos indivíduos à sua terra natal após um longo período vivendo em outro Estado/região do país. O Sudeste, por exemplo, nos últimos anos diminuiu a taxa de migrações, evidenciando a perda de atratividade para a população, diferente de como ocorreu no século XX, em que era considerada a região mais atrativa e de referência para oportunidades de emprego (OJIMA & NASCIMENTO, 2015).

Em contrapartida, o Ceará-CE e a Paraíba-PB, por exemplo, são os Estados do Nordeste que registram uma taxa de mais de 40% dessas migrações de retorno, entre 2005 a 2010 (OJIMA & NASCIMENTO, 2015). Com isso, o que está havendo é um movimento migratório “inverso”, ou seja, muitos sujeitos nordestinos que migraram para o Sudeste no século passado estão retornando para o Nordeste, e isso tem ocorrido pelo fato de investimentos em desenvolvimento urbano nesta região (idem, ibidem). Os nordestinos estão retornando para, agora, desenvolver urbanisticamente e economicamente os espaços considerados médios, que não são cidades metropolitanas e nem capitais, dos seus Estados de origem (OJIMA & NASCIMENTO, 2015).

Diante deste novo cenário, há de ser ressaltado o desejo e o valor que os indivíduos que migravam do Nordeste para o Sudeste/Sul ou para o litoral ou Brejo, possuem por sua terra natal, mesmo que o seu lugar de origem não fosse valorizado por aqueles que partilhavam o novo espaço com eles, pois, de acordo com Buriti e Aguiar (2008, p.12),

Embora o Sertão fosse percebido pelos moradores dos canaviais como terra de ‘desterro’, que ‘nem água tinha’ e a terra era ‘dura para trabalhar, cheia de pedras’, com as primeiras chuvas os sertanejos retornavam àquela região que se tornava um ‘presente do céu’.

O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, vai dizer que esses ‘quadros de horrores’, essa narrativa sobre a miséria dos sujeitos vítimas dessas secas, começam a contribuir com a formação de uma imagem sobre a região. As elites governamentais enxergam essa criação imagética como algo favorável para que seus interesses políticos e econômicos possam unificar-se, utilizando o “abandono da região pelo poder público” como estratégia para fins lucrativos e para o aumento do poderio, além de tornar o Nordeste visível de maneira nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.72). O estereótipo, ou melhor, esse “quadro de horrores” pintado imageticamente pela elite não desapareceu, tornando não apenas “o retirante o visado, mas sim, todo o Nordeste” (FERREIRA et. al., 2020, p.18). Portanto, seria necessário construir uma nova perspectiva sobre os fenômenos da seca e das migrações, mas, especificamente, do Nordeste em si.

## 2.2 A FORMAÇÃO DO NORDESTE E AS ELITES NORDESTINAS

A palavra “Nordeste” foi designada para identificar a área que a IFOCS iria atuar na região Norte, que era a parte territorial que o fenômeno da estiagem ocorria e o poder público passou a dar mais atenção, ou seja, como diria o próprio historiador Durval Muniz: “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.81). Inicia-se, então, a construção de um discurso imagético sobre o fenômeno da seca, e foi sendo desenvolvida a ideia, entre intelectuais e políticos que tinham ligações diretas com a IFOCS, de unificar/homogeneizar uma imagem/narrativa sobre essa nova região que estava surgindo, como se “o Nordeste devesse ser visto e lido numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.84).

As secas foram sim fundamentais para dar início ao enredo histórico-social da formação do Nordeste, porém, o nascimento desta região é inerente a uma constituição política-cultural desenvolvida a partir do sentimento de perda que as elites açucareira e algodoeira sofriam, pois com a intervenção mais frequente do Estado nesses territórios, os espaços políticos e econômicos já não estavam tão concentrados em suas mãos como antes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Assim, os intelectuais, políticos, comerciantes, entre outros, que faziam parte dessas elites passaram a buscar uma identidade para essa nova região que surgia: o Nordeste.

A “invenção” dessa identidade regionalista se deu a partir da globalização, com suas relações sociais e econômicas no sistema capitalista e a nacionalização do poder, ou seja, a centralização do poder nas mãos do Estado, que tanto incomodava essa aristocracia açucareira

e algodoeira, sendo difundida com base em um discurso tradicionalista (idem, ibidem). Inicia-se, assim, a construção de um “Nordeste tradicional”, que, notadamente, só passou a existir com a chegada da modernidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Com isso, as elites da região passaram a designar significados a elementos do passado, que já estavam perdendo seus valores com a chegada da modernização, propondo aos indivíduos do presente um novo olhar sobre a história, com intuito de permanecerem no poder, convencendo o povo a ficarem ao seu lado a partir de um discurso-imagético saudosista e memorialista sobre a região e sobre si mesmos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A classe aristocrata convenceu as classes populares/o povo, que habitavam naqueles territórios, de que todos eram vítimas desse processo de mudanças sociais advindas do industrialização/urbanização, que o sofrimento era partilhado por todas as classes, tornando mais forte a ideia de unificação da diversidade (DABAT, 2007).

Uma das principais figuras fundadoras desse discurso imagético saudosista, memorialista e identitário, foi o sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, o qual tinha como base constitutiva desse discurso um Nordeste açucareiro, que pertencia a sua classe (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A tradição e a saudade se tornam uma só nos escritos de Freyre, constituindo uma autoridade ideológica da elite açucareira para com o povo, que se submetia sem questionar (DABAT, 2007; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Porque a saudade e a tradição se impõem como verdades legítimas pelo passar do tempo, especificamente por sua durabilidade, e essa seria uma das intenções de Freyre ao desenvolver o movimento regionalista/saudosista no Nordeste/Brasil (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; DABAT, 2007).

Em o “Manifesto regionalista”, escrito pelo sociólogo para o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado na cidade do Recife-PE, em Fevereiro de 1926, Gilberto Freyre diz que é “de regiões que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais” (FREYRE, 1996, p.2), e ainda acrescenta que “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil” (idem, ibidem). Na concepção freyriana a base histórica do Brasil é a do açúcar, são as relações sociais, econômicas, afetivas, culturais dos senhores de engenhos com seus escravos, agricultores, caboclos, negros e povos tradicionais que originam a sociedade brasileira (DABAT, 2007). Para o sociólogo, essas relações pertenciam, quase que especificamente, ao Nordeste, logo, a formação do país é nordestina (idem, ibidem). No “Manifesto regionalista”, Freyre vai defender, por exemplo, que “o mucambo é um valor regional e por extensão, um valor

brasileiro, e, mais do que isso, um valor dos trópicos” (FREYRE, 1996, p.3), enquanto no livro “Sobrados e Mucambos”, o mesmo ressalta que “foi no escravo negro que mais ostensivamente desabrochou no Brasil o sentido de solidariedade mais largo que o de família sob a forma de sentimento de raça e, ao mesmo tempo, de classe” (FREYRE, 2013, p.92).

A partir do lançamento do “Manifesto regionalista”, que Gilberto Freyre passou a defender veemente as artes e culturas destes povos, consideradas populares/regionais/loais, fincadas na mestiçagem e diversidade brasileira, tendo como discurso a questão do reencontro das raízes tradicionais nordestinas, pois, em sua concepção, só assim seria possível construir e desvendar a verdadeira imagem do Brasil (DABAT, 2007). Com a chegada da década de 1930 essa perspectiva se torna mais forte e presente entre os intelectuais do país, pois se inicia o período voltado para as grandes mudanças sociais, políticas e econômicas (CÂNDIDO, 2006).

Na década de 30 as ciências humanas se tornam excepcionais, tendo em vista que é este o momento de grandes mudanças na estrutura e vida social, sobretudo na política e economia da sociedade (CÂNDIDO, 2006). Mas também foi o período que houve uma gama de produções literárias para tratar dessa nova formação nacional, tendo como alguns dos responsáveis por este retrato, escritores e estudiosos como José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, e entre outros (idem, ibidem). Os escritos literários e os estudos sociais criaram uma harmonia intelectual para retratarem um novo Brasil, “a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito” (CÂNDIDO, 2006, p.137).

### 2.3 LITERATURA BRASILEIRA DE 1930

A literatura brasileira é construída, primeiramente, com base na cultura e identidade europeia, com traços, especificamente, portugueses (CÂNDIDO, 2006). Havia, portanto, uma sentimento de inferioridade entre os escritores brasileiros ao tentarem igualar as suas produções literárias com aquelas de países europeus, os quais não partilhavam da mesma pluralidade histórica, racial, cultural, etc., pois o Brasil além de, naquele momento, ser considerado novo, também é/era tropical e amplamente mestiço, não podendo sequer ser comparado à Europa (idem, ibidem). Porém, a partir do processo de construção de uma personalidade nacional, conforme a sociedade brasileira foi tomando consciência da sua diversidade/pluralismo identitário, étnico-racial, cultural, artístico, etc., começou-se a desenvolver movimentos de oposição às imposições dos europeus/portugueses, e estes passaram a sentir ressentimentos ao perceber que estavam instaurando um novo modelo de sociedade, que se construía de forma

independente e autônoma (CÂNDIDO, 2006).

O modernismo foi um dos principais movimentos responsável pela construção de uma identidade nacional, propondo um rompimento entre Brasil e Portugal, especificamente nos âmbitos artísticos, culturais e literários (CÂNDIDO, 2006). O mulato, negro, mestiço, indígenas começaram a ser vistos como fontes de inspiração para a formação de uma cultura identitária própria, que seria desenvolvida literariamente e artisticamente (idem, ibidem). É neste contexto que retomamos ao Gilberto Freyre, que em suas obras

(...) assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária (Casa-grande & senzala, Sobrados e mucambos, Nordeste) (CÂNDIDO, 2006, p.131).

Com isso, de acordo com Dantas (2015), novas formações intelectuais vão surgindo no Brasil, dentre elas o “modernismo” paulista e o “regionalismo” nordestino. Para Gilberto Freyre, por exemplo, “moderno era apenas mudança de forma”, e considerava o seu regionalismo algo moderno, mesmo não se identificando como um modernista (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.104). Em sua concepção “o Nordeste seria esta região não especificamente europeia, como estava se tornando São Paulo, e, por isso, era a região verdadeiramente brasileira”, então, por essas e outras questões que foi sendo desenvolvida uma disputa entre os dois movimentos intelectuais/regionais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.104).

Porém, tanto o movimento modernista em São Paulo como o movimento regionalista no Nordeste, tratavam de “redefinir a nossa cultura à luz de uma avaliação nova dos seus fatores” (CÂNDIDO, 2006, p.130), responsáveis por antecipar o decênio mais importante para o Brasil, segundo Antônio Cândido, que é 1930. Considerando-se, pois, não só esta, mas também a década de 1920, sua antecessora, como àquelas que “ficarão em nossa história intelectual como de harmoniosa convivência e troca de serviços entre literatura e estudos sociais” (CÂNDIDO, 2006, p.142).

A partir disso, destaco o estudo de Cauby Dantas (2015), que possibilitou um diálogo entre textos literários e sociológicos, utilizando o sociólogo Gilberto Freyre e o romancista paraibano, José Lins do Rego, na tentativa de “surpreender os filtros ideológicos, condicionamentos sociais e temas sob os quais os intelectuais em foco viveram, conviveram e produziram seus textos” (DANTAS, 2015, p.22). O autor ressalta que a literatura é um tipo de

expressão artística que pode oferecer um diálogo direto com a sociedade (idem, ibidem). Há uma constância entre texto e contexto, que possibilita uma compreensão das realidades e dinâmicas sociais na vida cotidiana, oferecendo também aspectos estéticos, inventivos, criativos, sentimentalistas/emotivos nas narrativas e representações literárias (DANTAS, 2015). Enquanto as ciências humanas e sociais, especificamente a Sociologia, possibilitam e prezam por uma “relação sujeito-objeto, métodos, ‘objetividade’ diante dos fatos sociais, elaboração de conceitos e teorias” (idem, ibidem, p.30).

A Sociologia, como ciência que é, não pode inventar uma realidade, o papel dela é analisar metodologicamente/cientificamente o que já existe no mundo social, já o romancista não só pode criar uma nova realidade, mesmo que este use o que há de mais real nela como inspiração, como também pode expressar seus desejos e aspirações (DANTAS, 2015, p.30). O sociólogo Antônio Cândido ressaltou que, “as melhores expressões do pensamento e da sensibilidade têm quase sempre assumido, no Brasil, forma literária” (CÂNDIDO, 2006, p.137). Com isso, a literatura pode ser vista e utilizada como uma aliada dos/as sociólogos/as, pois ela pode servir de auxílio para os estudos sociais, principalmente sobre a vida cotidiana, como “as marcas, os hábitos, as mentalidades, os modos de vida”, que tendem a ser expressadas de forma memorialista e sentimentalista por alguns romancistas (DANTAS, 2015, p.36).

Os romances de 1930 foram essenciais para tratar das contradições de classe da realidade brasileira, escritos por “intelectuais orgânicos, com posições de classe distintas, compondo seus romances a partir de aspectos diversos da questão nordestina” (SANTOS, 2021, p.214), passando a ser criado não mais para uma classe específica, mas sim para um “público” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A intenção dos romancistas dessa década era aproximar o povo da literatura a partir de uma construção narrativa baseada na origem da cultura popular, abordando questões sociais deste público/povo, em forma de denúncia aos problemas sociais/econômicos/políticos que estavam enfrentando (idem, ibidem).

Os principais romancistas de 1930 são Jorge Amado, José Américo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, todos nordestinos, sendo um baiano, dois paraibanos, um alagoano e uma cearense. A partir de suas obras foi possível mostrar um Brasil profundo através da realidade nordestina (SANTOS, 2021), pois os romances de trinta tinham como uma de suas principais características a preocupação em definir a identidade diversa entre os indivíduos, os aspectos sociais que formavam a nação, o Brasil (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Além disso, segundo Dantas (2015,p.17), são estes romancistas que, geralmente, fazem-se “presente nas aulas de literatura e nos trabalhos escolares do nosso Ensino Médio”.

Com isso, dentre os cinco romancistas, escolhi apenas três destes para trabalhar na intervenção pedagógica, que ocorreu em forma de clube de leitura, quais sejam, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Tal escolha foi realizada por ter sido uma proposta de intervenção para uma escola de ensino médio no Cariri Paraibano, pois as narrativas dos livros “Menino de Engenho”, “O Quinze” e “Vidas Secas”, que foram as obras trabalhadas com os estudantes, trazem perspectivas mais próximas da realidade geográfica, social e cultural deles, e, além disso, estas obras costumam ter maior visibilidade e acessibilidade nas escolas.

Portanto, em seguida veremos um pouco sobre cada um destes três escritores, principalmente o diálogo direto de suas obras com as ciências humanas, especificamente com a Sociologia, e a possibilidade de serem utilizadas como ferramentas didáticas no ensino médio. Iniciando, pois, com o paraibano José Lins do Rego, o qual teve como uma de suas maiores influências intelectuais, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, que tratou em sua trilogia, “Casa Grande e Senzala”, “Sobrados e Mucambos” e “Ordem e Progresso”, e em tantas outras obras, a diversidade como uma unidade (DABAT, 2007), descrevendo as “relações entre a cultura da cana-de-açúcar e o ecossistema regional” a partir da “vida cinzenta e sem graça do cotidiano” da casa-grande, que “era digna, sim, da abordagem sociológica” (DANTAS, 2015, p.17). Uma história narrada, vivida e observada pela aristocracia rural nordestina da sacada senhorial da casa-grande (DABAT, 2007), assim como José Lins do Rego também descreve em seus romances.

### **2.3.1 José Lins do Rego**

O escritor José Lins do Rego, nasceu no dia 3 de Junho de 1901, no Engenho Corredor, localizado na cidade de Pilar, no Estado da Paraíba, sendo pertencente à classe aristocrata açucareira, filho e neto de donos de engenho (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; DABAT, 2007). A mãe de José Lins faleceu quando ele ainda era uma criança, e ele foi levado para o engenho do avô, passando a ser criado por suas tias na casa-grande (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). A história da vida pessoal do romancista, especificamente de sua infância, é semelhante àquela narrada em seu livro “Menino de Engenho”, que trata sobre a vida de Carlos, menino de apenas 4 anos de idade que é levado para a casa de seu avô materno, dono do engenho Santa Rosa, após o falecimento de sua mãe.

Assim como muitos filhos e netos de donos de engenho do Nordeste brasileiro da época, o romancista foi morar na capital pernambucana, Recife, para estudar na Faculdade de Direito,

e foi neste período de sua vida que conheceu o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, que passou a ser sua principal influência intelectual e seu grande amigo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; DANTAS, 2015). Eles tinham algumas características e interesses em comum, sendo o regionalismo e a posição social, o gosto pela escrita e pelos estudos da sociedade as suas principais semelhanças.. Assim como José Lins do Rego, Gilberto Freyre também traz consigo um tipo de memorialismo, que influencia os seus escritos acadêmicos sobre a região Nordeste, além de abordar elementos da vida cotidiana da casa-grande, como a etiqueta e a culinária desta elite, a qual faziam parte (DABAT, 2007). Os escritos do sociólogo e do romancista trazem uma perspectiva senhorial, um olhar de meninos de engenho sobre a sociedade que se desfazia, a administrada pelos senhores de engenhos, e a que surgia com a chegada da industrialização. Porém, distinguiram-se entre as perspectivas literária e a científica, e, ao mesmo tempo, viabilizaram um diálogo direto entre elas.

Na década de 1930, como bem disse Antônio Cândido (2006), considerado o decênio mais importante para o desenvolvimento de grandes estudos na área das Ciências Humanas, inclusive na própria Sociologia, e para obras literárias com abordagens sociais, José Lins do Rego lança o seu tão aclamado livro “Menino de engenho” em 1932, e no ano seguinte, Gilberto Freyre publica “Casa-grande & Senzala”, um de seus principais estudos sociológicos, referência para a Sociologia brasileira.

No estudo de Cauby Dantas (2015) foi feito um levantamento de cartas inéditas de José Lins para Gilberto Freyre, vice versa, sendo uma delas sobre o romancista falando para o sociólogo o que achou do seu livro, “Casa-grande & Senzala”, inclusive, indicando alguns acréscimos para o conteúdo do estudo de seu amigo. A carta dizia o seguinte:

Logo no dia em que vocês saíram recebi o seu livro. E com ele me curei das saudades suas. (...) Não sei falar de seu livro porque até hoje não li coisa melhor, nem parecida. Esta é que é a verdade. Lastimo que no Brasil não exista ambiente para elle. Havia uma história sobre índio que me contavam eu criança que talvez lhe servisse para o segundo capítulo (J.L.R, 1933) (DANTAS, 2015, p.106-107).

Em 1930, Gilberto Freyre também escreve ao amigo José Lins sobre os últimos romances publicados pelo escritor, dizendo:

Já lhe devo ter dado minha impressão de Pedra bonita que acho bom, mas não dos seus romances mais fortes – acima de Moleque Ricardo, por certo, mas não no nível de Bangüê – para falar no mais romance dos outros. Si eu fosse V. não me deixaria levar por essa história de fecundidade e me concentraria para a produção mais demorada de um romance onde não houvesse repetição (DANTAS, 2015, p.107).

Portanto, é perceptível, através dessas cartas, o quanto ambos influenciaram nos escritos um do outro. A relação deles trouxe relevantes aspectos para o diálogo entre a Sociologia e a

Literatura, especificamente ao tratar de Nordeste. A amizade de José Lins e Gilberto Freyre e as suas trocas de ideias e opiniões tornaram possíveis explicações e descrições sobre o Brasil/Nordeste, a partir de perspectivas e áreas de conhecimentos diferentes, porém, complementando-se.

Quanto a “Menino de engenho”, seu primeiro romance, contendo quarenta capítulos curtos, sendo narrado em primeira pessoa, pois a história é contada pelo menino Carlos, quando adulto, revisitando a sua memória de infância (DANTAS, 2015). O romancista tende a “desenhar” em seus romances quadros sociais que procuram fortalecer o olhar individual, de um só personagem, em alguns de seus livros foca no cenário de decadência de propriedades e proprietários rurais, da sociedade patriarcal, da classe aristocrata açucareira do Nordeste brasileiro, especificamente do Brejo Paraibano (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

O pensamento utópico de José Lins era tornar o passado pertencente ao presente, numa constante nostalgia de uma época em que a sociedade era hierarquizada pela divisão entre senhores de engenho e escravizados (idem, ibidem). Tal hierarquia ainda permaneceu muito presente depois da abolição da escravatura no Brasil, tendo em vista que “muitos dos ex-escravos continuaram morando na casa-grande, gravitando em torno de sua cozinha ou prestando pequenos serviços em troca de um prato de comida” (DANTAS, 2015, p.127-128), estando, inclusive, bem descrito em toda a narrativa do livro. O Nordeste de José Lins é sinônimo de uma terra feliz, farta, com boas relações entre escravizados e senhores de engenho, é o Nordeste do brejo paraibano, lugar em que os infelizes do Sertão encontram abrigo em tempos de seca (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), é um lugar em que as desigualdades são naturalizadas pelo olhar dos meninos de engenho.

A obra “Menino de engenho” foi escolhida para ser lida e discutida no clube de leitura, por sua relevância na literatura brasileira/nordestina, linguagem acessível, contexto histórico, social e geográfico, por ser uma história narrada na Paraíba escrita por um paraibano, e por sua relevância no ensino de Literatura na educação básica. De acordo com Dabat (2007), as obras de José Lins passou a ser incorporada nos currículos escolares do Estado do Pernambuco, tornando-se referência para compreender períodos históricos da região Nordeste, especificamente para agrestinos e sertanejos pernambucanos, ou seja, suas obras passaram a servir de fonte de conhecimento e entendimento para nordestinos sobre o seu próprio lugar/região, que é o propósito deste trabalho de intervenção.

### 2.3.2 Rachel de Queiroz

A escritora Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de Novembro de 1910, na cidade de Fortaleza-CE, pertencente a famílias tradicionais dos municípios de Quixadá-CE e Beberibe-CE, como os Queiroz e os Alencar, sendo prima do escritor e político José de Alencar, por parte de sua mãe (OLIVEIRA, 2022; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011; XAVIER et al., 2023). A escritora, com apenas cinco anos de idade, foi morar no Rio de Janeiro com seus pais, em fuga da seca de 1915, seca esta que será narrada em sua principal obra “O Quinze”, possibilitando uma representação dos “aspectos sociais da vida do sertanejo, desde o vaqueiro até os grandes proprietários de terra” (OLIVEIRA, 2022, p.33). Além disso, Rachel de Queiroz, em 1977, após um longo período como escritora e jornalista, foi eleita como a primeira mulher a compor a Academia Brasileira de Letras (idem, ibidem).

As obras literárias de Rachel de Queiroz tiveram influência direta dos romances regionalistas de Antônio Salles e dos estudos sociológicos do sociólogo Djacir Menezes, os quais eram muito próximos dela devido aos encontros literários que ocorriam em Fortaleza-CE (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Com isso, é válido destacar que, ao contrário da visão sociológica de Gilberto Freyre e literária de José Lins do Rego, que retratava um saudosismo do Nordeste açucareiro, de senhores de engenho, visando o Litoral e o Brejo, Rachel de Queiroz e Djacir Menezes enxergavam tal região por outro ângulo, para eles, seria “como um espaço de saudade do mundo do sertão dos seus antepassados e como espaço de revolução social” (idem, ibidem, p.165). Porém, ambos defendiam seus territórios tradicionais e resistiam às mudanças, que, em suas perspectivas, assolavam os seus mundos, quais sejam, o açucareiro e o sertanejo.

Nesse sentido, Rachel de Queiroz fornece um olhar de pertencimento, saudosismo, afetivo a um dado espaço geográfico, principalmente ao narrar o seu lugar de origem na obra “O Quinze” (XAVIER et al., 2023). Neste livro, na 1ª edição de 1930, Adolfo Casais Monteiro fala, em um tipo de prefácio intitulado “Um romance que não envelheceu”, que o romancista pode inventar ou memorizar fatos, porém, não há como criar o sentido da vida, e isso exige contato direto com algum lugar/espaço que simboliza afeto, que está intrinsecamente ligado emocionalmente ao escritor/a, e isso só pode ser possível a partir das relações com o ambiente e com outros indivíduos (QUEIROZ, 1930). Com isso, concordo com Albuquerque Júnior (2011, p.161) ao dizer que a principal obra, “O Quinze”, da Rachel, “é um drama pessoal e coletivo vivido pelos cearenses com a seca de 1915”, pois ela coloca a si mesmo, o seu lugar de origem e as suas relações sociais ao retratar o fenômeno da seca em seu romance, formando

uma narrativa de sentidos e sentimentos sobre a vida.

A obra narra a relação familiar/amorosa entre Conceição e Vicente, considerados os protagonistas da trama, e o processo de migração de Chico Bento e sua família, que primeiro migraram, fugindo da seca, para Fortaleza-CE, e depois migram daí para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. A personagem Conceição era uma jovem professora que residia na capital do Ceará, Fortaleza, mas que passava suas férias em sua cidade natal, na casa de sua avó, em Quixadá-CE, que ficava no Sertão do Estado, e é neste ambiente que a seca é intensificada e provoca migrações em massa de sertanejos e seus familiares para a capital. A obra retrata o sertanejo como um homem de bravura e valentia, sendo Vicente o personagem que representava tais características. Além disso, é nele que a escritora se detém a falar da relação entre ser humano e natureza, já que o personagem, mesmo com uma seca devastadora, permaneceu no Sertão, em seu lugar de origem, cuidando do que é seu, dos seus e desse espaço que lhe pertencia afetivamente e, em partes, territorialmente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). O personagem Vicente era retratado como “um homem capaz de entender a natureza e ser entendida por ela” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.162).

Nesta obra, o fenômeno da seca é o protagonista da história, é a partir dele que toda a narrativa acontece, de acordo com Oliveira (2022, p.20), Rachel de Queiroz torna a seca como a responsável por unir os “indivíduos em um mesmo drama, mas quebra laços, assassina familiares, desintegra valores”, tornando-se “um fator de integração e desintegração” na vida cotidiana de cada personagem. A narrativa demonstra a integração que há entre os sujeitos e o seu lugar de origem, e a necessidade de se desintegrar, por causa do fenômeno da seca, a partir do processo migratório, porém, sem perder a esperança de retornar ao seu lugar ou mesmo de nem partir, como Vicente, permanecendo com esperança, crendo que a situação iria melhorar, e a seca findaria. O Nordeste, ou melhor, o sertão nordestino, narrado pela escritora, é entendido como um lugar em que o ser humano poderia viver em seu “ritmo natural”, mesmo com os problemas sociais que assolavam o meio em que viviam, pois a autora acreditava que só o povo nordestino, especificamente os sertanejos, teriam capacidade de reagir à sociedade moderna/industrial que estava surgindo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Nesse sentido, destaco que o romance proporcionou uma relação direta entre o campo e a cidade, a partir de encontros e deslocamentos que ocorrem do sertão à capital do Ceará, vivenciados por todos os personagens da trama, (OLIVEIRA, 2022), pois, sendo uma história sobre migração, é “a retirada que estabelece uma verdadeira estrutura narrativa” neste livro (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.130). Além disso, é válido destacar que Rachel de

Queiroz apresenta uma realidade política e social que ocorreu em 1915, pois houveram “desentendimentos entre o governo central e o local, permitindo que milhares de sertanejos cearenses agonizassem até a morte” (XAVIER et al., 2023, p.1025). Então, a seca passa a ser vista para além de um problema natural, entendida também como um problema social e político. Porém, como vimos anteriormente, existe uma distinção entre seca e estiagem, sendo a primeira um fenômeno social e a segunda, natural.

Com isso, ressalto que um dos principais objetivos de escolher “O Quinze” para trabalhar no clube de leitura, foi tornar a história próxima das vivências dos estudantes leitores, principalmente pelo território geográfico, os fenômenos climáticos e a vegetação presentes no ambiente em que estão inseridos, pois a caatinga e o semiárido também se encontram no Cariri Paraibano. Além disso, os fatores sociais, econômicos, políticos, geográficos e históricos possibilitam que a leitura deste livro seja guiada por várias perspectivas no âmbito das ciências humanas, contribuindo para a formação de alunos leitores, que leem mais do que livros, leem o mundo e a vida social a que pertencem.

### **2.3.3 Graciliano Ramos**

O romancista, jornalista e político, Graciliano Ramos, nasceu em 27 de Outubro de 1892, natural de Quebrangulo-AL, filho primogênito de sertanejos de classe média, em sua infância residiu na cidade de Buíque-PE e depois em Vitória-AL, e estudou em Maceió-AL, mas não concluiu nenhum curso superior (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Ele demonstrará em seus escritos um Nordeste, semelhante ao da Rachel de Queiroz, diferenciando-se também da perspectiva de Gilberto Freyre e José Lins do Rego, como diria Albuquerque Júnior (2011, p.256): Graciliano Ramos enxerga “o Nordeste dolorido do sertão. Verá por sob o verde dos canaviais o sangue e o suor que corriam”. Percebe-se, assim, a diferença deste romancista para Freyre e Zé Lins, os quais se preocupam mais com a vida daqueles que comandavam os canaviais, preservando o olhar senhorial para a vida cotidiana da casa-grande.

O Nordeste de Graciliano Ramos é construído a partir da linguagem e da consciência, ou melhor, da palavra e do pensamento. Palavras que, a depender de quem as diz, possuem o poder de ordem ou de silêncio. O romancista utiliza a linguagem como o principal meio de expressar a vida de pobres nordestinos, pois “o nordestino pobre é alguém que teve o seu direito à fala apoderado por outros” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.258). Uma região que faz fronteira com o silenciamento daqueles que estão submissos aos homens do poder, lugar em

que só alguns possuem a permissão da fala, enquanto outros, para viver, precisam calar-se, e quando falam é para suplicar ajuda, seja de Deus ou dos governantes, dizeres de lamentos e súplicas, desculpando-se antes mesmo de ser silenciados (idem, ibidem).

Em sua obra “Vidas Secas”, os personagens são construídos de acordo com essa dinâmica linguística, entre o silêncio e a voz. Os protagonistas são o vaqueiro Fabiano e sua família, composta por Sinhá Vitória, sua esposa, os dois filhos e a cachorrinha Baleia, cada um deles trazem uma reflexão sobre o mundo social, sobre a realidade em que vivem, e também uma percepção incompreensível de ser, viver, falar e pensar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Nesse contexto, Graciliano narra “um ambiente de penúria, espinhoso, rachado e seco, em que o homem é abandonado à própria sorte, precisando engrossar o coração, desfazer-se de sua humanidade e aproximar-se mais do meio” (NETO, 2022, p.516), meio este que vai se decompondo lentamente, e os seus personagens vivem o mesmo processo, destruindo-se fisicamente ou psicologicamente, esta “obra é atravessada pela sensação de morte e agonia do corpo e da alma” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.260).

A construção de um Nordeste memorialista também está presente em Graciliano Ramos, pois, assim como José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, ele aborda uma narrativa sobre a decadência do tradicional Nordeste. No entanto, ao contrário de ambos, especificamente de Zé Lins, Graciliano vai trazer o passado como um dos fatores que contribuem para o declínio dessa região e dos sujeitos que nela habitam, ou seja, nas palavras de Albuquerque Júnior (2011, p.261), “a memória é uma construção do presente e não uma restauração do passado”. Os personagens de suas obras, principalmente em “Vidas Secas”, não lembram do passado como algo bom e confortante, mas sim, doloroso e triste, tanto quanto o presente (idem, ibidem). Não havia saudade, só em caso de piores condições de vida no momento presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Enquanto em Zé Lins e Rachel de Queiroz, o passado era lembrado como algo nostálgico, defendiam a sua restauração, e enxergavam o novo mundo como uma ameaça para a vida dos nordestinos e da região em si.

No livro “São Bernardo”, Graciliano Ramos conta a história de um homem que se tornou coronel, de origem das classes trabalhadoras que ascendeu socialmente e economicamente. Uma obra que aborda o coronelismo no Nordeste, focando nos fatores políticos e sociais, possibilitando, inclusive, uma melhor compreensão sobre o comportamento social a partir de um contexto histórico, relacionando, mais uma vez, o passado com o presente (SANTOS & SANTIN, 2021).

Neste livro, Graciliano tratará do surgimento da sociedade burguesa no Nordeste, que,

em sua concepção, causou um desgaste nas relações tradicionais, pois com esse novo modelo de sociedade, com a chegada da modernização, tal região ficou dividida, já que o patriarcalismo não se dissipou com a chegada da modernidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Ou seja, de um lado permanecia o coronelismo e do outro o poder estatal e mercantil da burguesia. Com isso, os seus personagens são construídos aqui como pessoas mascaradas, uma sociedade que estava se criando a partir de relações artificiais, tendo a política como o centro desse jogo de performances, esses personagens precisam lidar com as novas relações sociais, que as trazem desconforto, pois há de sempre estarem ligadas a opinião pública (idem, ibidem). O personagem Paulo Honório, o coronel, é a representação humana de da burguesia para Graciliano Ramos. Um personagem que se relaciona com as pessoas com interesses de se apropriar de algo ou alguém, e isso é muito perceptível na relação com sua esposa Madalena, com seu ciúme obsessivo a torna como um objeto/propriedade dele, desfazendo-se da humanidade dela (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Os livros “Vidas Secas” e “São Bernardo” trazem consigo algumas semelhanças, mesmo que tragam narrativas diferentes, e isso acontece, obviamente, por terem sido escritos pelo mesmo escritor. Mas é que em ambas podemos perceber a presença da exploração do proprietário da fazenda para com os trabalhadores rurais e sertanejos, a questão de gênero, pois tanto Madalena quanto Sinhá Vitória eram mulheres muito inteligentes, mas pouco valorizadas e até desumanizadas pelos seus esposos, e, principalmente, as condições psíquicas dos personagens, que, em sua maioria, eram todos infelizes. No caso de “Vidas Secas”, por exemplo, o “*habitat*/espaço influencia diretamente a psicologia dos personagens, um lugar árido onde se sobrevive” aridamente (NETO, 2022, p.516), porém, tanto nesta obra como em “São Bernardo”, os personagens precisam se desfazer de sua humanidade para se adaptar ao ambiente que estão inseridos.

Portanto, ao pensar na proposta de trabalhar Graciliano Ramos no ensino médio é preciso se ater às questões complexas que o autor trata em suas obras, mesmo que “Vidas Secas” seja visto como um livro de linguagem acessível, a sua compreensão talvez não seja tão simples, por isso seria importante entender a visão pessoal sobre o Nordeste para o autor antes de embarcar na leitura. Com isso, a escolha das obras “Vidas Secas” e “São Bernardo” foram feitas, especificamente, pela relação direta com as ciências sociais, pois há uma presença constante das questões de gênero, política, desigualdades e trabalho, além da linguagem que é o ponto central das obras de Graciliano Ramos, possibilitando, assim, um encontro e diálogo, de fato, entre a Sociologia e a Literatura. Os dois livros são capazes de proporcionar o

conhecimento sobre o nosso lugar, Nordeste, por diferentes ângulos, pois esta é uma região, na visão de Graciliano, da elite, do político, dos sertanejos, das mulheres, dos analfabetos, mas também dos intelectuais, da burguesia, do patriarcalismo... Um lugar formado por *angústia*, *insônia*, *infância*, e, sobretudo, por *vidas secas* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

No próximo capítulo tratarei sobre as metodologias utilizadas para trabalhar as obras dos três romancistas no clube de leitura, de maneira que os estudantes de ensino médio pudessem conhecer e compreender o Nordeste nos livros de literatura à luz das ciências humanas.

### 3 CAPÍTULO 2: (RE)ENSINANDO E (RE)APRENDENDO NORDESTE NA ESCOLA: A LITERATURA COMO RECURSO DIDÁTICO

Quem foi que disse  
Professor de que matéria  
Que no sertão só tem miséria, que só é seca e penar?  
Que é a paisagem da caveira de uma vaca  
Enfiada numa estaca, fazendo a fome chorar

- Em canto e poesia (Roda de Coco)

No currículo escolar, a literatura é posicionada como uma disciplina secundária, tendo poucas aulas durante a semana, dividindo carga horária, inclusive, com a gramática e a redação (SUASSUNA & NÓBREGA, 2013), tornando-se, por vezes, uma disciplina à parte destas duas, como se não estivessem incluídas numa só, que é a língua portuguesa. A língua portuguesa, juntamente com a Matemática, são as disciplinas curriculares que mais possuem carga horária, desde o ensino fundamental ao médio, por serem as disciplinas cobradas nas provas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Entretanto, há uma tendência a um foco maior da língua portuguesa em gramática e redação, vistas como centrais para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Então, isso acaba ocasionando um problema frequente nas escolas, que é a redução da língua portuguesa às nomenclaturas gramaticais, causando desmotivação e desinteresse nos estudantes, como se para dominar uma língua fosse sinônimo de decorar suas regras (CALAZANS et al., 2023, p.10).

Ao invés disso a literatura poderia motivar os estudantes a aprenderem gramática de forma contextualizada e a adquirir uma bagagem cultural relevante para escrever redações. Além disso, a literatura é uma potencial aliada para relacionar o ensino aos gostos, contextos e particularidades de cada turma. Sobre isso, no entanto, Suassuna e Nóbrega (2013, p. 30) alertam para o risco de transformar o texto literário em “repositório de exemplos para se trabalhar questões de análise gramatical e mote para debates estritamente temáticos após sua leitura”. Quanto a isso, ressaltam a importância de estimular a fruição do texto literário e a observação dos recursos estéticos utilizados pelos autores.

Atualmente, a BNCC recomenda que haja uma contribuição para a valorização da historicidade presentes nos livros de literatura, amplie a diversidade literária, como literatura africana, indígena, afro-brasileira, etc., e promova o reforço nas abordagens sobre identidade nacional e multiculturalidade brasileira (IPIRANGA, 2019). É que a literatura deveria ser vista

na escola como aquela disciplina que pode proporcionar conhecimentos sobre a dimensão estética e cultural, e prazer à leitura, propondo “um melhor entendimento do mundo e do humano” (SUASSUNA & NÓBREGA, 2013, p.23).

Porém, para que isso seja possível, os professores deveriam prezar pelas vivências e perspectivas de mundo dos alunos antes de imporem livros que não os estimulam a ler, a sentirem prazer pela leitura, sendo necessário, pois, identificar “os fatores que influenciam os interesses literários dos alunos” (SUASSUNA & NÓBREGA, 2013, p.24), desde a sua faixa etária de idade até os contextos sociais, econômicos, geográficos, etc., em que estão inseridos. Com isso, a BNCC indica, por exemplo, que sejam criados clubes de leituras e oficinas criativas que proporcionem o compartilhamento de leituras e novas modalidades de escrita e visão de mundo na escola (IPIRANGA, 2019).

Portanto, este capítulo tem como exposição o uso da literatura como recurso didático-metodológico para ensinar e aprender sobre a região Nordeste à luz das ciências humanas. Primeiramente, realizei uma análise documental para analisar os romances “Menino de Engenho” do José Lins do Rego, “O Quinze” da Rachel de Queiroz, “Vidas Seca” e “São Bernardo” do Graciliano Ramos, e os documentos curriculares: BNCC, PCPB e alguns dos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNL 2021. Em seguida, executei a segunda proposta metodológica, que foi a intervenção pedagógica, em formato de clube de leitura, é aqui que será abordada a base teórica sobre metodologias ativas, a qual o método de intervenção está inserido, e também o campo e público alvo em que o clube ocorreu.

### 3.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

A pesquisa será de cunho qualitativo, tendo como propósito, primeiramente, realizar uma análise documental e, em seguida, uma intervenção pedagógica. No que tange ao estudo documental, Sá-Silva et al. (2009) ressaltam que as informações encontradas em documentos podem ampliar a compreensão de objetos que necessitam de um embasamento histórico, social e cultural, tornando-se importantes para as áreas das Ciências Humanas e Sociais. Muitos documentos escritos podem ser considerados importantes fontes para pesquisadores das ciências sociais. Sendo assim, Guba e Lincoln (1981, apud JUNIOR et al, 2021, p.40) entendem

Análise Documental como sendo um intenso e amplo exame de diversos materiais, que não foram utilizados para nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando outras interpretações ou informações complementares, sendo essa busca feita por meio de documentos.

Com base nesta definição, é possível considerar o uso deste método para analisar as obras literárias e documentos curriculares do novo ensino, considerando-os como documentos. De acordo com Sá-Silva et al. (2009, p.5), “o documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres”. Neste trabalho, pois, me deterei a analisar os materiais escritos, quais sejam os romances literários da década de 30, pertencentes a literatura nordestina.

Sá-Silva et al. (2009) e Júnior et al. (2021) enfatizam, com base em Cellard (2008), que há uma necessidade de realizar dois tipos de análises: a preliminar, que compreende os aspectos contextuais, a perspectiva dos autores, autenticidade, confiabilidade, natureza, conceitos-chave e lógica interna dos textos; e a propriamente dita, que é responsável de esclarecer, por meio das informações significativas, o objeto de estudo e contribuir para a resolução do(s) problema(s) proposto na pesquisa.

Então, vale destacar que os dados documentais têm a capacidade de oferecer um conhecimento sobre a realidade, pois é necessário passar pelo processo contextual sobre o meio social, além de enxergar o autor como auto-consciente sobre o que disse/escreveu para o seu público específico (SÁ-SILVA et al., 2009). É recomendado uma construção categórica sobre determinados temas apoiados em teorias para desenvolver uma análise documental, vale ressaltar ainda que o “conjunto preliminar de categorias pode ser modificado ao longo do estudo, num processo dinâmico de confronto constante entre empiria e teoria” (SÁ-SILVA et al., 2009, p.12).

Neste trabalho será realizada uma análise documental sociológica sobre a historicidade do desenvolvimento do Nordeste brasileiro em livros de literatura nordestina da década de 30, para o novo ensino médio da Paraíba. Há diferentes maneiras de desenvolver tal análise, existem pesquisadores que fazem anotações durante a leitura dos materiais, outros preferem construir tabelas, gráficos, fichamentos, etc., mas todos precisam ressaltar as fontes de informações, tópicos, temas, natureza dos materiais e entre outros (SÁ-SILVA et al., 2009). É após essa etapa que os dados deverão ser categorizados, reexaminados e relidos sob a perspectiva do aporte teórico (Idem, *ibidem*).

Para a presente pesquisa foram analisados os seguintes romances: “Menino de Engenho” do José Lins do Rego, “Vidas Secas” e “São Bernardo” do Graciliano Ramos, e o “Quinze” da Raquel de Queiroz. Além destes, a Proposta Curricular da Paraíba, a BNCC e as coleções de ciências humanas e sociais aplicadas, da Moderna Plus, a “5. Sociedade, política e cultura” e a

“6. Conflitos e desigualdades”, responsáveis por abordagens sobre desigualdades, migrações, exclusão social, etc. Escolhi a primeira técnica destacada por Sá-Silva et al. (2009), em que o/a pesquisador/a opta em realizar anotações durante a leitura dos documentos, e a partir delas desenvolve uma análise com base no aparato teórico. A partir disso construí um esquema com trechos de cada livro que abordam temáticas e conceitos exigidos nos documentos curriculares, e que também estão presentes nos novos livros didáticos, para, assim, realizar a intervenção pedagógica.

Então, inicialmente, identifiquei os objetos de conhecimento e eixos temáticos das disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa e Sociologia dos três anos do ensino médio (1º, 2º e 3º anos), todos presentes na Proposta Curricular da Paraíba - PCPB. Em história foram destacados os objetos indicados para serem abordados no 2º ano, quais são:

Formação dos Estados nacionais; Conflitos, deslocamentos, migrações e intercâmbios sociais, culturais e econômicos na Modernidade; Desdobramentos do patriarcalismo, da escravidão e das desigualdades; Patrimônio histórico, artístico e cultural (material e imaterial).

Enquanto em Geografia foram os eixos temáticos que tiveram relevância para este trabalho, sendo eles: “a representação do espaço geográfico; Formação territorial e regionalizações brasileiras e paraibanas; Dinâmicas das populações”. No que tange a Língua Portuguesa, também foi levado em consideração alguns dos objetos de conhecimento do campo de atuação “artístico-literário” da disciplina de literatura, sendo destacados os das três séries do ensino médio:

A Criação Literária: Literatura e realidade; Veredas da Literatura paraibana e regional. → (1º ano); Literatura de Informação e construção identitária da literatura no Brasil; A formação da literatura brasileira – influência da literatura Clássica. → (2º ano); Literatura e Música Popular Brasileira: incursões interdisciplinares. → (3º ano).

Por último, e mais importante, identifiquei e selecionei as temáticas indicadas para serem trabalhadas no ensino da Sociologia no ensino médio, quais sejam:

Relação Indivíduo e Sociedade como a principal temática, e processo de socialização, instituições sociais, conceituação de cultura, indivíduo e sociedade, etc., como algumas das temáticas secundárias (1º ano); Formação sociológica do conceito do trabalho, estrutura social, desigualdades, diversidades e Direitos Humanos como a principal temática, e Estrutura e estratificação social, Cultura e diversidade cultural, Relações de Gênero, etc., como demais temas (2º ano); Processos de formação política, ideologia, cultura e religião como principal eixo temático, e Estado, poder e política, Democracia e representação política no Brasil, etc., como algumas das abordagens temáticas vinculadas ao principal tema (3º ano).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC foi o documento que serviu de base para a justificativa da construção e desenvolvimento da proposta de intervenção, destacando-se algumas competências e habilidades, quais foram:

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – habilidades específicas:** (EM13CHS401)

Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

**Competência 1:** Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

**Das competências gerais:** Comunicação - Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

*Língua portuguesa* – H4 - Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que abordam o mesmo tema, considerando o contexto de produção e de recepção.

Portanto, destaco ainda a habilidade específica (EM13CHS502) da disciplina de Língua Portuguesa, que trata da vida cotidiana, estilos de vida, problematização das desigualdades, preconceitos, discriminações, etc., foram chaves para o desenvolvimento da ideia de interligar a sociologia, a literatura e o cotidiano dos estudantes envolvidos.

No que diz respeito à coleção didática da editora Moderna, do Plano Nacional do Livro e Material Didático - PNLD 2021, adotada pelas escolas da Paraíba, separei dois dos livros dessa coleção, que possuem capítulos relevantes para perceber a interdisciplinaridade sendo proposta para o ensino médio, sendo o primeiro o “Capítulo 3. Migrações, sociedades multiculturais e dinâmicas populacionais”, do livro “Moderna Plus: Sociedade, política e cultura”. Neste livro, a área abordada é a geografia, e todo o conteúdo é voltado para as questões globais (até quando tratam de migrações regionais). Enquanto no “Capítulo 6. Conflitos e desigualdade racial, racismo e políticas afirmativas na cidade contemporânea”, do livro “Moderna Plus: Conflitos e Desigualdade”, é apresentada questões de desigualdades sociais, especificamente a racial, indicando trabalhar os conteúdos com base nas teorias, conceitos e

teóricos da Sociologia para explicar os problemas sociais e raciais presentes no espaço urbano. Além disso, também é abordado temáticas de mobilidade urbana, violência policial contra o povo negro, e medidas empresariais contra os pobres, negros, pardos e indígenas e periféricos.

No mais, todos esses materiais tiveram a função base neste trabalho, principalmente por tratar de uma proposta para o novo modelo de ensino na educação básica, que é a interdisciplinaridade. Tratar dos problemas sociais, categoricamente e analiticamente escolhidos, à luz da sociologia e literatura é uma nova estratégia para o ensino interdisciplinar, uma forma de instigar os estudantes a se interessarem pela leitura e pelas questões sociais sob o olhar das ciências humanas e sociais.

As análises das obras literárias partiram das categorias definidas, baseadas nos documentos curriculares e na coleção didática, quais sejam: identidade, cultura, socialização, desigualdades sociais, diversidade, política, migrações e trabalho. Porém, as escolhas das obras ocorreram a partir do propósito deste trabalho, que é o conhecimento e a compreensão da formação e desenvolvimento do Nordeste, da popularização e familiaridade dos/com os livros, e da linguagem acessível para os estudantes do nível médio. Além disso, levei em conta todo o referencial teórico para a fundamentação de cada obra/autor, e sua relação com as ciências humanas e sociais. Optei por realizar as análises durante a leitura de cada livro, todos em formato físico, destacando trechos e fazendo anotações categóricas em postites, colando-os em cada página/capítulo relevante, e em alguns momentos destacava os referenciais teóricos que poderiam ser dialogados com os trechos destacados. Tornei relevante alguns textos/prefácio/posfácio dos romances, pois alguns traziam aspectos sociológicos/políticos/históricos por meio de uma leitura sócio-crítica, principalmente ao tratarem das escolhas/escrita/posicionamentos dos autores na sociedade brasileira.

Realizei todas essas análises na primeira leitura, na releitura avaliei os trechos, meus comentários e minhas interpretações, e revisei cada destaque que se encaixava na temática, nas categorias e se seriam aproveitadas para um diálogo com os estudantes durante a intervenção. Portanto, nenhuma obra, autor(a) e trechos foram determinados apenas por gostos ou quererem, mas seguindo uma metodologia e um rigor adequado para a realização das análises.

## 3.2 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

### 3.2.1 Metodologias Ativas

A intervenção pedagógica faz parte do extenso grupo de metodologias ativas, que são, geralmente, utilizadas em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem, com intuito de

refletir sobre o papel docente e tornar possível uma relação de igual para igual, entre professores e alunos (PORTES, 2016). A classe, então, torna-se um ambiente de trocas de ideias, perspectivas, diálogos coletivos, e não um respectivo monólogo, que determina os títulos de saber e poder à figura do docente, sendo os alunos àqueles que apenas ouvem e repetem o que é dito pelos professores (idem, ibidem). Ou seja, as metodologias ativas trabalham muitas vezes em função de reinventar a forma de ensinar e aprender, rompendo com algumas práticas pedagógicas tradicionais ainda muito presentes nas escolas do Brasil (idem, ibidem).

As metodologias ativas tendem a promover interações e diálogos sobre determinadas temáticas em sala de aula, envolvendo os estudantes diretamente aos conteúdos, principalmente com relação a leitura, em que a interpretação/perspectiva dos alunos são relevantes para que os/as professores/as compreendam o processo de aprendizagem individual e coletiva de toda a turma (PORTES, 2016). Enquanto as estratégias didáticas utilizadas nos métodos tradicionais, como a repetição dos conteúdos, tendem a inviabilizar uma aprendizagem significativa e a intensificar os problemas institucionais e curriculares (MÁXIMO & MARINHO, 2021).

No que tange o ensino das linguagens, por exemplo, ainda há uma resistência institucional à inovação na educação básica, seja no âmbito tecnológico ou em novas estratégias didáticas (SIGNORINI, 2007). Existe ainda uma redução dos conteúdos, permanecendo com o foco na gramática tradicional, além de haver uma carência nos aspectos de assimilação e incompletude com relação aos conteúdos (idem, ibidem).

Com relação aos estudantes, a área da educação utiliza da “aprendizagem colaborativa”, que possui o papel de tornar possível o protagonismo dos discentes frente aos processos de aprendizagem, prezando, especificamente, pela exposição de ideias e o compartilhamento coletivo de conhecimentos (PORTES, 2016). É válido destacar a teoria da aprendizagem significativa do psicólogo David Ausubel, que defende que os conhecimentos anteriores de cada estudante devem ser levados em conta no momento de ensinar novos conteúdos/conceitos/temáticas, pois é a partir da relação entre o que já existe com o que está sendo conhecido que a aprendizagem significativa acontece (idem, ibidem). Pode-se chamar também de “contextualização” no processo de ensino-aprendizagem, que leva em conta o contexto/história de vida de cada estudante com intuito de tornar real aquilo que parece abstrato ou insignificante (MÁXIMO & MARINHO, 2021).

Há vários aspectos abordados ao se escolher uma metodologia ativa, como a “aprendizagem baseada em problemas (JOHN EVANS), a aprendizagem baseada em pesquisa (H. R. ARMSTRONG), a aprendizagem baseada em projetos (DEWEY; KILPATRICK) e a

aprendizagem baseada em equipes (LARRY MICHAELSEN)” (PORTES, 2016, p.76). Para este estudo, trabalhou-se, especificamente, com a aprendizagem baseada em equipes, que possibilitou a troca de saberes e o exercício de compreender a percepção do outro sobre um só contexto/conceito/situação, durante os debates e leituras dos livros coletivamente. Com isso, ao trabalhar em cima desse tipo de aprendizagem, objetivou-se colocar em prática o respeito, controle e escuta daquilo/daquele que é diferente, possibilitando o acesso ao conhecimento partindo de perspectivas divergentes sobre o mesmo assunto, e desenvolvendo um pensamento crítico e reflexivo.

### **3.2.2 Campo e Público de Intervenção**

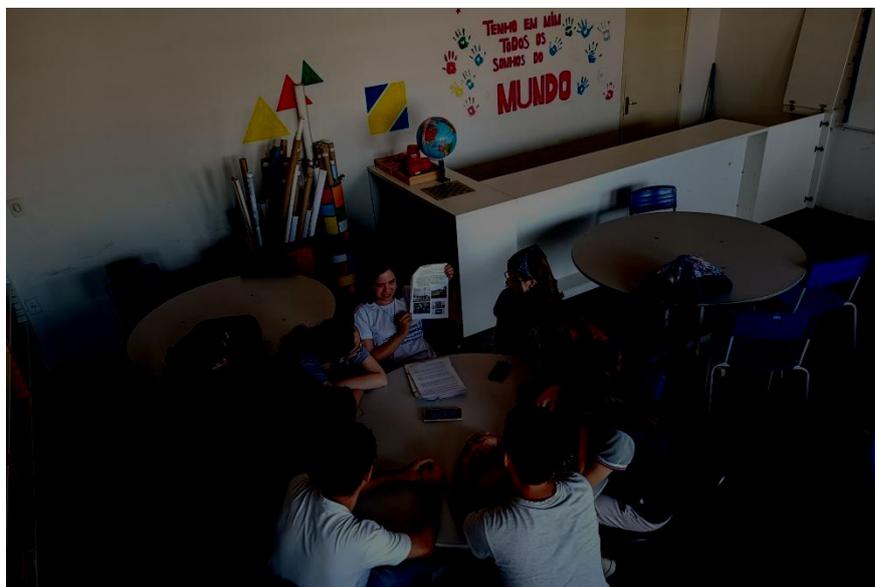
Neste trabalho, desenvolveu-se uma ação interventiva em forma de clube de leitura, com intuito de trabalhar temas como migração, desigualdade, diversidade, identidade, etc., a partir da historicidade do desenvolvimento do nordeste brasileiro no diálogo entre obras literárias da década de 30 e a sociologia. Realizando-se uma vez por semana, no horário de intervalo para o almoço, que dura em média 1 hora e 30 minutos, sendo aproveitados apenas 45 minutos para os encontros, durante os meses de Março a Maio de 2023.

A intervenção foi realizada com os estudantes do ensino médio da Escola Cidadã Integral Técnica “José Gonçalves de Queiroz” (ECIT JGQ), localizada no município de Sumé, no Cariri Ocidental Paraibano. O prédio da escola é de primeiro andar, estruturado para comportar mais de 500 alunos, possuindo entre 30 a 40 salas, sendo 23 salas de aulas e as demais são divididas entre secretaria, diretoria, sala dos professores, sala de planejamentos, laboratórios, biblioteca, almoxarifado, etc., além do ginásio, cozinha e refeitório. As salas são tematizadas de acordo com as disciplinas, pois no novo modelo de ensino integral cada uma delas possui a sua.

A escolha da escola deu-se, primeiramente, por meio de diálogos com professores e bibliotecária durante o Estágio Supervisionado I, em que estagiei na disciplina de Sociologia, e também por pertencer ao Programa do Residência Pedagógica vinculado à mesma escola. Na conversa com a bibliotecária, perguntei sobre os interesses dos alunos pela leitura e se havia uma frequência de alunos na biblioteca em busca de livros. Ela relatou que existiam muitos alunos leitores na escola, e que sempre tinha jovens em busca de livros na biblioteca, desde os interessados em literatura aos que preferem os mais científicos. Além disso, falaram-me sobre a média de alunos/as que gostam de ler com frequência, de acordo com as séries, tendo de 10 a 15 que possuem o perfil de leitores em toda a escola.

A biblioteca da escola foi o local designado pela direção escolar para as realizações dos encontros do clube. Ela é de mais ou menos o mesmo comprimento e largura que uma sala de aula, como bem descrita na imagem abaixo:

**Figuras 1** - Biblioteca da ECIT JGQ no terceiro encontro do clube de leitura. Sumé, Paraíba, 2023.



**Fonte:** registro por Gustavo Costa, no segundo debate sobre o livro “Menino de engenho”, no dia 12 de Abril de 2023.

Nesta biblioteca, também há extensas estantes com exemplares de livros de literatura nordestina e brasileira, inclusive há muitos clássicos em formato de quadrinhos, como Dom Casmurro, do Machado de Assis, e Grandes Sertões: veredas, do Guimarães Rosa.

**Figuras 2** - Estante de livros literários na biblioteca da ECIT JGQ. Sumé, Paraíba, 2022.



**Fonte:** registro por Nandhara Bezerra durante o período de estágio, em Novembro de 2022.

A partir desse mapeamento, foi possível pensar a proposta interventiva para os estudantes do ensino médio, com faixa etária de 14 a acima de 18 anos. É neste período da vida que a sensibilização sobre as questões sociais são aguçadas entre as juventudes, principalmente por começarem a se preocupar sobre o seu lugar no mundo, e o que serão na fase adulta (MARTHA & NEVES, 2012).

A literatura pode promover aos jovens leitores uma postura de criticidade e reflexividade por meio das novas ideias, perspectivas, imaginações, e tomadas de decisão dos personagens, que por muitas vezes alimentam uma identificação entre o leitor e eles (MARTHA & NEVES, 2012). Para além, obras literárias que abordam aspectos sociais e psicológicos também tendem a aproximar os jovens leitores do conteúdo, principalmente quando se trata de refletir sobre comportamentos envolvendo justiça e/ou autenticidade (idem, ibidem).

Os interessados preencheram o formulário de inscrição, identificando-se e respondendo questões breves sobre o que gostam de ler e por que desejavam fazer parte do clube. A média de alunos que realizaram a inscrição condiz com a prevista pelos professores. Onze estudantes se inscreveram, sendo quatro do 1º ano, três do 2º ano e três do 3º ano. Destes, seis são menores de idade e cinco estão na faixa etária de 18 a 21 anos. A seleção destes estudantes foi de caráter voluntário, e os interessados em participar compõem o perfil de alunos com maior desempenho escolar, o que já era um dado esperado. Apenas três conhecem algum dos romancistas, e dois já leram uma das obras. Na pergunta sobre os tipos/estilos de livros que gostavam, seis dos dez,

relataram que gostavam muito de romances.

No que tange ao pequeno número de alunos que tiveram contato com os romances e autores a serem trabalhados no clube, é válido ressaltar que os/as leitores/as passam por um processo de conhecer/ler obras desconhecidas por eles, e o papel dos/as mediadores neste momento é tentar relacionar aquilo que já é conhecido ao que é considerado novo por eles/as. Neste processo ocorre uma ruptura de expectativas, possibilitando “ao leitor o poder de refletir sobre semelhanças e diferenças entre as suas potencialidades iniciais e as novas, procedendo a um autoexame para detectar tanto suas conquistas quanto as dificuldades e percalços no processo de conhecimento” (MARTHA & NEVES, 2012, p.143).

Com relação às expectativas dos estudantes para o clube, precisei prezar pela estimulação da sensibilização deles para lerem textos diversificados; conviver e interagir com outros sujeitos interessados por leituras para a promoção de trocas de ideias/perspectivas sobre as obras; e tornar conhecidas as produções artística e literária local, regional, nacional ou até mundial; (MARTHA & NEVES, 2012).

A importância da mediação se torna ainda mais fundamental quando se trata de leitura, pois é necessário que haja alguém que selecione os textos, que os escolha de forma coerente e consciente, possibilitando um conhecimento mais aprofundado e afetivo partindo, primeiramente, do mediador, sendo compartilhado com todo o grupo (MARTHA & NEVES, 2012). Mediadores de clubes de leitura devem possuir e exercer a função de ler livros e o mundo/meio social, ter o interesse pela educação continuada, pois ser um leitor é estar em contínua formação (MARTHA & NEVES, 2012).

Para a mediação, além de mim, também contamos com o professor Gustavo Costa. Ele é formado em Geografia, mas neste ano de 2023 está ministrando aulas nas disciplinas de Economia e Informática, fazendo parte da equipe da base técnica, e na disciplina eletiva “Café com cordel”, idealizada por ele mesmo. O caso do docente é um exemplo da situação de muitos professores, formados em determinadas áreas, que precisam assumir outras disciplinas nas Escolas Cidadãs Integrais Técnicas - ECIT. É válido destacar ainda, que o professor Gustavo foi quem me trouxe a proposta do clube de leitura e do horário de funcionamento ser no intervalo de almoço, relatando-me sobre um projeto semelhante ao meu, que funcionava na antiga escola em que ele era professor. Além disso, propôs-se a colaborar com os encontros do clube, trazendo perspectivas e conteúdos das disciplinas de História e Geografia, já que ele também está cursando a graduação em História.

#### 4 CAPÍTULO 3: AS EXPERIÊNCIAS DO CLUBE DE LEITURA

No presente capítulo, serão expostos os resultados das leituras e discussões sobre as obras literárias, “Menino de engenho”, “O Quinze” e “Vidas Secas”, a partir dos encontros do clube de leitura. Procuo relatar como ocorreu a proposta de interdisciplinaridade e contextualização na prática, para compreender o Nordeste nas perspectivas da Literatura e Ciências Humanas.

Para facilitar a exposição, o capítulo será dividido, com um tópico para cada livro e um para apontamentos a partir do conjunto da experiência. Porém, antes de seguir, propriamente, para as discussões, é necessário expor o perfil dos estudantes que frequentaram o clube para que possam ser identificados durante suas falas no decorrer dos encontros descritos.

**Quadro dos participantes do Clube de Leitura**

Nome do estudante	Série/Turma	O que gosta de ler	Motivo para ingressar no clube	Frequência nos seis encontros
J.E.	3º ano “D”	Prefere filosofia e tem pouco contato com a literatura.	Pretende melhorar o vocabulário para o Enem.	Dois encontros
T.D.	3º ano "A"	Clássicos, principalmente da literatura brasileira.	Gosta muito de literatura, e quer aumentar o seu leque cultural.	Todos os encontros
R.S.	2º Ano "E"	Romances, poemas, poesias e ficção.	Gosta bastante de ler.	Quatro encontros
C.G.	1º ano "F"	Romances	Gosta de história e achou interessante a proposta.	Cinco encontros
J.V.	1º ano “A”	Romances e ficção	Entrou no mundo da leitura recentemente, aprendeu a gostar bastante de ler, e gostaria de continuar se aprofundando na leitura.	Dois encontros
A.C.	2º ano “A”	Clássicos, contos, criminal, fábulas, suspense, terror e fantasia.	A proposta lhe chamou atenção por gostar de ler.	Três encontros
V.R.	3º Ano “B”	Terror, suspense, ficção sobrenatural e romance.	Para desenvolver mais o hábito de leitura e conhecer obras importantes que a tirem da zona de conforto.	Um encontro

S.S.	2º ano "B"	Histórias de aventura/ação e um pouco de romance.	Para ler, exercitar a imaginação, e por almejar um clube de leitura em funcionamento na escola há um tempo.	Cinco encontros
A.E.	2º ano "A"	Clássicos, especificamente os romances.	Pelo fato da leitura ser muito importante para a sua vida, por isso surgiu o interesse.	Quatro encontros
E.K.	2º ano "A"	Romances, poesias e poemas.	Para melhorar a leitura, e se interessar mais pelas obras brasileiras.	Três encontros
G.A.	1º ano "A"	Não tem um gênero literário específico.	Por indicação de colegas e professores.	Três encontros

Após as inscrições, entrei em contato com todos via e-mail, enviando uma mensagem disponibilizando um link de acesso ao grupo no whatsapp para facilitar a comunicação e socialização de algumas informações. Apresentei-me, então, como a mediadora do clube e enfatizei a importância do protagonismo deles durante todo o processo de desenvolvimento do clube, pois quem iria fazer tudo acontecer de fato, seriam eles.

A escolha do primeiro livro a ser lido e discutido foi feita por meio de uma enquete no grupo do whatsapp. Dos dez inscritos, sete votaram em "Menino de engenho", que já era uma sugestão minha. O livro possui 40 capítulos curtos, e acordamos de ler para a primeira discussão do capítulo 01 ao 15, e cada um ficou com a responsabilidade de identificar alguns temas durante a leitura para dialogar coletivamente no dia do encontro. Eram eles: identidade, cultura, socialização, desigualdades sociais, diversidade, política, migrações e trabalho.

#### 4.1 "ELE É UM MENINO MELANCÓLICO": DISCUSSÕES SOBRE "MENINO DE ENGENHO" - JOSÉ LINS DO REGO

Sou doce lá dos engenhos e venho com essa doçura  
 Contenho poesia pura, a fartura de rima tenho  
 Desenho nossa cultura por cima e não por de baixo  
 (...) Meu povo o maior tesouro, amor regional duradouro"

- RAPadura Xique-Chico (Norte Nordeste Me Veste)

O livro “Menino de engenho”, do José Lins do Rego, narra a história do menino Carlos, que perdeu a sua mãe para o feminicídio, causado por seu pai, que após o ocorrido foi internado numa clínica psiquiátrica. É por causa dessa tragédia que Carlos vai morar no engenho de seu avô, próximo ao litoral paraibano, sendo criado por suas tias, seu avô e pelas negras que viviam na casa-grande do engenho. A história é narrada pelo menino, com uma perspectiva memorialista de uma criança, mas também possibilita uma demonstração da organização da sociedade patriarcal e açucareira da época, trazendo abordagens históricas e problemas sociais muito presentes no Nordeste dos senhores de engenho, tendo uma maior ênfase nas desigualdades presentes nas relações daqueles que pertenciam à casa-grande com àqueles que viviam na “rua”, ou seja, senzala.

A princípio, em nosso primeiro encontro para a discussão da obra, foi realizada uma sondagem para saber o que acharam do livro “Menino de Engenho” do José Lins do Rego, até qual capítulo conseguiram ler, se houve alguma dificuldade na leitura e interpretação da história, etc. Responderam-me que pararam entre o capítulo 13 e 20, que acharam o livro interessante e com a escrita compreensível, mas todos enfatizaram que sentiram tristeza ao ler o início do livro.

Então, eu e o professor Gustavo, trouxemos um diálogo entre literatura, história e sociologia. Iniciei minha fala fazendo um breve resumo sobre a biografia de José Lins do Rego. Falei que era um paraibano, nascido em 1901 no Engenho Corredor, localizado na cidade de Pilar, e que era de origem pertencente a classe aristocrata açucareira, sendo filho e neto de donos de engenho. Ressaltei ainda que sua mãe faleceu quando ele ainda era uma criança, e que ele foi levado para o engenho do avô, em que passou a ser criado por sua tia. Assim, procurei mostrar para eles que a história do “Menino de engenho” está muito próxima da realidade vivida pelo autor.

#### **4.1.1 Identidade e Identificação**

A passagem do livro mais marcante para todos os estudantes foi o assassinato da mãe e a ida do pai para uma clínica psiquiátrica. Com isso, S.S. (menino, 16 anos), destacou sobre essa tragédia na vida de Carlos ser o gancho para toda a história, principalmente a ida dele para o engenho do avô. A sua colega R.S. (menina, 16 anos) ainda lembrou sobre um trecho que fala que a Velha Sinhazinha maltratava o menino por ele não ter mãe e nem pai, e o menino chorou o dia inteiro por isso. Todos concordaram com ela sobre essa parte do livro ter sido triste e

desconfortável de se ler, e uns até ressaltaram que choraram, tornando perceptível, assim, o quanto a literatura possui o poder de sensibilização.

As discussões desta obra foram movidas por emoções e acontecimentos tão delicados quanto os narrados no próprio livro. Uma semana antes da realização do primeiro debate, um dos alunos do clube perdeu a sua mãe, e no ano anterior, 2022, ele já havia perdido o pai. O próprio aluno veio até mim falar sobre sua história, principalmente quando começou a ler o livro, sempre a me mandar mensagem falando sobre suas angústias, solidão, e suas vivências com o luto, e até falando de sua identificação com o menino Carlos, dizendo: “o garoto até me lembra eu um pouquinho... mas estou gostando” (S.S.).

Com isso, além dele, todos os demais participantes ficaram sentidos com a passagem inicial do livro, e eu já esperava que houvesse uma ênfase nessa parte da narrativa, afinal, a perda de uma mãe gera um sofrimento que ninguém deseja passar. Preparei-me a semana inteira para tentar lidar com o que poderia surgir durante o debate, com receio de causar mais sofrimento e dor para o aluno, mas seus colegas, por também estarem a parte do ocorrido com o colega, tentaram tomar cuidado em suas falas.

Assim, percebe-se que nestes destaques há um entendimento sobre a narrativa do livro, ao identificarem, por exemplo, que a tragédia com a mãe do menino como um gancho para o enredo da história: “eu acho que, assim, essa tragédia que aconteceu com os pais do menino foi o gancho para o resto da história, porque sem isso ele num tinha ido morar no engenho, né!?” (fala de S.S. no encontro - menino, 16 anos). Os livros de José Lins do rego traz muitas vezes um memorialismo da infância, misturando a vida cotidiana dos engenhos no Nordeste açucareiro com os problemas psicológicos de seus personagens, e ao se tratar de “Menino de engenho” estes problemas são causados “pela ausência da mãe e a culpa diante do desabrochar do sexo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.149).

No que diz respeito à identidade do menino Carlos, a estudante, T.D. (menina, 18 anos), ainda destacou os capítulos 25 e 27, ao tratar da relação de Carlos com os animais e a sua formação identitária:

Ele vem, justamente, com esses animais (passarinhos e carneirinho), passando muito tempo nisso. E ele fala que gostava de ficar sozinho, na sua solidão, e nisso eu vi essa falta que ele sentia, né!? Porque a gente como indivíduo, a gente sente falta de uma família. Então, assim, se isso não é bem estruturado a gente sente falta, e por mais que tenha uma pessoa ali substituindo, nunca será o mesmo que um pai ou uma mãe, e aquele buraco fica pra sempre na gente. Então, assim, muitas vezes essas realidades vai nos tornando quem somos, porque a gente é muito o que a gente vive. A gente é muito do ambiente que nos forma. Por isso que quando pessoas mudam de ambiente e convívio, mudam. A solidão dele não faz parte só da personalidade dele, mas é porque ali ele não tinha ninguém verdadeiramente, sem contar que todos nós somos

sós. Além disso, ele enxergava os homens fortes como heróis, acho que era pra suprir a figura que ele idealizou um dia do pai. Ele é um menino melancólico. Não que a melancolia seja algo ruim, mas é que ela foi construída de maneira trágica na vida dele (T.D. - aluna 3º ano "A", em encontro do clube).

O menino Carlos é de fato descrito como um menino melancólico, a sua formação identitária está ligada ao contexto social, às suas vivências, tornando perceptível a influência do ambiente na construção individual de cada sujeito. No seguinte trecho, por exemplo, a estudante percebeu essa formação:

A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino meio cético, meio atormentado de visões ruins (REGO, 2020, p.22).

A morte da mãe de Carlos causou nele um embaraço emocional e psicológico, como bem destacou a aluna T.D., ao caracterizá-lo como um menino melancólico, e isso trouxe um embaraço na dinâmica das discussões também, pois houve uma dificuldade, minha e do professor Gustavo, de conduzir o resto do debate para outra direção, pois os estudantes sempre voltavam para a mesma passagem. Então, precisamos interromper as falas e destaques dos estudantes em certo ponto, levando-os para pensar sobre alguns problemas e fenômenos sociais e históricos presentes na narrativa, como a naturalização das desigualdades entre as relações de senhores de engenho e as pessoas negras, ex-escravizados.

#### **4.1.2 Fatos históricos, socialização e naturalização das desigualdades**

Os problemas individuais enfrentados pelo menino Carlos é um tanto relevante para a trama, mas o contexto social e histórico que ele está inserido torna é de total interesse para as Ciências Humanas, especificamente para a Sociologia, sendo levantadas algumas problemáticas sobre a época e as relações sócio-históricas na narrativa. Assim sendo, A.C destacou o fato do menino nunca chamar as pessoas negras pelo nome, sempre por “negro, negra, negrinhos...”. Enquanto o aluno S.S. já falou sobre a tia do menino não querer que ele pegasse tanto sol para não ficar da cor dos negros. A sua colega T.D. ainda ressaltou o trecho da página 48, que fala sobre o tratamento que Carlos recebia na escola por ser neto do dono de engenho e como ele enxergava os colegas de turma, pois tudo dele era separado dos outros, só ele tinha direito a uma cadeira na escola (os demais sentavam em tamborete), etc., e ele os enxergava/tratava

como a “gente pobre” do engenho.

Na narrativa desta obra um dos principais aspectos sociais abordados é a desigualdade social e a sua constante naturalização na vida cotidiana nos engenhos, e, antes de tudo, a presença do racismo e da escravidão nessa dinâmica social entre senhores de engenhos e escravizados. Na perspectiva de José Lins do Rego, a pobreza, por exemplo, era entendida como um fenômeno natural, e a desigualdade era considerada como algo comum entre as relações humanas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), essa percepção fica mais clara em um dos trechos do livro, quando o menino Carlos diz que,

O costume de ver todo dia esta gente na sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos” (REGO, 2020, p.101).

Com isso, destaco que o professor colaborador também relatou sobre a naturalização das desigualdades sociais presente no livro, e proporcionou uma breve reflexão aos alunos sobre a permanência dessa naturalização nos dias de hoje, na nossa realidade, dando exemplos concretos, como naturalizar uma pessoa que vive em situação de rua, ignorar um pedinte nas feiras livres, etc., coisas que tratamos como se não houvesse nenhum problema.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, argumentei sobre a relação entre os senhores de engenhos e seus escravizados ser vista como amigável e fraternal, mesmo com tanta tortura e sofrimento, falando sobre o olhar de admiração do menino Carlos sobre o avô, tanto na forma que seu avô comandava todos os trabalhadores e moradores do engenho, como os negros escravizados das senzalas. Ressaltei ainda que mesmo com tantas perdas e problemas psicológicos que Carlos trazia consigo, a sua criação, a sua classe social não o sensibilizava para enxergar o cenário de desigualdades de maneira desnaturalizada e crítica.

Neste contexto, foi destacado o capítulo quatro do livro, que tratava da chegada do menino Carlos no engenho de seu avô, após a morte da mãe, e sua adaptação aos costumes do lugar, pelo estudante S.S., que tratou da naturalização da escravidão para Carlos: “por exemplo, conviver com a escravidão, lá tinha muito negro, ele vai naturalizando aqui como se fosse algo certo pra ele”. Com isso, lembrei-o sobre duas categorias, que ele tinha me dito via whatsapp, encontradas neste capítulo, quais foram, “identidade e cultura”, e perguntei: “por que você identifica essas duas categorias?”, ele respondeu: “pelo jeito que eles falam das coisas, na

cidade não era assim”. Então, continuei a dizer:

É um tipo de identidade e cultura formada que vai passando para o menino, e isso tá vinculado ao processo de socialização, por que ele precisou aprender a se comportar, a falar..., é uma forma de educação de acordo com o meio social que ele está vivendo. A identidade, por exemplo, não é formada apenas pelo indivíduo, mas também é fruto da socialização, e a construção cultural e identitária de Carlos está interligada ao meio que ele viveu antes e durante sua morada no engenho (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

O mesmo aluno, S.S., trouxe para a discussão o capítulo sete do livro, que, para ele, tratava das desigualdades, ressaltando o seguinte: “porque a tia Sinhazinha arrumava encrenca para poder judiar dos negros, e ela também bateu no Carlinhos só por uma besteirinha”, sua colega, A.C., complementou: “ela batia no menino, e ele sem fazer nada, colocava a culpa no menino”, e os demais ainda acrescentaram o fato do menino não ter pais para protegê-lo. Então, propus uma reflexão crítica sobre a atitude da Velha Sinhazinha, comparada aos demais da casa-grande, com relação aos negros, a partir da seguinte questão: “por que Carlinhos só problematiza o jeito dela tratar os negros, sendo que ele e os outros da casa-grande os tratam de forma semelhante?”. A aluna R.S. respondeu: “é porque ela fazia muito mal a ele”, e o aluno S.S. disse: “e ele já tava com trauma daquilo que aconteceu com os pais e ela usava isso pra fazer ruindade com ele”. Com isso, ressaltei:

É a falta de afeto que o menino tem pela tia Sinhazinha que faz ele enxergar as maldades que ela fazia com os negros, e é por excesso de afeto e admiração pelos demais da casa-grande, especificamente o avô, que, possivelmente, ele acabava não enxergando as desigualdades e maldades causadas por eles aos negros, inclusive, seguindo-os (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

A partir do que foi exposto e discutido por mim e pelos estudantes, percebe-se a presença das categorias analíticas determinadas a partir da análise documental dos documentos curriculares e da coleção didática do PNLD 2021. Com isso, é demonstrada a execução da proposta metodológica na prática, possibilitando aos estudantes uma nova maneira de ler e de compreender o que se lê à luz da Sociologia, pois as categorias foram escolhidas, especificamente, para identificar a presença de fenômenos sociais nas obras literárias.

Em seguida, destacaram a abolição da escravatura do Brasil, os interesses dos senhores de engenhos e o papel da princesa Isabel, a partir da fala do estudante C.G.: “quando a princesa Isabel ‘coisou’ a lei áurea os senhores de engenho ficou contra a monarquia”, e ainda acrescentou dizendo que “a princesa e a mãe dela eram umas heroínas, por venderem as joias delas para libertar os escravos”. Porém, antes que eu me pronunciasse para explicar o que

aconteceu, a aluna A.E. discordou do que seu colega disse, e começou a falar:

Não foi bem assim, ela só fez 'peguem aí minha assinatura e vocês se virem'. É que, assim, naquele tempo a monarquia tinha que ter uma imagem boa para as outras pessoas, e também os outros países já tinham abolido a escravidão e estavam exigindo que fosse feito o mesmo no Brasil. Nas novelas as pessoas tratam ela como se fosse uma heroína. Beleza, ela teve lá seus momentos ruins, principalmente na relação com D. Pedro, mas todos tiveram papéis ruins nessa história. Mas é que eles só viviam no trono tomando chá e botando chifre uns nos outros (risos), enquanto o povo sofria (A.E. aluna 2º ano "A", em encontro do clube).

Os demais colegas, juntamente comigo, concordamos com o que ela disse, e o seu colega também repensou sobre tudo o que tinham ensinado para ele, percebendo as falhas que existem numa história mal contada, ficando até surpreso com as informações que sua colega levou em forma de discordância à fala dele.

Assim, continuando este diálogo entre Literatura e História, o professor colaborador ressaltou sobre os instrumentos de torturas que os donos de engenho utilizavam com seus escravizados, que tanto são relatados por historiadores, mas, enfatizando a falta que existe em

Entender as minúcias, os detalhes, o cotidiano..., de manhã quando eles acordavam, como eles eram tratados, sabe!? Como era a janta dessas pessoas? Onde era o banheiro? A maneira que eles faziam as suas necessidades... E o banheiro da casa grande, como é que era? Principalmente nessa época, que não havia sistema de esgoto. Quem retirava essas fezes?... são essas minúcias que a literatura consegue descrever, seja José Lins do Rego ou outros. Enfim, eles vão ter essa habilidade de juntar história e literatura. Porque, vejam, a gente parte da ideia que é uma ficção que ela tá criando aquela história, mas ela é fundada em fatos históricos. Você pega um conjunto de evidências, coisas que de fato existiram, e daí você cria personagens para dar vida àquelas informações históricas (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

A percepção do professor trata, justamente, de uma certa incompletude nos estudos históricos, entendendo a Literatura como uma ferramenta complementar para a História. Com esta percepção e com a discussão dos estudantes sobre os fatos históricos e a relação da História com a Literatura presentes na obra literária, é válido retornar a Antônio Cândido (2006, p.35), em que ele ressalta a importância da presença de elementos individuais que formam uma conjuntura social, pois "a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais", estando em constante diálogo, interligando-se.

O professor colaborador ainda trouxe elementos sobre os problemas sociais e econômicos causados pela elite nordestina para com a classe trabalhadora, destacando alguns sobrenomes de famílias responsáveis por diversas desigualdades na região Nordeste.

Nós nos preocupamos com tanta coisa, nos questionamos por tanta coisa que acabamos invisibilizando e inviabilizando a dor do outro. E daí tá a grande questão, que é voltando para a naturalização, que acabamos de falar, que é como isso é socialmente construído. A desigualdade é socialmente construída, pessoas a construíram, famílias, ações, mãos iguais as nossas, e a gente trata como se fosse algo natural. A violência para com o outro acontece por causa das pessoas, e a gente acha que sempre foi assim e sempre será assim. Mas não, quando paramos para analisar no tempo, no passado..., a gente vai percebendo que algo que não acontecia passa a acontecer e algo que aconteceu não acontece mais. Então, tudo é socialmente construído e pode ser socialmente desconstruído. É preciso dar nomes, momentos, inclusive famílias, a esses acontecimentos, pessoas que viviam em berços de ouro e prata, enquanto milhares viviam com o mínimo do mínimo em situações de humilhação constante. Há famílias, há nomes e sobrenomes que, inclusive, vocês conhecem, como Rego, Suassuna, Pessoa..., que possuem grande influências políticas até hoje (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

Com base nessa fala foi pautado o regionalismo nordestino criado por muitas figuras pertencentes às respectivas famílias citadas pelo professor, inclusive o próprio José Lins do Rego juntamente com Gilberto Freyre, como bem foi exposto no tópico sobre o romancista, uns dos envolvidos na formação cultural e identitária que passaram a caracterizar o Nordeste e os nordestinos.

#### 4.1.3 Regionalismo

O regionalismo foi pautado na discussão a partir destes grandes nomes e sobrenomes de figuras públicas e famílias que influenciaram a construção e desenvolvimento da região Nordeste, iniciando com os seguintes questionamentos:

– Quem é que está a frente desse regionalismo?; Será que tudo que a gente acredita hoje, essa defesa do espaço regional, do Nordeste, sempre existiu?; Quem foi que criou essa ideia de regionalismo?; Vocês já pararam pra pensar? (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube)

– Quem disse que a gente fala arrastado?; Quem disse que a gente só gosta de cacto?; Quem disse que a gente é só seca? (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube)

Conforme fomos questionando, eles expressaram reações de espantos e dúvidas, e disseram que nunca tinham parado para pensar sobre essas questões. Então, a aluna A.C. pronunciou-se: “esse negócio de xenofobia me dá uma raiva, que as pestes falam direto: Nordeste é seca, não tem água, não tem nada pra comer...”, e o aluno S.S. complementou: “dizem que aqui é o deserto do Saara”. Com isso, falei um pouco sobre a maneira que nos revoltamos em defesa da nossa terra/região e a maneira que o outro a enxerga, serem consideradas construções ideológicas

sobre um espaço geográfico, social e histórico.

Sendo assim, comentei sobre a construção regional e identitária terem sido criadas, especificamente, pelas elites do Nordeste, citando a influência do próprio José Lins do Rego, e engatei para falar sobre a relação dele com o sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, que todos já conheciam das aulas de Sociologia. Olharam-me com espanto quando disse sobre ambos serem muito amigos e, então, ressaltai a forma que se conheceram e a presença do diálogo entre sociologia e literatura nas construção de suas obras.

Iniciei falando da figura de Gilberto Freyre na construção regional, e sobre as duas “estratégias” abordadas por ele, a partir do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr., em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”. Então, expliquei que,

O Nordeste açucareiro, concentrado nas mãos da aristocracia/elite nordestina, a qual Freyre pertencia, era considerado um paraíso, porém, ele também proclamava a seca nordestina, usando-a como justificativa para ganhar financiamentos políticos, que geralmente iam para os bolsos das famílias aristocratas, e para tornar a região conhecida nacionalmente (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

Houve, então, um questionamento da aluna A.C.: “professora, era muito difícil mudar de classe nesse tempo, num era!?”. Respondi-a concordando com a pergunta retórica dela, e citei o caso de Ariano Suassuna, que defendia a existência de uma nobreza para que fosse possível existir cangaceiros, vaqueiros, pobres..., pois, na ideia dele, todos os povos com todas as suas diferenças de classes eram unidos e viviam fraternalmente uns com os outros (muito semelhante com a ideia de José Lins do Rego em “Menino de Engenho”). Ressaltei ainda que um dos livros de romance do Ariano Suassuna, intitulado “Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, também proporciona um diálogo com a Sociologia, principalmente no âmbito da política e da cultura.

O escritor e dramaturgo Ariano Suassuna é visto com olhos de admiração por todos os estudantes do clube, tanto pelo Suassuna ser caririzeiro, como eles, da cidade de Taperoá-PB, próxima a cidade de Sumé-PB, como também por sua famosa obra, “O auto da Compadecida”, e também por abordar aspectos da cultura e identidade nordestina. Mas esta admiração não se limita ao escritor, ela se estende à sua família, como as obras de artes de seu filho Manuel Dantas e de sua esposa Zélia Suassuna, inclusive, C.G. (menino, 16 anos) é um grande admirador de Manuelito, como é conhecido o filho do Suassuna em todo o Cariri, e por vezes ressaltava: “prefiro Manuelito! Gosto do Ariano, mas Manuelito é mais interessante. Gosto das suas obras de arte”. Uma fala que demonstra um conhecimento mais aprofundado sobre a vida,

família e obras da família Suassuna.

#### 4.1.4 Desigualdades de gênero e racial

O debate sobre o livro “Menino de Engenho”, resultou em dois encontros e, no segundo, iniciamos pautando as desigualdades de gênero e racial presentes na narrativa. Primeiramente, dois estudantes falaram do quanto estavam gostando do livro, um exemplo é a fala da aluna R.S.: “eu amei ‘Menino de Engenho’, até a parte que eu li, achei maravilhoso, e ele comenta de várias coisas”, e de seu colega S.S.: “parece até que é tudo da vida dele, do autor”. Então, partiram, propriamente, para a discussão do primeiro trecho do livro deste segundo encontro:

Ainda me lembro de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto. Sempre que estava comigo, era a me beijar, a me contar histórias, a me fazer os gostos. Tudo dele era para mim. Eu mexia nos seus livros, sujava as suas roupas, e meu pai não se importava. Às vezes, porém, ele entrava em casa calado. Sentava-se numa cadeira ou passeava pelo corredor com as mãos para trás, e discutia muito com minha mãe. Gritava, dizia tanta coisa, ficava com uma cara de raiva que me fazia medo. E minha mãe saía para o quarto aos soluços (REGO, 2020, p.20-21).

A partir da leitura desse trecho perguntei a eles o que era vivenciado nessa cena descrita pelo menino, e eles começaram a dizer o que perceberam: “eu acho que é uma relação tóxica entre a mãe e o pai”; “caso de agressão”; “é violência doméstica, né!?”; “o menino já tava era crescendo com esses problemas na mente”; “esse trecho mostra que essa violência era só com a mãe dele, não com ele”. Com isso, entramos no assunto sobre violência contra mulher e feminicídio, pois no livro é descrito esses momentos de agressões e a morte da mãe causada pelo pai, que após o ocorrido foi internado em uma clínica psiquiátrica.

Questionei-os sobre o pai do menino ser realmente louco, ou seria ele apenas mais um homem agressor e feminicida!?, e todos me responderam que isso não era loucura. Continuei a questioná-los: “será mesmo que todo homem que agride e mata uma mulher são punidos da mesma maneira? E se ele fosse negro e pobre também seria levado para uma clínica psiquiátrica ou seria morto?”. Responderam-me: “o homem negro teria sido assassinado na hora, e se fosse escravo ficaria no tronco e seria torturado”; “o pai do menino morava na cidade, tinha mais condições e era branco. Ele era homem de importância!”.

Com isso, fizemos um paralelo com uma parte do livro que relata sobre o abuso sexual que o tio de Carlos fez com uma escravizada, sendo dito ao dono de engenho que tinha sido um negro, e o coronel Zé Paulino o colocou no tronco e torturou-o, e só após uns dias que descobriram que tinha sido o tio do menino e, ao contrário do negro, ele não sofreu nenhuma pena. A estudante T.D. ainda lembrou que a única coisa dita pelo coronel foi: “a gente bota

esses meninos pra estudar, e eles voltam assim”.

A partir disso, juntos fomos tentando perceber o quanto essas questões apresentadas no livro ainda se fazem presente no nosso cotidiano, como os casos de muitos brancos empresários e políticos corruptos que não são punidos pela justiça brasileira, enquanto muitos negros e pobres são alvo da violência policial constantemente. Ressaltamos também o quão pouco existem escritores negros famosos no Brasil, e o quanto os espaços intelectuais ainda são restritos para pessoas brancas e/ou ricas. Problematicamos ainda o fato de só haver uma menina negra no clube, que foi o exemplo mais próximo possível que tínhamos sobre o quão esses espaços ainda parecem pouco acessados pelo povo preto do nosso país, e o quanto o racismo continua presente e enraizado na sociedade brasileira.

Em contrapartida a estes problemas sociais enfrentados na sociedade brasileira, os alunos começaram a trazer histórias locais e regionais sobre os povos indígenas e africanos, e enfatizaram o quanto são desconhecidas pela população. A aluna T.D. falou que, “existem muitas cidades da Paraíba que foram fundadas por africanos, como a cidade do Congo, que foi fundada por um africano chamado ‘Congo’”, e o seu colega C.G. ainda falou que “a cidade de Sumé começou pelos índios Sucurus”, ambos, então, ressaltaram sobre o significado da palavra “Caatinga”, que é o bioma presente na região do Cariri Paraibano, a qual quer dizer “mata cinza”. Por fim, o mesmo aluno, C.G., ainda disse que “onde os brancos chegavam, esses povos passaram a evadir e/ou foram esquecidos”. Além disso, ele também ressaltou um fato histórico ao falar que, “na época da escravidão os negros não tinham direito de entrar na igreja dos brancos, então eles construíam as igrejas deles”. Com isso, eu, brejeira que sou, falei da existência da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada no município de Areia, no Brejo Paraibano, e alguns deles disseram que já estiveram na cidade e conheceram a igreja, lembraram-me ainda que tal igreja fica bem próxima a igreja matriz, que era a dos brancos.

Em um tom nostálgico e apreciativo, a conversa girou em torno dos patrimônios históricos materiais da cidade de Areia-PB, como o museu da rapadura, localizado dentro do campus da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, o engenho Triunfo, a casa do escritor José Américo e a arquitetura colonial do centro da cidade. A aluna A.C., por exemplo, relatou ter sentido um desprazer de conhecer esses patrimônios, especificamente o engenho, pois achava que era uma forma de “exaltar” mais ainda a elite. Então, o aluno C.G., do 1º ano “F”, pronunciou-se:

Professora, quando eu ia na cidade de Alexandria, no Rio Grande do Norte, toda cidade ao redor só tem engenho, principalmente quando ia pra uma fazenda lá, que tinha um engenho abandonado, não muito abandonado, funciona plantio lá. Professora, era a coisa mais linda. Professora, quando eu vi esse engenho, quando eu tava indo lá a primeira vez, parecia uma senzala.

A partir dessa fala, expliquei sobre a importância de manter os patrimônios históricos materiais ainda vivos, que eles não só significam a grandeza ou “exaltação” da elite nordestina, como também é uma forma de lembrar o passado da escravidão, pois mesmo não havendo muitas senzalas de pé, os próprios casarões e engenhos mostram um passado escravocrata e elitista. A escritora cearense, Rachel Queiroz, por exemplo, pertenceu a esta elite regional, não sofrendo as mesmas consequências que os personagens de sua obra, “O Quinze”, sofreram durante a seca de 1915, mas, ainda assim, sua obra continua sendo importante para sensibilizar sobre a questão.

#### 4.2 “INDEPENDENTE DO QUE ESTAVA ACONTECENDO ELE SÓ QUERIA ESTAR LÁ, NAQUELE LUGAR”: DISCUSSÕES SOBRE “O QUINZE” - RACHEL DE QUEIROZ

Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua

-Belchior (Fotografia 3X4)

A obra “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, trata da história da seca de 1915, a qual trouxe muitos problemas para o povo nordestino. A escritora faz uma narrativa em que entrelaça um romance platônico entre a professora Conceição e o fazendeiro Vicente aos dramas trazidos pela seca, com destaque para a migração vivida pelo vaqueiro Chico Bento e sua família.

A personagem Conceição é uma professora recém formada que mora na capital do Ceará, Fortaleza, mas foi criada por sua avó, Mãe Nácia, no Sertão do mesmo Estado, na cidade de Quixadá, lugar em que ela passava as férias na casa/sítio de sua avó. Conceição foi uma personagem revolucionária, que agiu contra todos os padrões impostos a uma mulher nordestina naquela sociedade patriarcal, pois além de ser uma professora, ela também não pretendia casar e ter filhos, “descumprindo” o seu “papel de mulher” na sociedade. Enquanto Vicente, é um vaqueiro sertanejo, que permaneceu no Sertão, mesmo com tantos problemas vivenciados pela seca, sendo considerado um tipo de herói da história, pois continuou cuidando do seu lugar, dos seus animais, da plantação, etc., quando já não havia esperança de melhoras ou auxílio para o povo daquele lugar. Os dois personagens eram primos, sendo apaixonados um pelo outro desde

muito novos, mas ambos nunca foram capazes de confessar seus sentimentos.

No que diz respeito a história de Chico Bento e sua família, Rachel de Queiroz vai trazer os problemas sociais, políticos e econômicos que tornaram a seca devastadora para os pobres sertanejos, abordando mortes durante a migração, a fome, a pobreza, o sofrimento, etc., de viver em situações de instabilidade numa sociedade desigual. A autora usa o exemplo da família de Chico Bento para demonstrar também a migração do Nordeste para o Sudeste, em rumo a terra prometida, que é São Paulo, em busca de melhores condições de vida, com esperança de um lugar melhor e uma estabilidade para viver e criar seus filhos. Uma família que se torna o reflexo de tantas outras que viveram a mesma situação, o mesmo contexto histórico, geográfico e social.

Inicialmente, na primeira discussão sobre a obra, realizei uma breve introdução sobre quem foi Rachel de Queiroz, a influência da Sociologia na construção de seu romance, a importância do seu lugar de mulher nordestina na literatura brasileira e o seu contexto social, político e geográfico.

Quando falamos de Rachel de Queiroz também falamos da representatividade da mulher nordestina na literatura, apesar do fato dela ter estado ao lado dos políticos ditadores na ditadura militar (pra quem não sabe ela era muito amiga de Castelo Branco), isso não anula a importância que ela teve na literatura brasileira. Ela despertou uma revolução no mundo literário por ser escritora, mulher e nordestina, tendo a sua obra como uma das mais relevantes para explicar o Nordeste brasileiro, principalmente por abordar minuciosamente o fenômeno da seca nordestina. Rachel de Queiroz passou um tempo de sua vida no município de Quixadá, cenário presente em boa parte do seu livro, acompanhou a seca de 1915, e foi próxima do sociólogo Djacir Menezes, o qual tratou do Nordeste, sociologicamente, na perspectiva da seca, ao contrário de Gilberto Freyre que escreveu sobre o um Nordeste açucareiro, ambos de grande relevância para a Sociologia brasileira. Com tudo isso, destaco que o Adolfo Casais Monteiro, no prefácio de “O Quinze” da primeira edição, ressalta sobre a importância do meio que o romancista está para construir a sua obra, a história não será criada totalmente da cabeça, existem influências reais da vida cotidiana e intelectual. Ele destaca que o romance da Rachel aborda muitas questões sociais: fome, desigualdades, seca, migração, política..., inclusive é importante ressaltar o quanto presente é o diálogo entre indivíduo e natureza neste romance (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

Com isso, o professor Gustavo, que mais uma vez participou conosco do encontro, trouxe contribuições da geografia para contextualizar o período e o lugar que a Rachel narra o romance “O Quinze”, discorrendo a seguinte fala:

É fundamental a gente entender que todo mundo nasce em um ambiente, não existiu ninguém no mundo que não nasceu e num se criou em um lugar, e ao longo desse crescimento, você vai aprendendo e conhecendo a natureza do seu entorno, seja morando na zona rural ou urbana, você vai ter influência direta desse espaço/lugar que você se criou. Então, por exemplo, se a gente imaginar um jovem que se criou na Noruega, que é um país em que 60% do ano está coberto de gelo e é extremamente frio, além da diferença cultural, e outro jovem que se criou próximo ao deserto do

Saara, que tem contato com o ambiente totalmente oposto, onde chove muito pouco e poucas vezes no ano. Ambos terão uma forma de ver o mundo diferentes, proporcionado por essa relação com o clima/lugar/espço. Então, é fundamental que quando a gente pensar um autor a gente pensar o lugar, não só o que ele cria a narrativa, mas também o lugar onde ele se cria e se desenvolve. Para isso, eu escolhi esse mapa do Brasil, pois não encontrei o do Nordeste, para tentar mostrar e explicar a vegetação e o clima presente na nossa região (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

**Figura 3** - Quarto encontro do clube de leitura. Sumé, Paraíba, 2023.



**Fonte:** registro por Nandhara Bezerra no quarto encontro sobre “O Quinze”, no dia 19 de Abril de 2023.

O professor apresentou os diferentes lugares do Nordeste em que a Caatinga está presente, incluindo Sumé-PB e localizando a cidade de Quixadá-CE, que também possui a mesma vegetação e um clima semiárido, e explicou que de mais ou menos 12 em 12 anos ocorre um evento de estiagem pertencente a esse clima, ressaltando o seguinte:

Entendam uma coisa: estiagem é um período sem chover, é um evento natural que toda vida teve nessa região, vocês ouviram falar de seca, e seca é uma coisa diferente, que é o que vai ser narrado no livro. Seca não é só o fato de não chover, a seca tá relacionada a fome e a pobreza que ocorre durante esse período por falta de políticas públicas e de investimentos, então não é um problema só natural, é um problema político e social (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

Encontra-se nestas falas um diálogo direto entre Sociologia, Geografia e Literatura, a partir das abordagens sobre gênero, temática trabalhada em aulas de Sociologia no ensino médio, e conteúdos da Geografia, para contextualizar a vida e obra da escritora. Os papéis sociais da Rachel de Queiroz e da sua personagem Conceição trazem uma representatividade feminina, especificamente para as mulheres nordestinas, numa sociedade majoritariamente patriarcal. Além disso, toda a explicação sobre o lugar que a romancista narra a história é relevante para os estudantes perceberem as semelhanças entre o lugar em que vivem com àquele que é descrito na narrativa, tendo em vista que ambos fazem parte do semiárido nordestino,

com o mesmo tipo de vegetação e clima.

#### 4.2.1 Religiosidade, interdisciplinaridade e contextualização

A religiosidade é um fenômeno social presente na cultura nordestina, na obra “O Quinze” é enfatizada em alguns momentos a presença da fé em divindades em forma de súplicas diante de tanta pobreza e fome causada pela seca de 1915. Por esse e outros motivos, expostos anteriormente no capítulo 1, foi criada a ideia de que a seca era apenas um problema natural, não o relacionando com os contextos sociais, políticos e econômicos.

Com isso, a aluna A.E. destacou que, “no livro cita também que o pessoal do governo não ligava pro pessoal pobre”, sua colega, A.C., disse: “no capítulo um, a personagem pergunta a avó porque ela ainda insiste em rezar o terço pra chover”, então, seu colega S.S. complementou: “mas é o que eles podiam fazer né!? Não tinha mais ninguém pra ajudar eles”, e os demais concordaram. O professor, então, falou: “Eu acho que a gente exige muito dos nossos deuses, sabe!? Quando na verdade são questões que não estão relacionadas às divindades, são questões políticas reais que os homens criam e homens resolvem”. Em seguida, ele trouxe a informação sobre o campo de concentração descrito pela romancista no livro:

A ideia de campo de concentração é não permitir que as pessoas tenham a liberdade de sair, que fiquem concentradas de fato. Por que isso aconteceu!? Porque nesta seca as pessoas iam para Fortaleza, que era a capital. Todo mundo tava em busca de salvação, e achavam que em Fortaleza poderia acontecer. Os ricos, a elite do Ceará por estarem concentrados em Fortaleza, eles não queriam que aquelas pessoas, pobres/imigrantes, estivessem ali, e a atrocidade que pensaram foi impedir que essas pessoas chegassem a Fortaleza criando os campos de concentração. Tudo isso vai acontecer em 1915, por isso o livro vai se chamar “O Quinze” (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

No entanto, o que despertou interesse nos estudantes foi a informação chave sobre o nome do livro ser “O quinze”, todos olharam com espanto para ele, e começaram a dizer frases, como: “Aaaahhhh”; “agora eu imaginei tudo, eu achei que era a idade dela, que ela lançou o livro”; “eu achava que eram 15 personagens na história”; “eu pensava que era 15 dias”.

Em seguida, a aluna R.S. destacou a seguinte fala do personagem Vicente: “– E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisas. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu a carne tem de roer os ossos...” (QUEIROZ, 1930, p.16). Após ler o trecho, disse: “eu acho que, pelo que eu interpretei desse trechinho, ele quis dizer com isso que a gente não pode ter a necessidade de só estar presente nos momentos bons, quando existe

lucros, quanto tá dando tudo certo”, seu colega, S.S., complementou: “é que independente do que estava acontecendo ele só queria estar lá, naquele lugar”, e ela concordou com ele. A estudante T.D. também contribuiu ao falar que, “é porque como os trabalhadores estavam com Vicente desde o início, eu assimilei que ‘a carne’ seria o início/a parte boa e o “os ossos” seria ficar até o final, independente dos problemas”, e a A.C. acrescentou: “só que na verdade eles estavam se dando mais mal por continuar ali numa seca, do que migrar pra outro lugar”.

A partir da discussão entre eles sobre o trecho, destaquei partes do prefácio de “O Quinze” da edição de 1930, intitulado “Um romance que não envelheceu” por Adolfo Casais Monteiro:

O romancista tanto memoriza como inventa fatos: o que ele não pode inventar é o sentido da vida como ela é, e para isso, é preciso que tenha estado em algum lugar da terra e se tenha impregnado numa determinada conjuntura emocional, numa atmosfera, dum ambiente, dum céu e dum terra, e de presenças humanas (QUEIROZ, 1930, p.09).

Então, comentei: “eu costumo até falar que o que faz o lugar são as pessoas. O lugar não tem significado algum se ele não transmite aspectos emocionais na gente, e isso faz parte da nossa história, são as nossas relações nestes ambientes que nos torna quem somos”. A aluna A.C. me perguntou: “ô Nandhara, sobre você se mudar, sair da sua cidade natal, dá um pouquinho de saudade né!?”. Eu respondi:

Todos os dias! Eu amo Sumé, foi a cidade que me acolheu, estou com o coração partido por saber que em algum momento terei que deixar esse lugar e ir para outro. Mas a minha cidade natal, apesar dos pesares, continua sendo a minha cidade natal, as minhas pessoas estão lá. Porém, ao mesmo tempo que você estar lá, você não enxerga aquele lugar da mesma forma, você sempre terá aquele olhar nostálgico, aquela vontade de voltar no tempo, de tudo que você passou ali..., porque de certa forma você já não pertence aquele lugar, a sua pessoa do passado é que pertenceu. E mesmo que as pessoas que você ama continuem lá, o sentimento saudosista é quem faz morada e nos preenche, que é o que acontece não só com a Rachel, como também com o Zé Lins (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

A partir desta minha fala, a aluna T.D. disse: “tem uma frase, acho que é do Rubem Alves, que diz que se você gostou muito de um lugar num volte nele mais não. É que é melhor ir encontrar as suas lembranças em outros lugares”. Em seguida, continuou destacando o que lhe despertou interesse durante a leitura do livro:

Eu gostei muito, principalmente por saber que ela escreveu esse livro à luz do candeeiro. Eu gosto desse tipo de romance, não é muito fantasioso, é mais real. A parte que eu achei interessante é que ela vem narrando a migração de uma família, que eles vem a pé com um jumento, eles não conseguiram. Eles chegam num lugarzinho que tem umas pessoas numa sombra, e tinha uma novilha morta lá, aí o personagem Chico Bento pergunta assim:

Nesse momento, a estudante começou a ler o trecho destacado por ela:

– De que morreu essa novilha, se não é da minha conta? Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo: – De mal-dos-chifres. Nós já achamos doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus. Chico Bento cuspiu longe, enojado: – E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... O outro explicou calmamente: – Faz dois dias que a gente não bota um comer de panela na boca... Chico Bento alargou os braços, num grande gesto de fraternidade: – Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá pra nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão! (QUEIROZ, 1930, p.43).

Com a leitura do trecho, alguns de seus colegas soltaram frases como: “eu também destaquei essa parte” e “ele deu tudo o que tinha, e a mulher dele num gostou não, né!?”. Com isso, fizeram-me refletir sobre a atitude tomada por Chico Bento, em que a Rachel de Queiroz procura demonstrar a bondade/caridade dos pobres sertanejos nordestinos uns com os outros, algo que não me chamou atenção durante a minha leitura e análise do romance.

Em seguida, após a leitura do trecho, T.D. (aluna do 3º ano “A”), falou um pouco sobre o que compreendeu:

Então, assim, a gente percebe que a seca era tão grande, tinha uma necessidade tão grande, que você não se importa com aquilo, pode ser qualquer coisa, que você vai tá ali comendo. E eu posso contextualizar com a nossa vida que quando a gente não quer alguma coisa em casa, nossos pais dizem: se tivesse morrendo de fome, comia. Então, a gente nunca se ver numa situação dessas aqui. E ele divide a comida com os outros, e a mulher brava né!? Deu a comida toda, e a gente vai comer o quê agora?... Mas aí vem o ditado muito repetido por eles: Deus dá depois. Esse pensamento baseado na providência de um Deus. Eu acho que o fato deles acreditarem numa força maior, numa divindade, dava motivação para eles lutarem. A própria Rachel de Queiroz diz que não acreditava em um Deus, mas se você tiver um pouquinho de fê, cuide dela.

A estudante traz uma breve contextualização com as vivências do nosso cotidiano e a narrativa do livro, que vale ser destacado, sobre o fato de haver um poder de escolha quando não passamos por situações precárias, de fome, sede e pobreza, como a descrita na cena, e, principalmente, por ressaltar que ninguém se enxerga na mesma situação que Chico Bento e companhias. Levando-nos, portanto, a lembrar que os personagens do livro viviam bem, antes da grande seca chegar, eram trabalhadores rurais e vaqueiros, muitos dos alimentos que plantavam, consumiam. Os problemas naturais juntamente com os sociais, é que fizeram os

personagens mudarem de vida, e nenhum deles estavam preparados para viver nesse sofrimento, porque, assim como nós, em nossa realidade, não nos vemos em momentos de tamanha adversidade, como bem pontuou a aluna.

#### 4.2.2 Desigualdade de gênero e patriarcalismo

O professor ao ouvir atentamente o que T.D. (aluna do 3º ano “A”), começou a relatar um caso que ocorreu na família dele:

Minha bisavó viveu a seca de 1915, e o pai dela, meu tataravô, tinha terras e ela herdou parte dessas terras, e ela teve que vender basicamente tudo com essa seca de 1915. Nesta seca, ela chegou a comer sandália de couro. Sabe o que é você cozinhar couro!?. Mas o que eu quero destacar é que há uma desigualdade de gênero nessa história, porque ela comia couro pra que seu esposo pudesse ficar com o pouco de comida que havia, pois existia/existe esse imaginário que o homem precisa ficar com o melhor. Eu tava até conversando com uma professora aqui da escola esses dias, e ela disse que quando a mãe dela matava uma galinha as melhores partes eram dos homens (PROFESSOR GUSTAVO - fala no encontro do clube).

Então, a própria estudante, ao ouvir o relato do professor, trouxe uma ênfase sobre a questão de gênero abordada na fala do professor, lembrando de um dos livros do romancista, também nordestino, Jorge Amado:

No livro “Tieta do Agreste” de Jorge Amado, é narrado justamente a vida de uma mulher que era pastora, cuidava das ovelhas do pai, que vou pra São Paulo. Quando chega lá em São Paulo, ela começa a se prostituir e depois casa. Ela casou rica, a riqueza era dela, sabe!? Quando ela volta pro Nordeste, ela não revela que enriqueceu por meio da prostituição. Então, quando ela volta pra Bahia, todos acham que ela enriqueceu por conta do marido, não porque construiu sua própria riqueza. É bem interessante e polêmico! (T.D., aluna do 3º ano “A”, no encontro do clube)

Com isso, acrescentei:

Atitudes como essas fazem parte de um Nordeste baseado no patriarcalismo, presente, inclusive, não só no Nordeste como em toda sociedade brasileira. Agora imaginem só o quão revolucionário o livro da Rachel de Queiroz é pra literatura brasileira, não só pela personagem Conceição, mas, principalmente, por ter sido escrito por uma mulher nordestina, num período em que a sociedade patriarcal tinha muito mais força do que hoje, e as mulheres tenham muito menos direitos (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

#### 4.2.3 Escolarização e desigualdades entre o rural e o urbano

O debate seguiu com a leitura de mais dois trechos do livro, escolhidos pelo estudante C.G., o qual, pela primeira vez, conseguiu ler em público no clube, mesmo com dificuldade e

vergonha. Em alguns momentos durante a leitura, ele disse: “professora, eu gaguejo! Não sei ler muito bem”. Então, eu disse: “Você está lendo bem, estamos entendendo e acompanhando! Mas se você não tiver se sentindo à vontade, eu posso continuar”. Mas ele continuou a leitura e todos o respeitaram. O primeiro trecho lido foi o seguinte:

Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá. Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo da Mãe Nácia. Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; e voltava mais gorda com o leite ingerido à força, resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó (QUEIROZ, 1930, p.19).

Com isso, perguntei o motivo que o levou a destacá-lo, o que significava para ele. Respondeu: “sei não, professora! Acho que a mãe e a avó”. Com essa resposta, percebi que ainda havia um apego a narrativa de “Menino de engenho”, que, inclusive, prendeu e impactou não só ele como os demais também, principalmente a figura da mãe e avô, muito discutido nos encontros sobre o livro. Então, ressaltai que,

A presença dessa memória de infância, desse apego a casa e a figura dos avós, estavam muito presentes tanto na narrativa do José Lins em “Menino de Engenho” como na Raquel de Queiroz em “O Quinze”, e essa ideia de substituição da presença dos pais pela dos avós. Porém, existe outra coisa que deve ser destacada nesse trecho, que é o cansaço de uma professora ao final de um ano letivo, inclusive, Conceição até aparentava ser uma professora iniciante ainda (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

Desse modo, a aluna A.E. falou: “Conceição era bem novinha, ela só tinha 22 anos, acho que era uma professora iniciante sim”, e sua colega, T.D., fez um questionamento retórico: “e parece que naquela época só tinha até o 9º ano, que era a 8ª série, num era!?”. Lembrei, então, do “meu pai que só estudou até a 8ª série, na verdade nem terminou”. O aluno C.G. perguntou-me: “mas ele sabe ler?”. Eu respondi-o:

Sabe sim! Ele parou de estudar porque teve que migrar para São Paulo, com 17 anos, para ajudar a sustentar os irmãos, porque minha avó teve seis filhos, ele é o mais velho, e mais alguém precisava trabalhar, porque só o roçado não tava sendo o suficiente. Então, ele foi pra São Paulo e ficou mandando dinheiro para os pais. Mas, enfim, nesse trecho podemos perceber um pouco do desgaste do trabalho docente, do saudosismo e da importância das figuras maternas, as mulheres da vida de Conceição (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

A aluna A.E, do 2º ano “A”, de maneira narrativa, ou seja, ela não leu o trecho, relatou o que ocorreu em uma das partes do livro, destacando o seguinte:

Vicente tava dançando com Conceição, aí chegou um momento que ele tava rindo bem muito com ela, e a senhorinha, que acho que era a tia de Vicente, começou a comparar, viu que Vicente tava se tornando homem. Aí ela tava falando lá do irmão de Vicente que queria ser doutor, que ele foi pra cidade estudar pra virar doutor, acho que ele se chamava Paulo. Parece que ele tinha se casado e vivia em outro lugar, longe de Vicente. Aí ele disse que o sertão era algo ruim, que não dava sucesso, sabe!? Tipo, na questão dos estudos, sai pra estudar. Mas tipo, eu peguei esse texto porque como a gente tava falando das questões sociais e migração, pensei até em muitas pessoas aqui que saem do sítio pra estudar na cidade. Só que as pessoas sempre assimilam o sertão a algo muito ruim, e não tivesse sucesso nenhum.

Com isso, fiz alguns comentários após essa fala: “Na verdade, o fenômeno da seca é tido como um dos principais estereótipos dado ao Nordeste. Quando falamos de Nordeste, aqui ou em qualquer outro lugar do Brasil, o que a gente pensa?”. Todos começaram a dizer: “seca, chão rachado, cactos, analfabetos, cabeça de vaca na beira das estradas”. A mesma aluna, A.E., que destacou essa parte do livro, ainda disse: “ah, quando eu penso em Nordeste, eu penso em umbuzada! Eu amo umbu, e acho que só existe essa fruta por aqui pelo Nordeste”. Além disso, ela ainda acrescentou mais observações sobre escola: “mas queria dizer que eu até lembrei que antes existiam as escolas nos sítios, depois acabou, acho que por conta de alguma questão política, não sei. Aí as pessoas começaram a vim estudar aqui”.

Então, a partir dessa fala sobre as escolas do campo estarem sendo fechadas no Cariri, falei:

Essa é uma pauta muito trabalhada pela educação do campo, inclusive por Carla Mailde, educadora do campo e esposa de um dos meus professores da universidade, que luta pela reabertura das escolas do campo de Sumé e de tantas outras cidades daqui do Cariri. Mas é que alguns dos nosso políticos costumam ver as escolas do campo como desnecessárias. Em Bananeiras, por exemplo, na gestão do antigo prefeito algumas escolas foram fechadas constatando que não haviam estudantes o suficiente para que continuasse funcionando e recebendo verbas, e pelo que ouço falar aqui a justificativa não é tão diferente. Fora isso, ainda tem a desculpa que eles dão de ter escolas demais na cidade e ter transporte público o suficiente pra trazer esses alunos do campo para a cidade. Mas aí, chega um dia de hoje, que teve paralisação em outras escolas, e não tem transporte para os estudantes do sítio que estudam aqui, porque não vão mandar transporte pra cinco ou seis alunos. E esses alunos ficam como? Sem aulas, perdendo os conteúdos, e no final são cobrados como os demais que não enfrentam esses problemas (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

A partir desta minha fala, a aluna ainda ressaltou: “faz muito, muito tempo, que eu fui no sítio de uma parente da minha vó, aí tinha uma escolinha de ensino religioso, de catecismo. Aí eu disse: meu deus, aqui tem uma escolinha”. O aluno C.G., aproveitando a fala da colega, disse: “nas terras da minha família, tem uma escola abandonada que meus pais e minhas tias estudaram lá, e hoje em dia só tem as ruínas dela lá”. Com isso, lembrei do livro “Torto Arado”

do Itamar Vieira Júnior:

Tem uma parte do livro que é sobre a educação no campo, especificamente quilombola. É que essas escolas do campo não deveriam ser acabadas, deveriam ser reformuladas para uma educação do campo, porque essas crianças e adolescentes que estão ali, eles precisam trabalhar na roça, ajudar os pais na colheita, nos bichos, enfim... Então, a educação do campo deve servir ao campo, ao agricultor, e daí quando a gente pega um curso de educação do campo, por exemplo aqui na universidade, é ensinado que este tipo de educação precisa prezar por metodologias que possibilitem aprenderem mais coisas sobre o campo, entender de forma escolarizada aquilo que já fazem na prática.

Quando a gente traz essas pessoas pra cidade e para um ensino integral é muito possível que haja uma perda de ajuda nos serviços de casa e no plantio, e ainda pode acontecer desses estudantes perderem o interesse nos estudos. Tipo, é como se a gente aqui tivesse estudando mil e uma coisa de todas as disciplinas curriculares e não haver uma metodologia que faça sentido para o nosso contexto.

Quando a gente pega um livro de literatura nordestina e a gente é um nordestino, e a gente entende o que está sendo dito, porque a gente vive isso, a gente tem uma possibilidade maior de encontrar algum sentido próximo da gente. Inclusive, lembrando mais uma vez de “Torto Arado”, uma das personagens, não lembro se é Bibiana ou Belonísia, diz que não quer ir pra escola, porque lá não fazem nada que eu gosto, porque eu gosto de trabalhar na roça, é mais ou menos assim.

Eu tenho uma amiga que é quilombola, do quilombo “Cacimba Nova” daqui de São João do Tigre, e ela disse que a escolarização lá na comunidade é voltada para conhecimentos sobre quilombos. Porém, ela um dia disse que quando as crianças e adolescentes saem da comunidade para estudar na cidade estudar o ensino médio, eles passam por um processo de mudança, além de alguns probleminhas na convivência, pois há uma divisão entre “os da cidade” e “os da comunidade” (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

Sendo assim, a mesma aluna, A.E., falou:

Eu sempre fui habituada a estudar, sabe!? E eu acabei gostando muito, é algo que eu acho que eu amo fazer. Aí sempre que eu tô na sala de aula eu gosto muito de estudar, eu gosto de escrever e gosto de participar das aulas. Só que eu tenho amigos que não, sabe!? E eu às vezes me sinto mal, porque eu não consigo muito entender o lado deles, o porque eles ficam cansados, pois são muitas coisas, muitas coisas ao mesmo tempo. Tipo, do nada a gente chega de um feriado, de um domingo, aí na segunda tem tipo duas aulas de matemática, pra eles é muito torturante, é muito cansativo, Aí eu fico assim, porque eu fui instigada a estudar muito. Eu nunca gostei muito, mas eu estudei em escola privada, sabe!? E o ensino é muito..., não é ruim, mas não é bom (risos), porque é muita coisa. Aí agora quando não tem as coisas pra fazer eu me sinto muito mortada, sabe!?

Além disso, ela ainda acrescentou que no ensino integral “só tem uma aula de geografia, de história, sociologia e filosofia por semana, e duas de projeto de vida. Não faz sentido!”. O aluno S.S. complementou: “Professora, e as aulas de sociologia que só caem dia de feriado ou algo do tipo, sempre atrasa tudo”.

Porém, a aluna T.D., do 3º ano “A”, interrompeu os comentários dos colegas e acrescentou mais uma informação do trecho do livro sobre essa relação de Vicente com seu

irmão, continuando o debate:

Na página 52, fala justamente de Vicente pensando nisso, né!? Pensando nele e no irmão, que o irmão é doutor e ele ficou ali na roça, e eu gostei muito de uma frase que é dita nessa parte que é “moldar-se à forma comum dos outros”, né!?. Então, a gente tem muita essa visão de que só tem futuro quem estuda. Eu comecei a ter uma nova linha de raciocínio, porque eu conheço muitos, tipo, geralmente homens que dizem “eu parei de estudar, porque estudo não dá dinheiro”. Assim, estudo dá dinheiro sim, só que talvez não seja pra todo mundo, né!? Consegue por outros meios também. Então, assim, se a gente abrangesse os jeitos de conseguir as coisas, não só pelos estudos, não é só bom quem estuda.

A partir dessa fala, seu colega, C.G., do 1º ano “F”, disse: “tem muitos empresários aí que não precisaram estudar”. Ela concordou. Porém, intervi, dizendo:

Precisamos saber e entender primeiro quem são esses empresários, porque ao se tratar de Brasil, esses grandes empresários são herdeiros e fazem parte do 1% das pessoas mais ricas do país, e eles só precisaram nascer e herdar o que sempre foi deles.

Então, a mesma aluna, T.D, disse: “ao mesmo tempo que, se a gente for ver, as pessoas que estudaram tem cargos melhores do quê quem não estuda. Assim, tem toda uma estrutura que é formada só pra quem estudou”.

#### 4.2.4 Relação entre ser humano e natureza

O estudante C.G., aproveitando o diálogo com a colega T.D., tomou a fala e começou a ler o segundo trecho que tinha separado:

Novamente o cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado. O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada. Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas (QUEIROZ, 1930, p.23).

Então, perguntei sobre o que ele identificava, seja no aspecto social ou emocional, qual o motivo de destacá-lo. Dessa vez ele falou um pouco mais: “aqui tá falando mais sobre a seca, essas coisas..., e os animais também sofriam nessa época, e tinha gente que sofria muito prejuízo por causa dessa seca”. Então, complementei: “Isso! A gente pode perceber nesse trecho a descrição da relação do ser humano com o ambiente, com a natureza”. Ele ainda disse: “mas chega um momento que muitos vão embora, por causa dessa seca”. Com isso, ressaltéi que,

mesmo com tantos indo embora, Vicente permaneceu. Ele é tipo o ‘herói’ da história. Inclusive, essa relação entre ser humano e natureza vocês irão estudar no terceiro ano, uns de vocês ainda vai demorar mais um pouco, mas outros logo logo estudarão, e espero que lembrem de nossos encontros (NANDHARA BEZERRA - fala no encontro do clube).

#### 4.2.5 Migrações

No mais, coloquei para reproduzir a música “fotografia 3X4” do Belchior, para que pudéssemos perceber a narrativa da migração narrada no livro “O Quinze” com a história cantada na música, enfatizando que prestassem atenção nas seguintes estrofes:

Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei/ Jovem que desce do norte pra cidade grande/ Os pés cansados e feridos de andar légua tirana.../ (...) Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua/ A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia/ E pela dor eu descobri o poder da alegria/ E a certeza de que tenho coisas novas/ Coisas novas pra dizer.../ (...) A minha história é talvez/ É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte/ Que no sul viveu na rua...

Assim, após ouvirmos a música juntos, comentei sobre existir dois processos de migrações, vividos por uma mesma família, narrados no livro. A primeira migração é a que estão em busca da sobrevivência, fugindo da seca do sertão cearense para o litoral; enquanto a segunda é considerada uma migração em busca de condições melhores de vida, que ocorre do litoral cearense à São Paulo. Com isso, destaquei os seguintes trechos do livro:

(...) Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos borracha está dando dinheiro... E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte... (...) Subitamente, Conceição teve uma idéia: — Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer... O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente: — É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro norte ou pro sul... Timidamente, Cordulina perguntou: — E é muito longe, o São Paulo? Mais longe que o Amazonas? — Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem Jacaré... É uma terra rica, sadia... Chico Bento ajuntou: — Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro... Conceição levantou-se, rebatendo o vestido: — Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos... (...) E despedindo-se, Conceição saiu vagorosamente, pensando que poderia dar bom impulso à roda daqueles destinos, levando-os a um caminho melhor, mais suave e mais largo... (QUEIROZ, 1930, p.109).

Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas do Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...” (QUEIROZ, 1930, p.114).

Com base na música e nos trechos conversamos um pouco sobre esse ideal de que a cidade de São Paulo era o lugar ideal para os nordestinos viverem uma vida melhor, como se fosse a terra prometida para eles. Sendo assim, expliquei sobre a chegada da industrialização no Brasil na década de 30, que concentrou diversas indústrias no sudeste, especificamente na grande São Paulo, e a intensificação desse processo migratório dos nordestinos para lá, principalmente com o cenário precário da seca nordestina. Assim, foi-se formando ideais de que o Nordeste era sinônimo de seca e o sudeste e sul eram lugares ricos, com climas agradáveis para viver bem. Porém, ressaltai, “não é bem isso que o Belchior nos conta na canção”.

Em síntese, o estudante S.S. pediu que eu lesse o que ele tinha me mandado no whatsapp, que foram as categorias que ele identificou durante a leitura do livro, quais sejam:

*Identidade:* a busca pela identidade nordestina é um dos temas centrais do livro, já que a autora retrata as dificuldades dos personagens em se reconhecerem como parte de uma região marcada pela seca e pela pobreza.

*Cultura:* a cultura nordestina também é explorada na obra, principalmente por meio da linguagem e das tradições populares que são desenvolvidas ao longo da narrativa.

*Desigualdades sociais:* as desigualdades sociais entre ricos e pobres são retratadas de forma contundente no livro, especialmente em relação aos personagens que vivem no campo e que sofrem com a seca.

*Migrações:* a migração de personagens do campo para a cidade é outro aspecto importante do livro, já que muitos deles buscam uma vida melhor em Fortaleza ou em outras cidades.

*Trabalho:* o trabalho é um tema recorrente na obra, já que os personagens lutam para sobreviver em meio à seca e à falta de oportunidades, seja trabalhando na roça, em fábricas ou como empregados domésticos.

Por fim, destaco que a leitura e discussões sobre este romance pôde proporcionar aos estudantes que participaram do clube, conhecimentos sobre a relação deles próprios com o seu lugar de origem a partir do diálogo entre as ciências humanas, especificamente a geografia e a sociologia, e a literatura. Além disso, ressalto que esta obra uma nova perspectiva sobre sua leitura no ensino médio, que, geralmente, não costumam interessar tanto os alunos por ser um clássico, e, em partes, o problema está nas metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula, causando mais desinteresse do que motivação (FREITAS, 2020). Isso acontece porque, normalmente, há um uso excessivo de “análises gramaticais, de modo abusivo e burocrático” ao se trabalhar obras clássicas no ensino de literatura nas escolas (idem, ibidem, p.247), ocasionando, muitas vezes, em culpabilização sobre os alunos, que são vistos como jovens que

não possuem interesse pela leitura, não a praticam. Mas, talvez seja o modo de trabalhar tais livros ou outros em sala de aula que torna a leitura desmotivadora e sem sentido na vida de muitos estudantes, já que o hábito de leitura é um fator de socialização, podendo ser apreendido.

#### 4.3 “ELES NÃO TINHAM NEM PRA ELES, IMAGINA PRA BALEIA, NÉ!?”: DISCUSSÕES SOBRE “VIDAS SECAS” - GRACILIANO RAMOS

Eu quase não falo  
Eu quase não sei de nada  
Sou como rês desgarrada  
Nessa multidão boiada caminhando a esmo  
- Gilberto Gil e José Domingos (Lamento Sertanejo)

O romance “Vidas Secas”, do Graciliano Ramos, retrata a história de Fabiano e sua família, composta por seus dois filhos, sua esposa Sinha Vitória e a cachorra Baleia. O personagem Fabiano é um vaqueiro sertanejo que vivia em uma posição em relação às figuras de autoridade na sociedade, como fazendeiros, polícia, governo e comerciantes, pois, por viver em condições precárias, de fome e pobreza, entendia que o seu lugar e de sua família era sempre abaixo destas figuras de poder, mesmo que questionasse a injustiça social feita por elas para com pessoas como ele e os seus. A Sinha Vitória é a única personagem mulher na história, trazendo consigo características de sabedoria e inconformidade, mas por ser mulher é quase sempre silenciada e descredibilizada, tornando visível a desigualdade de gênero no Nordeste patriarcalista. O respectivo livro é muito conhecido pela morte da cachorra Baleia, e não por acaso a fala de uma das alunas foi escolhida para o título deste capítulo: “Eles não tinham nem pra eles, imagina pra Baleia né!?”. Nessa frase percebemos, claramente, a causa da morte da cachorrinha, que é a fome e a pobreza em plena seca, pois esta história também é narrada em um período de seca, mas, ao contrário de “O Quinze”, o foco aqui é na vida dos personagens, são suas “Vidas Secas” que protagonizam essa narrativa.

No que tange a dinâmica do encontro para a discussão desse romance, destaco que essa obra foi lida e debatida de maneira diferente das demais, a pedido dos estudantes, pois eles sugeriram que fosse realizado apenas um encontro para o debate, e preferiram escolher cada qual um capítulo. O livro possui treze capítulos, porém, o clube era composto por oito alunos, ou seja, foram contemplados oito capítulos da obra: “Mudança” – R.S.; “Cadeia” – A.C.; “Sinha Vitória” – C.G.; “O Menino Mais Novo” – S.S.; “Festa” – G.A.; “Baleia” – A.E.; “O Soldado

Amarelo” – E.K.; “Fuga” – T.D. No entanto, houve o problema de alguns deles não comparecerem ao encontro, que, de certa forma, era de se esperar, e além disso, alguns dos que estavam presentes não quiseram falar sobre seus capítulos, preferiram apenas ouvir seus colegas.

Inicialmente, o estudante S.S. destacou suas anotações sobre o capítulo que ficou responsável, “O Menino Mais Novo”, de acordo com algumas das categorias que disponibilizei para todos eles desde o primeiro encontro do clube, quais sejam:

*Identidade:* a forma como o menino mais novo é visto e tratado pelos outros personagens, sua identidade como filho mais novo da família e sua relação com sua própria imagem.

*Cultura:* a cultura local é retratada no capítulo, como os personagens interagem com o ambiente e as tradições culturais da região.

*Socialização:* o capítulo aborda a socialização do menino mais novo, seu processo de aprendizado e desenvolvimento social, incluindo a relação com outros membros da família.

*Desigualdades Sociais:* há uma clara representação das desigualdades sociais no capítulo, principalmente na forma como a família vive em condições precárias e lida com a pobreza.

*Diversidade:* a diversidade da região e de suas comunidades é representada, incluindo a mistura de culturas e tradições.

*Trabalho:* o capítulo aborda o trabalho da família na fazenda, sua rotina e condições de trabalho.

#### 4.3.1 Desigualdade social e violência policial

A aluna G.A., assim como o aluno C.G., não quis comentar sobre seu capítulo, mas permitiu que algum de seus colegas comentassem por ela. Então, a aluna E.A., que estava lendo o livro pela segunda vez, comentou sobre o capítulo “Festa”, dizendo:

tem um momento em que teve uma festa, acho que foi na igreja, e Fabiano e sua família foram. Chegou um momento, após a missa, que Fabiano acabou bebendo e começou a ficar levemente alterado (risos). Assim, eu tenho pequenos flashes desse capítulo, mas eu lembro que Sinha Vitória ficava bem envergonhada por conta que, assim, eu acho que Fabiano mudava muito né!?, quando bebia pra quando tava bem sóbrio. Teve uma questão também que Sinha Vitória tava usando salto e Fabiano comentou que ela não ia aguentar a andar muito, e realmente ela não aguentou (risos). Acho que é isso! Eles deveriam ter aproveitado mais a festa, mas por conta da situação deles, da carência que eles tinham, eram excluídos do lugar, e mais ainda depois que Fabiano bebeu acabou o divertimento das crianças e da Sinha Vitória.

Em seguida, a mesma aluna, A.E., comentou sobre o capítulo “Baleia, a qual tinha ficado

responsável:

Baleia! Vamos lá! Baleia é uma cachorrinha, que tá na capa do livro, que é uma viralata, e ela caçava com Fabiano. Ela era tipo a cachorrinha da família, sabe!?, e teve até um momento que Fabiano foi caçar um preá ou foi um passarinho, um negócio assim, e matou, aí deu uns pedacinhos pra Baleia, não podia dividir tanto, mas ela ainda ganhou uns pedacinhos. Baleia era muito magrinha e ela não aguentava muita coisa, ela sofria muito por conta da fome. Aí numas saídas de Fabiano ela acompanhou, aí Fabiano viu ela lá muito adoentada, toda magrinha, aí ele sacrificou a Baleia. Porque, assim, ela ia sofrer mais se continuasse vivendo, pois eles não tinham condições. Eles não tinham nem pra eles, imagina pra Baleia né!?

A estudante E.K. leu o capítulo “O Soldado Amarelo”, a qual ficou responsável, mas preferiu não comentar sobre ele no encontro, então, me permitiu comentar sobre ele em seu lugar, já que este foi o capítulo que mais me prendeu no livro inteiro. Com isso, li o seguinte trecho:

Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... Soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos de direitos. Aquela cambada só servia para morder pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria tão ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancada neles? Não iria (RAMOS, 2020, p.101).

A partir da leitura do trecho, falei:

Aqui fala da violência policial. Existe um problema social sério no nosso país de violência policial contra pobres, negros, periféricos, nordestinos na cidade grande, etc. A gente tem muita notícia até hoje de violência policial, de abuso de autoridade. Vejam bem, o papel da polícia e o projeto policial não são as mesmas coisas. Os agentes é que fazem o projeto policial ser visto de outra forma. Sinceramente, às vezes a gente tem mais medo da polícia do que do bandido.

Com isso, os alunos começaram a se pronunciar, concordando. O aluno C.G. disse: “tem uns que já chega matando sem saber da história”, seus demais colegas complementaram: “ou batendo e espancando”. Então, tentei instigar mais falas deles sobre esses problemas, dizendo: “me digam que desculpa tem de matar uma criança indo para a escola?”. Eles responderam: Nenhuma!, e o aluno C.G. ainda disse: “e ninguém faz nada, tipo, fica por isso mesmo, só porque na maioria das vezes são negros de periferia”.

Porém, ressaltei que,

Não podemos generalizar, pois existem policiais diferentes também, até porque o projeto de segurança do nosso país não foi feito pra isso, mas, infelizmente, os acontecimentos são cada vez mais piores. Então, gente, assim, no caso de Fabiano, ele não acredita que o governo é capaz de agir assim, porque ele representa muitas pessoas

do interior que acreditam que o governo foi criado para proteger os trabalhadores, os que necessitam de ajuda/auxílio. Então, assim, o governo pra ele era uma coisa muito distante, e isso que acontecia não tinha nada a ver com o governo, tinha a ver com as pessoas. Daí ele não aceitava que o soldado amarelo, ou seja, o policial, agisse de tal maneira em nome de um governo. Então, ele fica naquela né!? Pensando, pensando..., isso é muito explorado em Graciliano Ramos, a consciência dos personagens é importante para a narrativa da história. Só recapitulando, gente, Fabiano foi preso no capítulo quatro “Cadeia”, e foi a partir daí que ele começou a sentir raiva e ao mesmo tempo não entender as atitudes desse soldado amarelo. Aí, gente, ele cria toda uma ideia de vingança, planejando matar o soldado, mas no final só abaixa a cabeça, tira o chapéu de couro e ensina o caminho pra o soldado amarelo, porque, acima de tudo, ele era alguém que respeitava a lei, o governo, e sempre se colocava submisso às autoridades governamentais da sociedade, como um vaqueiro e sertanejo obediente. Gente, eu fiquei muito agoniada nesse capítulo, eu tava doidinha pra que ele matasse o soldado, e ele num fez nada. Eu quase tive um treco (risos).

### 4.3.2 Desigualdade de gênero e a instabilidade social

A aluna T.D., começou a comentar sobre o capítulo que ela tinha escolhido, que é o último do livro, intitulado “Fuga”, dizendo:

Assim, gente, Fabiano e a família tinham se refugiado numa fazenda no início da história, só que começou a não dá mais certo lá, por causa da seca, e aí eles vão se retirar da fazenda. Tem uma parte que eles estão andando, e Sinhá Vitória tem um pensamento muito interessante, que ela se compara a um pé de mandacaru secando. Eu quero falar, na verdade, desse papel da mulher, sabe!? Eles estavam migrando, a pé, numa seca, e a Sinhá Vitória sempre tinha um pensamento, sempre ficava se questionando o porque ela não poderia viver confortavelmente, o sonho dela era ter uma cama. E daí ela ficava se perguntando do porque eles não tinham direito de ter uma vida digna como tantas outras pessoas. Ela e Fabiano ficavam pensando no quanto o mundo era grande, e o porque eles estavam ali sofrendo. Quando ela se compara a um pé de mandacaru secando, fico pensando que é uma identificação cultural, tipo, se comparar a algo que o cenário está oferecendo.

Então, a partir disso, falei: “inclusive, Sinhá Vitória parava mais pra refletir do que Fabiano, porque mesmo que Fabiano se questionasse, no fim ele se conformava, ela não”. A aluna A.E. complementou, dizendo: “ela era mais racional, pensava mais, era mais inteligente”. Assim, continuei: “geralmente as personagens mulheres de Graciliano Ramos sempre são mais inteligentes que os homens”. A meninas se pronunciaram: “mas é que a gente é mais inteligente mesmo (risos)”. Prossegui minha fala: “é que mesmo Sinhá Vitória não tendo tanto estudo, ela era uma figura que representava sabedoria/conhecimento para Fabiano”. A aluna T.D. ainda destacou tratamentos inadequados que Fabiano tinha para com a Sinhá Vitória:

Ele falou do tamanco dela, das roupas dela, disso e daquilo..., assim, isso acontece até hoje né!? O homem se sente no direito de dizer que isso ou aquilo é melhor para a mulher. O pior mesmo é que a mulher muitas vezes vai se sentir mal por isso e vai se sujeitara tais comentários, tipo uma violência psicológica. Mas é que, assim, é como se o homem sempre tivesse no direito de avaliar a mulher.

O estudante C.G. lembrou que, “antigamente as mulheres não podiam trabalhar, elas eram feitas para cuidar do lar e da família”. Assim, sua colega T.D. ressaltou: “nesse livro, por exemplo, mostra que o homem está sempre à frente da família como provedor e a mulher submissa, mas também administradora da família”. Com isso, o professor de geografia, que chegou ao final do encontro, lembrou que, “na própria cidade de Sumé, antigamente, todos os domingos, na missa da igreja, as pessoas da cidade juntamente com o padre passavam a missa inteira falando mal das mulheres que não frequentavam a igreja”.

Por fim, a aluna T.D. ainda destacou: “eles sempre saíam de um lugar para o outro, pensando assim: lá vai ser melhor. Mas eles não tinham nenhuma certeza né!?”. A partir deste comentário, o professor Gustavo ressaltou sobre essa insegurança e instabilidade ser algo proposital, provocadas pela elite da região aos pobres sertanejos, vaqueiros e agricultores nordestinos.

#### 4.4 CLUBE DE LEITURA COMO ESPAÇO PARA REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

A experiência do clube de leitura proporcionou a concretização do objetivo deste trabalho, possibilitando conhecimentos sobre o Nordeste brasileiro através dos diálogos entre as obras literárias com as vivências dos estudantes, juntamente com as disciplinas curriculares: Sociologia, História e Geografia. Vale ressaltar, inclusive, as mensagens recebidas no grupo do whatsapp de alguns alunos sobre o meu papel enquanto mediadora e sobre o clube em si:

Ahhhhh.... Foi maravilhoso, bem que se diz popularmente que "coisas boas duram pouco", aprendi muito sobre a literatura nordestina e fiquei instigada em me aprofundar ainda mais. Quanto a você, minha querida, lhe amei muito! És a coisa mais fôfa! (T.D)

Aahh, poxa. Eu gostaria de agradecer por tudo! Você é esplêndida e admiro muito sua forma de ensinar. Me senti conectada contigo assim que te vi pela primeira vez. Obrigada por tornar minhas quartas-feiras maravilhosas. (A.E.)

Sério, esse clube foi muito bom. Também vou sentir bastante falta. Se o pessoal concordar, talvez um clube de leitura pode ser criado. (S.S)

Com o clube, estes estudantes descobriram um novo ambiente dentro da escola para compartilharem seus gostos e prazeres em comum sobre objetos de conhecimento que não são aproveitados, muitas vezes, nas aulas convencionais das disciplinas, nem mesmo nas eletivas. É válido destacar que estes estudantes não tinham laços de amizade entre si; a maioria não

estudava na mesma turma, e após o encerramento do clube, permaneceram com o mesmo vínculo que criaram nos encontros, inclusive trocando livros uns com os outros e até discutindo sobre o que leem/leram durante o almoço, mesmo sem um espaço separado para isso.

O novo modelo de escola, ECIT, de acordo com o Plano de Ação da ECIT José Gonçalves de Queiroz (2023, p.1), preza em “formar cidadãos solidários, competentes, protagonistas e empreendedores”, com intuito de fortalecer o projeto de vida eticamente, socialmente e profissionalmente, para que alcancem seus objetivos pessoais e sociais com sabedoria e consciência. Além disso, ainda é ressaltado no Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2022 a importância da educação contextualizada. Porém, o que acontece na prática escolar contradiz o que a proposta de educação defende, inclusive na falta de liberdade para os estudantes realmente exercerem esse “protagonismo”, além da carga horária excessiva em sala de aula, e uma pendência quanto ao ensino contextualizado de fato em sala de aula. Isso é o resultado da intensificação da carga horária dos professores, especificamente da região Nordeste, como o caso de Alagoas com 31,8h e média salarial de 2.322,30 reais, e Maranhão com a carga horária de até as 24,5h e salário de 6.248,95 (BRASIL, 2020; BRASIL, 2021a, apud LIMA et al., 2022). O clube, no entanto, conseguiu possibilitar esses pontos defendidos nos documentos escolares.

No caso de Menino de Engenho, por exemplo, a discussão trouxe alguns aspectos sobre a educação contextualizada, pois os estudantes destacaram sentir identificação entre as suas vivências e a obra literária. Entre eles estava J.E., que contou imaginar o engenho descrito no livro semelhante à casa do sítio do seu avô, conseguindo trazer a história para mais próximo de sua realidade. Em seguida, a estudante R.S. leu o seguinte trecho do livro:

O meu sono desta noite foi curto. De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido num grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia — o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta e solene de meu avô (REGO, 2020, p. 26).

Após lê-lo, ressaltou o seguinte:

Acho essa parte muito interessante porque era uma coisa que eu gostava muito de fazer no sítio, quando eu ia pro sítio do meu avô. Gostava muito de tomar leite, ele ia tirar leite e eu já ia atrás dele: ‘êpa, pera aí que eu vou também’. Inclusive nessa mesma página, o tio Juca dele leva ele pra tomar banho de rio. Cara, eu faço isso até hoje, eu amo! É uma coisa tão nostálgica, tão cultural! Então, esse e o outro sobre o lobisomem, que eu esqueci de mandar, foram meus trechos preferidos.

Assim, com a sua fala sobre a parte do lobisomem, todos os demais também concordaram sobre ser um trecho importante para eles. O trecho diz:

O lobisomem existia, era de carne e osso, bebia sangue de gente. Eu acreditava nele com mais convicção do que acreditava em Deus. Ele ficava tão perto da gente, ali na Mata do Rolo, com suas unha de espetos e os seus pés de cabra! Deus fizera o mundo somente. Era distante dos nosso medos, e nós não o víamos como a José de Cutia com o seu cesto de ovos. Pintavam o lobisomem com uma realidade tão da terra que era mesmo que eu ter visto (REGO, 2020, p.63).

A partir do potencial a empolgação dos estudantes ao se identificarem com o texto, é perceptível o processo de contextualização sendo realizado na prática, cumprindo um dos objetivos da proposta deste trabalho, ocasionando uma mobilização das vivências dos estudantes no mundo, ressignificando e reconstruindo as suas visões sobre o ambiente que estão inseridos (SUASSUNA & NÓBREGA, 2013), ao perceberem a Literatura como um reflexo sobre suas realidades. Então, ressaltei que,

É essa a importância de trazer pra perto de vocês/da gente essa leitura que a gente se ver nela, isso é considerado uma forma de ensinar contextualizando, como muito defendeu o Paulo Freire. A educação deveria acontecer assim nas escolas, tornar os conteúdos atrativos utilizando as vivências de cada um, dando importância a história de vocês, principalmente quando se trata de uma escola integral, que precisa haver formas para manter vocês focados mesmo diante de tanto cansaço (NANDHARA BEZERRA - FALA PROFERIDA NO ENCONTRO DO CLUBE).

A minha fala acabou levando a uma série de queixas dos alunos sobre o ensino em tempo integral. Iniciando pelo aluno C.G., que falou sobre a sua indignação ao modelo de ensino integral: “professora, a gente passa o dia todo na escola, quando chega em casa ainda tem atividade pra fazer, descansamos bem pouco, e no outro dia já tem que acordar cedo pra voltar pra cá de novo”. A estudante R.S. complementou: “não tem como você querer fazer coisas diferentes, criar uma rotina, porque passamos o dia na escola, e quando chegamos em casa só queremos dormir”.

Então, abri um questionamento sobre o porque as escolas não tentam trabalhar os conteúdos em sala de aula propondo coisas que agradam os alunos, utilizando recursos e métodos que tornam o estudo mais atrativo e menos cansativo para os estudantes. O clube de leitura, por exemplo, está possibilitando um ensino interdisciplinar, além de contextualizado. A aluna A.E. destacou: “a gente tá aprendendo história, geografia, português e sociologia de uma só vez”, e o aluno S.S. complementou: “essa ideia do clube é legal mesmo pra aprender as coisas dessas disciplinas”. Porém, ressaltei que nem todos os alunos da escola gostariam que a

leitura de obras literárias fosse boa para aprender alguns conteúdos das disciplinas, mas que era importante saber o perfil deles e sobre o que se interessavam.

Um dado importante para ser destacado, diante dessas declarações dos alunos sobre o modelo de ensino integral, é o fato de todos serem considerados os alunos com maior desempenho escolar, evidenciando, assim, que a carga horária excessiva causa desconforto, inconformidade, exaustão, mesmo nos alunos que têm o hábito de estudar, o que leva a imaginar o que não representa para os que não compõem esse grupo. Além disso, no Projeto Político Pedagógico - PPP da escola de 2022, ressalta que dos 429 alunos matriculados em tempo integral, há uma porcentagem de 84,19% que ressaltaram o excesso de carga horária, apontando-o como causa de muito cansaço, dificultando a disposição deles em aprender os conteúdos das disciplinas curriculares (ECIT JOSÉ GONÇALVES DE QUEIROZ, 2022, p.6-26). O dado foi resultado de um questionário socioeconômico e, embora o problema seja reconhecido, não há nada explícito no PPP em termos de proposta para a resolução deste problema.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi tornar conhecido e compreensível o lugar em que vivem estudantes de ensino médio de Sumé, município de pequeno porte localizado no Cariri Ocidental Paraibano. Refletir sobre a formação sociohistórica da região Nordeste, neste projeto, implica em identificar as relações entre os fenômenos da seca, da concentração fundiária, da escravização e do patriarcalismo. Essa intenção de fato foi perseguida e, em grande medida alcançada, mas é possível dizer que, mais que uma experiência educacional contextual e interdisciplinar, a intervenção pedagógica, em formato de clube de leitura, proporcionou um novo lugar simbólico para os estudantes no ambiente escolar. No clube, puderam partilhar seus conhecimentos, gostos e interesses sobre o mundo da leitura e sobre suas próprias realidades, seja na vida pessoal ou na própria escola.

Os livros didáticos e os documentos curriculares analisados para a construção da proposta de intervenção serviram de base para que os encontros fossem desenvolvidos seguindo a proposta de interdisciplinaridade e contextualização. Algumas questões motivadoras lançadas por mim e falas do professor Gustavo, por exemplo, conseguiram direcionar o debate. Mas o que realmente tornou esse trabalho importante, foi despertar o interesse nos estudantes por romances clássicos da literatura brasileira/nordestina, vistos, muitas vezes, como desinteressantes por muitos deles nas aulas de Literatura e, mesmo que boa parte destes alunos já possuíssem o hábito de leitura, a maioria não tinha lido nenhum dos livros apresentados no clube.

Os estudantes, agentes desta intervenção, geraram em mim um novo olhar sobre o ensino da Sociologia e o diálogo com a literatura na educação básica. A Literatura contribuiu para o ensino de muitos conteúdos e temáticas de Geografia, Sociologia e História, mas foi com Sociologia, disciplina que estudei ao longo da licenciatura em ciências sociais, que pude estimular um olhar reflexivo e crítico sobre a vida cotidiana dos personagens narrados nas obras. O livro “Menino de engenho”, inclusive, foi a obra com diálogos mais bem construídos à luz da Sociologia nos encontros, principalmente por causa das desigualdades sociais e da construção da identidade do menino Carlos.

Para além do diálogo entre as Ciências e a Literatura, as minhas vivências, as dos estudantes e as do professor Gustavo tornaram os debates mais sensíveis, pois as emoções de cada um de nós durante a leitura e as discussões dos livros foram fundamentais para entender as minúcias que uma obra literária pode oferecer sobre a nossa própria realidade. Os estudantes

conseguiram ler numa rapidez que nem eu mesma consegui no meu primeiro contato com estas obras e destacaram vários trechos que não haviam chamado minha atenção durante a leitura e análises para a realização da intervenção.

O presente trabalho resultou impactos sociais, intelectuais e emocionais para todos os envolvidos, e demonstrou que o ensino interdisciplinar pode ser bem aplicado na educação básica, se houver realmente uma proposta que atraia e estimule os estudantes a adquirirem conhecimentos sobre algo que já consomem ou têm algum interesse, ou seja, precisa haver um diálogo entre a proposta interdisciplinar e a educação contextualizada. A interdisciplinaridade não pode ser implantada com caráter anti-disciplinar, como é imposto pela proposta do Novo Ensino Médio, mas sim como estratégia de transposição didática sobre os conteúdos das disciplinas curriculares, respeitando suas individualidades e estimulando os diálogos.

No entanto, este trabalho também possui algumas falhas e limitações. Primeiramente, o clube foi proposto e desenvolvido para os estudantes leitores da escola. Mesmo que isso não tenha sido dito diretamente para o público escolar, desde o início era esperado que só aqueles que possuíam o hábito de leitura ou que se interessavam em começar a ler livros de literatura fizessem parte do clube. Houve, assim, uma seleção indireta destes participantes, que são considerados, em sua maioria, os melhores alunos da escola, os destaques no desempenho escolar. Além disso, em alguns encontros, especificamente o primeiro sobre “Menino de engenho” do José Lins do Rego, houve uma certa monopolização das falas, pois eu e o professor colaborador não possibilitamos tanto espaço de fala para os estudantes, que devem ser os principais agente desse tipo de intervenção pedagógica. Nesses momentos, ficamos numa linha tênue entre clube de leitura e aula expositiva e dialogada. Não era a intenção, mas ocorreu e isso indica a necessidade de atenção e contenção por parte dos mediadores..

No que diz respeito à organização dos encontros, a separação dos capítulos e as regras em si da dinâmica do clube, não foram estabelecidas e desenvolvidas de forma concreta, ou melhor, não houve tantas definições e exigências claras, pois optei por deixá-los livres para lerem e discutirem as obras. A escolha, porém, exigiu deles mais autonomia que o esperado de sujeitos sem experiência prévia com esse tipo de atividade e, por vezes, dificultou o desenvolvimento dos debates e o compromisso deles com a leitura dos romances. Afinal, mesmo que fossem considerados os melhores alunos da escola, já possuírem o hábito e gosto pela leitura, todos eram adolescentes de ensino médio, trazendo características e costumes adquiridos de acordo com suas idades e dinâmica social, principalmente escolar, tendo a necessidade de serem auxiliados constantemente, e precisando sempre seguir modelos e regras

bem estabelecidas, pois ainda não desenvolveram tanto as capacidades de autonomia e criatividade em situações novas.

Então, sugiro que para próximos trabalhos envolvendo Literatura e Ciências Humanas, especificamente para proposta de intervenção pedagógica utilizando a Literatura como recurso didático para estudantes do ensino médio, seria importante pensar novas maneiras de ampliar o público alvo, não se limitando apenas aos estudantes leitores, e a administrar melhor o tempo de fala dos participantes ou colaboradores e pesquisadores, para que não haja uma monopolização das falas, correndo o risco de não fluir o debate ou não concretizar o próprio objetivo do trabalho. Para além disso, também é relevante planejar e definir bem as regras e exigências que precisam ser cumpridas para o funcionamento de um clube de leitura para adolescentes, não os enxergando como jovens adultos universitários que conseguem desenvolver melhor a autonomia nos espaços em que estão por livre e espontânea vontade, pois não há tanta maturidade para isso e a dinâmica escolar não oferece tanto o desenvolvimento dessa capacidade.

No mais, foi nesse enredo ficcional e científico, dialogando Literatura e Ciências Humanas, em especial a Sociologia, que conhecemos, compreendemos e nos sensibilizamos com a história, a geografia, e os fenômenos sociais presentes no nosso lugar: o Nordeste. Um diálogo entre Brejo e Cariri, entre Literatura e Humanidades, entre a melancolia do *menino de engenho* e as *vidas secas* em situações como a seca do ano *quinze*.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. **O planejamento regional e o problema agrário no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRAICK, Patrícia Ramos; et al. **Moderna plus: ciências humanas e sociais aplicadas - Manual do professor. Volume: Sociedade, política e cultura**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- BRAICK, Patrícia Ramos; et al. **Moderna plus: ciências humanas e sociais aplicadas - Manual do professor. Volume: Conflitos e desigualdades**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)**. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf> . Acesso em: Outubro de 2022.
- BURITI, C. de O.; AGUIAR, J. O. Secas, migrações e representações do semi-árido na literatura regional: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste brasileiro. **Textos e Debates**, n. 15, 2008. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/747> . Acesso em: Março de 2023.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CALAZANS, L. S.; et al. O ensino da Língua Portuguesa no Brasil: ensino médio - como era e como ficou?. In: NETO, J. C. da S.; et al. **Os saberes e os fazeres de professores de português e de pedagogos no chão da universidade**. Belém-PA: Home, 2023.
- DABAT, C. R. **Moradores de engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. Editora Universitária UFPE, 2007.
- DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho**. Campina Grande: EDUEPB, 2015
- FALCHETTI, C. A. **Contribuições da literatura ao ensino de sociologia: o cortiço como conteúdo na mediação didática**. Dissertação ( Mestrado ProfSocio) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). São Paulo, p. 97. 2021. Acesso em: Dezembro de 2022.
- FERREIRA, J. G.; PAIVA, A. L. O.; MÉLO, A. B. de. Representações dos retirantes das secas do Semiárido nordestino. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 55, p. 9-27, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/73031> . Acesso em: Fevereiro de 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. Fundação Joaquim Nabuco, 1996.

- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Global, 2013.
- FREITAS, M. C. M. de. Seca, fome e morte: uma experiência de leitura literária de O Quinze, Rachel de Queiroz em sala de aula. **Revista Garrafa**, v. 18, n. 53, p. 236-255. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/38852> . Acesso em: Novembro de 2022.
- IPIRANGA, S. D. da S. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola. **Rev. de Letras**, v. 1, n. 38, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/49493> . Acesso em: Novembro de 2022.
- JUNIOR, E. B.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O. dos.; SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p.36-51, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356> . Acesso em: Outubro de 2022.
- LIMA, M. H. C. C. de A.; et al. Formando-se na contramão: a licenciatura em ciências sociais sob a perspectiva de estudantes egressos. E-BOOK VII ENESEB. Campina Grande: **Realize Editora**, 2022. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/88000> . Acesso em: Junho de 2023.
- MARTHA, A. Á. P. ; NEVES, I. C. B. Itinerário e experimentação de práticas de leituras: propostas de intervenção pedagógica: metodologia, públicos e espaços de leitura. *In*: ESTABEL, L. B.; NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. da S. **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf, p. 139-157, 2012.
- MÁXIMO, V.; MARINHO, R. A. C. Intervenção pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 8208-8218, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23558> . Acesso em: Novembro de 2022.
- NETO, J. F. L. O Nordeste brasileiro – aspectos sociolinguísticos dentro da obra de Graciliano Ramos: Vidas Secas. **REEDUC-Revista de Estudos em Educação (2675-4681)**, v. 8, n. 1, p. 514-529, 2022. Disponível em: <https://revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/12648> . Acesso em: Março de 2023
- OLIVEIRA, J. M. dos S. **A seca e o sertão sob dois olhares: uma análise das obras O Quinze de Rachel de Queiroz, e Os Retirantes, de José do Patrocínio**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas - Campus Sertão, Delmiro Gouveia - AL, 2022.
- OJIMA, R.; NASCIMENTO, T. C. L. do. Nos caminhos para o Nordeste: reflexões sobre os impactos diretos e indiretos da migração de retorno no período recente. **Redes: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 20, n. 3, p. 48-62, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6547581> . Acesso em: Março de 2023.
- PARAÍBA. SEECT-PB. **Proposta Curricular do Ensino Médio da Paraíba**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1q7hNWJL7ScfzW26dAjqXai9oUVpLs4Zf/view> . Acesso em: Outubro de 2022

PORTES, S. da S. Intervenção pedagógica mediada com metodologia ativa team based learning na educação profissional: uma experiência no Instituto Federal de Brasília, Campus Taguatinga. **Outras Palavras**, v. 12, n. 2, 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180429022800id/http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao5/article/viewFile/721/607> . Acesso em: Novembro de 2022.

**Projeto Político Pedagógico** da ECITE José Gonçalves de Queiroz. Sumé-PB, 2022.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. São Paulo: Círculo do Livro, 1930.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. São Paulo: Global, 2020.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351> . Acesso em: Outubro de 2022.

SANTOS, N. A. Dos. O romance de 30: proposta de interpretação a partir das questões da modernização e do Estado, via literatura. **REH**, v. 8, n. 16, 2021. Disponível em: <https://escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/275> . Acesso em: Novembro de 2022.

SANTOS, C. N. dos.; SANTIN, J. R. O coronelismo retratado na literatura brasileira: análise da obra “São Bernardo”, de Graciliano Ramos. **Revista Digital Estudios Historicos**, n. 25, p. 11, 2021. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=d7b1c47b71f171fe> . Acesso em: Janeiro de 2023.

SIGNORINI, I. Letramento e inovação no ensino e na formação do professor de Língua Portuguesa. *In*: \_\_\_\_\_. **Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. Acesso em: Novembro de 2022.

SUASSUNA, L.; NÓBREGA, J. E como anda o ensino de literatura brasileira? Um estudo de práticas nos níveis fundamental e médio. **Revista Desenredo**, v. 9, n. 1, 2013. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/3533> . Acesso em: Novembro de 2022.

XAVIER, A. R.; et al. História e literatura das secas: a seca de 1915 a partir do romance “O Quinze”. **Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 16, n. 3, p. 1022–1043, 2023. Disponível em: <https://www.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/431> . Acesso em: Março de 2023.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A

#### ROTEIRO – 1º ENCONTRO (22/03/2023)

**Primeiro momento:** apresentação da mediadora e dos estudantes. Neste momento cada um dirá o seu nome, idade, os seus gostos literários e artísticos, e uma sugestão de atividade para o clube. A mediadora dará início a apresentação e seguirá na sequência de acentos (sentarão em círculo).

**Segundo momento:** Apresentação introdutória das obras literárias e dos objetivos do clube. A mediadora fará uma breve apresentação sobre os livros “Menino de engenho”, “O Quinze”, “Vidas Secas” e “São Bernardo”, e explicará como funcionará a dinâmica de análise dialógica no clube, que ocorrerá de acordo com as categorias presentes no ensino de sociologia, como socialização, desigualdades, cultura, política, etc., e como todas essas questões dialogarão com a temática de desenvolvimentismo no Nordeste.

**Terceiro momento:** Acessibilidade aos livros, dinâmica dos encontros e escolha do primeiro livro.

Neste terceiro e último momento, trataremos sobre o acesso aos livros, como a mediadora poderá disponibilizar partes deles para cada um; acordaremos sobre a maneira mais viável de discutirmos os livros juntos (se preferem ler partes dos livros em dupla, individual ou ambos, que categorias preferem ficar para a análise, e um possível rodízio destas durante a divisão dos textos, além de levar em conta as sugestões que cada um fez no primeiro momento); e a escolha do livro de literatura, mesmo que a mediadora sugira “Menino de engenho” como o primeiro a ser lido.

#### CATEGORIAS DE ANÁLISE E DISCUSSÃO

Identidade; Cultura; Socialização; Desigualdades Sociais; Diversidade; Política; Migrações; Trabalho.

## ROTEIRO DO SEGUNDO ENCONTRO

Livro: Menino de Engenho – José Lins do Rego (cap. 01 ao 15)

**Primeiro momento:** Uma breve apresentação dos participantes que faltaram no encontro anterior; Sondagem do clube para identificar as dificuldades, ritmo de leitura e se gostaram do que leram. Apresentação dos trechos que chamou mais atenção de cada um e quais categoriais identificaram, iniciando, assim, a discussão sobre o romance, todos tendo o direito e a liberdade de contribuir com a fala do outro, com respeito.

**Segundo momento:** A mediadora trará seus trechos e categorias identificadas durante a leitura dos capítulos, e fará questionamentos e reflexões sobre cada um deles.

### **Identidade**

“A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino meio cético, meio atormentado de visões ruins” (REGO, 2020, p.22).

- Reflexão sobre os impactos sociais na construção da nossa identidade, perspectiva e - -
- filosofia de vida, além dos problemas psicológicos;
- O meio como ferramenta para a construção do eu;
- A família como primeira instituição formativa do ser social e individual.

### **Desigualdades e Migração**

“Outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados. Depois seriam eles os meus bons amigos. Eram os oficiais carpinas e pedreiros, que também se serviam com o senhor de engenho, nessa boa e humana camaradagem do repasto” (REGO, 2020, p.27).

- Naturalização das desigualdades sociais;
- Será que nós ou pessoas à nossa volta, por vezes, também reproduzem discursos que naturalizam as desigualdades no nosso cotidiano, seja elas de gênero, cor, econômica, etc.?
- Como poderíamos tomar consciência e contribuir para a desnaturalização dessas desigualdades?

“Chamava de arribações as rolas sertanejas que desciam, batidas pela seca, para o litoral. Vinham em bando como uma nuvem, muito no alto, a espreitar um poço de água para sede de seus dias de travessia. E quando o avistavam, faziam a aterrissagem em magote, escurecendo a areia branca do rio. Nós ficávamos de espreita, de cacete na mão, para o massacre. E a sede das pobres rolas era tal que elas nem davam pelos nossos intuitos. Matávamos a cacetadas, como se elas não tivessem asas para voar” (REGO, 2020, p.33).

- Realidade vivida não só pelos sertanejos/pessoas que fugiam da seca em busca de sua sobrevivência, mas também dos animais que no Sertão viviam. → Refletir sobre o destino cruel de tantos sertanejos que morreram em busca da sobrevivência durante as migrações.

### **Desigualdades e Educação/Socialização**

“ – Menino só endireita com chinela!” (REGO, 2020, p.39).

- Já ouviram essa expressão de alguém que remete violência à educação?
- Vocês, que um dia foram crianças como eu, acreditam que essa é ou seria a melhor maneira de serem educadas?

“Pelo terreiro da casa viam-se os teréns dos refugiados, chegados ali primeiro do que nós. Eram umas duas famílias, com seus meninos, os seus porcos, as suas panelas, as suas galinhas. Nós, os da casa-grande, estávamos ali reunidos no mesmo medo, com aquela pobre gente do eito. E com eles bebemos o mesmo café com açúcar bruto e comemos a mesma batata-doce do velho Amâncio. E almoçamos com eles a boa carne de ceará com farofa” (REGO, 2020, p.44).

- Que medo era esse que todos sentiam, em todas as classes sociais?
- Será que esse medo chegava da mesma maneira para todos, como Carlos imagina?

(Reflexão e crítica às desigualdades, pois as classes populares, estes refugiados, sofrem mais riscos e sentem de forma mais intensa os impactos ambientais, a destruição que as chuvas fizeram na vida deles → pode haver um paralelo com o filme “Parasita” e a fala do Coronel José Paulino sobre preferir perder sua plantação para as chuvas do que para o sol).

“Depois mandaram-me para a aula dum outro professor, com outros meninos, todos de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo

separado para eu beber água, e um tamborete de palhinha para ‘o neto do coronel Zé Paulino’. Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás” (REGO, 2020, p.48).

- Isso ainda acontece nos dias de hoje? Vocês têm algum exemplo para relatar?

(Relato sobre a possibilidade da menina do prefeito de Bananeiras ir estudar numa creche pública do município).

**Terceiro momento:** Combinar os capítulos a serem lidos para o próximo encontro e pedir para que cada um crie e leve alguma arte/poema/cordel que remete ao livro e ao clube em si.

## ROTEIRO DO TERCEIRO ENCONTRO

### MENINO DE ENGENHO – JOSÉ LINS DO REGO

**Primeira parte:** Apresentação, leitura e debate coletivo sobre os trechos que alguns dos estudantes me enviaram para o encontro.

→ Capítulo 2; → Violência contra mulher

→ Capítulos 4 e 7; → Por que você identifica cultura e identidade no capítulo 4? Por que a desigualdade social estaria presente no capítulo 7?

→ Podemos construir uma discussão sobre a cultura e identidade estarem presentes no processo de socialização, e também seria possível refletir sobre o comportamento da sinhazinha ser considerado pior do que o dos demais da casa-grande com relação aos negros, na visão do menino.

→ Capítulos 25 e 27; → Capítulo 25 trata da formação identitária do menino Carlos;

→ Capítulo 27 – Pensar sobre a morte do senhor de engenho e a decadência do engenho. → O olhar de Zé Lins sobre a importância de preservar a propriedade da família, como um herdeiro da aristocracia açucareira do Nordeste.

O meu sono desta noite foi curto. De manhã me levaram para tomar leite ao pé da vaca. Era um leite de espuma, ainda morno da quentura materna. O meu avô andava vestido num grande e grosso sobretudo de lã, falando com uns, dando ordens a outros. Uma névoa como fumaça cobria os matos que ficavam nos altos. Os moleques das minhas brincadeiras da tarde, todos ocupados, uns levando latas de leite, outros metidos com os pastoreadores no curral. Tudo aquilo para mim era uma delícia — o gado, o leite de espuma morna, o frio das cinco horas da manhã, a figura alta e solene de meu avô.

O cotidiano da vida de um menino da casa-grande e dos moleques da “rua”, todos crianças, porém, sem nenhuma igualdade de exercer a sua infância da mesma forma. → Desigualdade social.

### **Segunda parte:**

**Cultura:** “A religião dele não conhecia a penitência e esquecia alguns dos mandamentos da lei de Deus. Não ia às missas, não se confessava, mas em tudo que procurava fazer lá vinha um ‘se Deus quiser’ ou ‘tenho fé em Nossa Senhora’” (REGO, 2020, p.54).

- Vocabulário religioso → Construção social e cultural;
- Já pararam pra pensar sobre o quão religiosa é a cultura nordestina?
- Já se questionaram sobre os tipos de expressões linguísticas que usamos no nosso cotidiano referente ao catolicismo?
- A nossa religiosidade é popular?

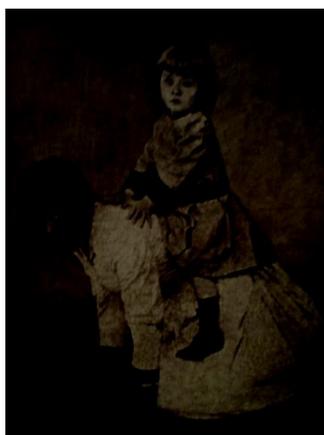
“O lobisomem existia, era de carne e osso, bebia sangue de gente. Eu acreditava nele com mais convicção do que acreditava em Deus. Ele ficava tão perto da gente, ali na Mata do Rolo, com suas unha de espetos e os seus pés de cabra! Deus fizera o mundo somente. Era distante dos nosso medos, e nós não o víamos como a José de Cutia com o seu cesto de ovos. Pintavam o lobisomem com uma realidade tão da terra que era mesmo que eu ter visto” (REGO, 2020, p.63).

As histórias folclóricas são parte de uma cultura popular, regional e contextual. → Quanto mais próximo dos sujeitos a história é construída, mais sentido e significância há no processo de assimilação das informações. → Importante ponto para falar do processo de ensino aprendizagem tanto para o David Ausubel quanto para o Paulo Freire.

### **Desigualdades sociais e Socialização**

“As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a ‘rua’, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As suas filhas e netas iam-lhes sucedendo na servidão, com o mesmo amor à casa-grande e a mesma passividade de bons animais domésticos. Na rua a meninada do engenho encontrava os seus amigos: os moleques, que eram os companheiros, e as negras que lhes deram os peitos para mamar; as boas servas nos braços de quem se criaram. Ali vivíamos com eles, levando carão das negras mais velhas, iguais aos seus filhos moleques, na partilha de seus carinhos e de suas zangas” (REGO, 2020, p.69).

- Por que Carlos se expressa dessa maneira?
- Reflexão sobre o pensamento de Carlinhos e a naturalização das desigualdades;
- Romantização das relações interpessoais entre o senhor de engenho e os/as escravizados/as.



“Cachorrinhos com barriga partindo, de magros, acompanhavam seus donos para a servidão. Rondavam pelos cajueiros, perseguindo os preás. Porém não pisavam no terreiro da casa-grande. Os cachorros gordos do engenho não davam trégua aos seus infelizes irmãos da pobreza” (REGO, 2020, p.100).

- Não há relações horizontais, como bem expressa Carlinhos no trecho acima. Há uma contradição contínua durante a narrativa do livro, porque a vida cotidiana pode ser contraditória, e ela é narrada em detalhes pelo menino;
- Até os animais eram alvos do processo de civilização de acordo com as classes sociais de seus “donos”.

“O costume de ver todo dia esta gente na sua desgraça. Nunca, menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia-me ver nisto uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos” (REGO, 2020, p.101).

- Socialização como construção do self → o comportamento, sentimento, pensamento..., não é uma construção, somente, individual. A construção do nosso eu, da nossa identidade também é social e culturalmente ensinada.



## ROTEIRO DO QUARTO ENCONTRO

### 1º DEBATE SOBRE “O QUINZE” – RACHEL DE QUEIROZ

**Primeira parte:** Apresentação da breve biografia da Rachel de Queiroz, a relação dos seus

romances com a sociologia e a sua perspectiva de Nordeste, a partir do livro “A invenção do Nordeste e outras artes” e do prefácio “Um romance que não envelheceu” por Adolfo Casais Monteiro, do próprio livro “O Quinze” .

**Segunda parte:** Debate sobre os trechos que os integrantes levarão e o que levarei para o encontro, e a partir deles conversaremos sobre fenômenos sociais e naturais retratados no romance.

“ – (...) andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou: – Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...” (QUEIROZ, 1930, p.33). → Desvio de dinheiro público (corrupção); Retomar ao que foi falado no primeiro debate sobre “Menino de engenho”, quando tratamos sobre Gilberto Freyre utilizar a seca nordestina como justificativa para interesses econômicos e atenção governamental, e discutimos sobre o desvio de dinheiro público enviado para financiar políticas públicas para a população sertaneja. (POLÍTICA)

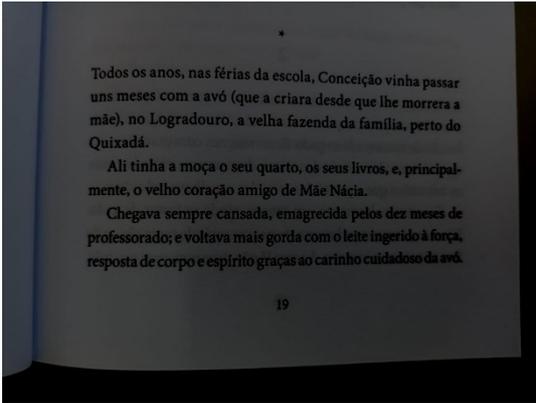
**Terceira parte:** Conversaremos sobre a construção dos cordéis e falaremos sobre a importância das mulheres na literatura.

## ROTEIRO DO QUINTO ENCONTRO

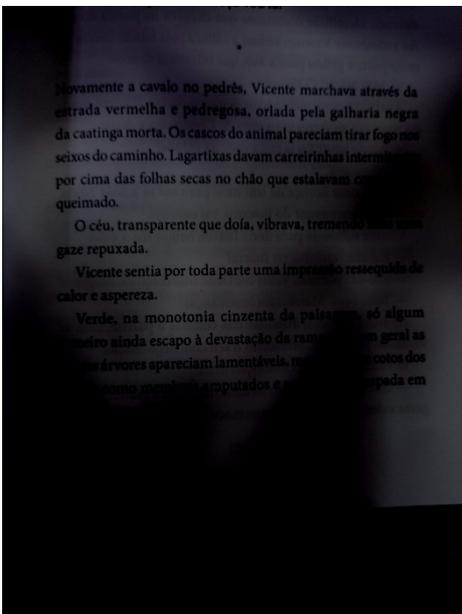
### 2º DEBATE SOBRE “O QUINZE” – RACHEL DE QUEIROZ

**Primeira Parte:** Começaremos lendo um trecho de um dos contos de Clarice Lispector, de seu livro “Clarice Lispector: Todos os contos”, pois todos sentem muito apressado pela escritora e pediram para lermos algo em algum encontro, e tentaremos dialogar com o próprio romance a ser discutido.

**Segunda Parte:** Leitura e discussão dos trechos, comentários e análises dos alunos sobre o livro.



- O que significa esse trecho para você?
- Será que poderíamos abordar a precarização do trabalho docente no início da carreira profissional?
- Avós como símbolo de cuidado e carinho.



Qual sua impressão ao ler esse trecho? Por que você destacou-o?

- Descrição do ambiente e do personagem; Relação entre ser humano e natureza.

→ Samuel: “*Identidade*”: a busca pela identidade nordestina é um dos temas centrais do livro, já que a autora retrata as dificuldades dos personagens em se reconhecerem como parte de uma região marcada pela seca e pela pobreza.

*Cultura*: a cultura nordestina também é explorada na obra, principalmente por meio da

linguagem e das tradições populares que são desenvolvidas ao longo da narrativa.

*Desigualdades sociais:* as desigualdades sociais entre ricos e pobres são retratadas de forma contundente no livro, especialmente em relação aos personagens que vivem no campo e que sofrem com a seca.

*Migrações:* a migração de personagens do campo para a cidade é outro aspecto importante do livro, já que muitos deles buscam uma vida melhor em Fortaleza ou em outras cidades.

*Trabalho:* o trabalho é um tema recorrente na obra, já que os personagens lutam para sobreviver em meio à seca e à falta de oportunidades, seja trabalhando na roça, em fábricas ou como empregados domésticos”.

(pedirei para que ele relate as partes do livro que ele conseguiu identificar todas essas características, e juntos discutiremos)

**Terceira parte:** Trechos grifados por mim que podem ser destacados e debatidos no encontro, caso eles não levem tantos trechos ou para complementar as falas deles durante a discussão.

“ – (...) Então mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras? Dona Inácia sorriu, conciliadora: – Mas, minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão – sempre saem essas histórias... Além disso não é uma negra; é uma caboclinha clara... (QUEIROZ, 1930, p.63-64). → Racismo!

“(...) o verdadeiro destino de toda mulher é acalentar uma criança no peito... (...) Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...” (QUEIROZ, 1930, p.149). → Desigualdade de gênero; Conceição à frente do seu tempo – Uma mulher revolucionária!; O lugar da mulher no Nordeste patriarcal.

“Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. Cordulina, no entanto, queria-o vivo. Embora sofrendo, mas em pé, andando junto dela, chorando de fome, brigando com os outros... E quando reencetou a marcha pela estrada infundável, chamejante e vermelha, não cessava de passar pelos olhos a trêmula: – Pobre do meu bichinho!” (QUEIROZ, 1930, p.65).

→ Morte no processo de migração causada por problemas políticos e sociais no sertão do Nordeste. A seca é um problema social, político e econômico!;

“(…) Mas também o Amazonas, hoje, não vale a pena... Nem ao menos borracha está dando dinheiro... E no Maranhão, pelo que dizem, é mesmo que ir buscar a morte... (..) Subitamente, Conceição teve uma idéia: – Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer... O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente: – É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre. O que eu quero é arribar. Pro norte ou pro sul... Timidamente, Cordulina perguntou: – E é muito longe, o São Paulo? Mais longe que o Amazonas? – Quase a mesma coisa. E lá não tem sezão, nem boto, nem Jacaré... É uma terra rica, sadia... Chico Bento ajuntou: – Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra de dinheiro, de café, cheia de marinheiro... Conceição levantou-se, rebatendo o vestido: – Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos... (..) E despedindo-se, Conceição saiu vagorosamente, pensando que poderia dar bom impulso à roda daqueles destinos, levando-os a um caminho melhor, mais suave e mais largo...” (QUEIROZ, 1930, p.109).

“Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos... Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas do Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...” (QUEIROZ, 1930, p.114).

→ Nestes últimos e longos trechos destacarei o olhar dos Nordestinos para São Paulo como se lá fosse a terra prometida, de oportunidades, de mudança de vida. A família de Chico Bento passa por dois tipos de migração, a primeira é migração por sobrevivência, a segunda é a em busca de uma vida melhor. São Paulo é a “terra rica”, é o sonho dos nordestinos do século XX. Será que esse tipo de ideal e migração acabou ou perdura até os dias de hoje?; - Ouviremos juntos a canção “Fotografia 3X4” do Belchior.

## ROTEIRO DO SEXTO ENCONTRO

### DEBATE SOBRE “VIDAS SECAS” – GRACILIANO RAMOS

**Primeira parte:** Iniciaremos com o sorteio dos livros “Revolução dos Bichos” e “O diário de Anne Frank” e serão recolhidos os termos de compromisso de quem ainda não entregou.

**Segunda parte:** Debateremos sobre cada capítulo do livro “Vidas Secas” que escolheram para ler e discutir no encontro, quais sejam:

“Mudança” – Raissa; “Cadeia” – Carol; “Sinha Vitória” – Gustavo; “O Menino Mais Novo” – Samuel; “Baleia” - Ana Emília; “O Soldado Amarelo” – Manu; “Fuga” – Talita.

Cada um destacará o que chamou mais atenção no capítulo, o que entenderam sobre ele, e quais tipos de categorias encontraram (diversidade, migração, desigualdades sociais, identidade, cultura, política, trabalho, socialização).

### **OBSERVAÇÕES DOS ESTUDANTES**

*Identidade:* a forma como o menino mais novo é visto e tratado pelos outros personagens, sua identidade como filho mais novo da família e sua relação com sua própria imagem.

*Cultura:* a cultura local é retratada no capítulo, como os personagens interagem com o ambiente e as tradições culturais da região.

*Socialização:* o capítulo aborda a socialização do menino mais novo, seu processo de aprendizado e desenvolvimento social, incluindo a relação com outros membros da família.

*Desigualdades Sociais:* há uma clara representação das desigualdades sociais no capítulo, principalmente na forma como a família vive em condições precárias e lida com a pobreza.

*Diversidade:* a diversidade da região e de suas comunidades é representada, incluindo a mistura de culturas e tradições.

*Trabalho:* o capítulo aborda o trabalho da família na fazenda, sua rotina e condições de trabalho.

### **Interdisciplinaridade com sociologia acerca do trabalho e a hierarquia familiar:**

No livro vidas secas pode-se fazer uma contextualização com sociologia segundo o pensamento de Karl Marx acerca do trabalho ,onde Fabiano e sua família detinham os meios de trabalho para sobrevivência levando a vida precária e quase escrava , além disso nota-se que o homem está sempre a frente da família como provedor e a mulher submissa mas administradora da

família.

### CAPÍTULO 13 - FUGA:

- Migração: "Seria necessário largar tudo?"

Buscavam fugir da seca visando sempre uma qualidade de vida melhor , já que com a escassez de alimento a vida tornava-se impossível ;

Lembra-me também dos retirantes que como eles "não tinham nada " e sempre estavam a se locomover em busca de meios de sobrevivência.

- Transporte

O meio de viagem era sempre andando,em uma certa parte do caminho Fabiano aconselha que os meninos poupe forças, nota-se o desejo que eles tem de não deixar a terra onde habitam e mostra que a necessidade se maior que o amor a terra. Outro ponto é a exaustividade dessas viagem que eram de sol a sol.

Além das pontuações/relatos de cada um, farei um breve resumo sobre quem foi Graciliano Ramos, o seu estilo de escrita e sua influência como escritor e político na região Nordeste e em todo o Brasil.

**Terceira Parte:** Realizaremos um feedback sobre como foi a experiência de participar do clube, o que gostariam que tivesse acontecido, o que mais acharam interessante, quais aprendizados tiveram, etcetc., e, assim, finalizaremos todos os encontros do clube.

**APÊNDICE B****TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**

Eu, \_\_\_\_\_, gestora da ECIT José Gonçalves Queiroz, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: “CONHEÇO O MEU LUGAR”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA, nesta instituição, que será realizada no período de Março a Abril de 2023, tendo como pesquisadora responsável a Prof<sup>ª</sup>. Dr. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima e a orientanda Nandhara Bezerra da Silva.

Sumé-PB, 02/02/2023

---

**NOME COMPLETO DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO**

**ASSINATURA E CARIMBO**

## APÊNDICE C

**TERMO DE ASSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, menor, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “CONHEÇO O MEU LUGAR”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA. O estudo tem como objetivo abordar em sala de aula, no novo ensino médio, uma perspectiva sociológica sobre a historicidade do desenvolvimento do Nordeste brasileiro a partir de um diálogo com obras literárias da geração de 30.

Fui informado (a) pela pesquisadora Nandhara Bezerra da Silva, residente na Rua Francisco Odon Souza – Várzea – Sumé-PB, de número para contato (83) 99934-0298, de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, permitindo registros de voz e imagem, e sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer prejuízo, seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/ HUAC

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n,

São José, Campina Grande – PB,

E-mail.: [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br),

Telefone.: (83) 2101 – 5545.

Sumé-PB, 02 de Fevereiro de 2023.

---

Pesquisador (a) Responsável

---

Assinatura do voluntário/ menor ou responsável legal

## APÊNDICE D

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ESTUDO:** “CONHEÇO O MEU LUGAR”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA.

*Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa acima citada. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.*

Eu, (inserir o nome, profissão, residente e domiciliado na) .....

....., portador da Cédula de identidade, RG ....., e inscrito no CPF/MF..... nascido(a) em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “CONHEÇO O MEU LUGAR”: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E SOCIOLOGIA. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- 1 O presente trabalho será desenvolvido por um viés interdisciplinar, utilizando a sociologia, a história e a geografia no campo das ciências humanas e a literatura no campo das linguagens. Propondo-se, especificamente, a um diálogo entre sociologia e literatura por meio da realização de uma intervenção pedagógica. Tendo como principal intuito responder a seguinte questão: como abordar em sala de aula, do ensino médio, uma perspectiva sociológica sobre a historicidade do desenvolvimento do Nordeste a partir de um diálogo com obras literárias da geração de 30?.
- 2 Escolheu-se trabalhar com os romances de 30 por retratarem o contexto metamorfósico, que ocorria com a chegada da industrialização/urbanização no Brasil. Então, serão analisados os seguintes obras: “Menino de Engenho” do José Lins do Rego, “Vidas Secas” e “São Bernardo” do Graciliano Ramos, e o “Quinze” da Raquel de Queiroz.

- 3 A pesquisa foi pensada com o intuito de dialogar, especificamente, os conteúdos de sociologia com a literatura. A ideia é realizar uma intervenção pedagógica na Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) José Gonçalves de Queiroz, do município de Sumé-PB, localizado no Cariri Ocidental Paraibano. Esperando-se que seja possível trabalhar determinados temas a partir de diferentes perspectivas e áreas de conhecimentos a partir de um olhar mais contextual e regional, em sala de aula.
- 4 Os resultados da pesquisa serão mantidos em sigilo, exceto para fins de divulgação científica.
- Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa
- Desejo conhecer os resultados desta pesquisa
- Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- 5 O participante receberá uma via assinada do presente documento, que garante os direitos dos participantes da pesquisa.
- 6 A legislação brasileira não permite que o participante tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. No entanto, ele será ressarcido, nos termos da lei, caso alguma despesa associada à pesquisa venha a ocorrer.
- 7 Caso o participante tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.
- 8 Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, situado a Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, CEP: 58401 – 490, Campina Grande-PB, Tel: 2101 – 5545, E-mail: [cep@huac.ufcg.edu.br](mailto:cep@huac.ufcg.edu.br); Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Sumé - PB, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

---

Responsável pela pesquisa:

**Nandhara Bezerra da Silva, estudante da Licenciatura em Ciências Sociais da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do CDSA/UFCG, matrícula nº 719130037.**

E-mail da pesquisadora responsável: [nandharasilva64@gmail.com](mailto:nandharasilva64@gmail.com)